

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SÓCIO-ECONÔMICO
DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL

ANGELA RECH

**DO PRINCÍPIO A ATUALIDADE: AS TRANSFORMAÇÕES NO TRABALHO
COM GRUPOS DE IDOSOS NO SESC – FLORIANÓPOLIS/ SC.**

DEPTO. SERVIÇO SOCIAL
DEFENDIDO E APROVADO

EM: 11/08/06


Rosana Maria Gaio
Dep'to de Serviço Social / CSE

FLORIANÓPOLIS
2006

ANGELA RECH

**DO PRINCÍPIO A ATUALIDADE: AS TRANSFORMAÇÕES NO TRABALHO
COM GRUPOS DE IDOSOS NO SESC – FLORIANÓPOLIS/SC.**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Serviço Social, Departamento de Serviço Social, Centro Sócio-Econômico, Universidade Federal de Santa Catarina.
Orientadora: Prof. Rosana de Carvalho Martinelli Freitas

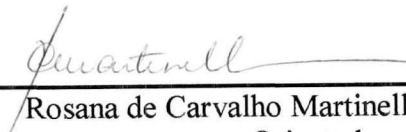
FLORIANÓPOLIS
2006

ANGELA RECH

**DO PRINCÍPIO A ATUALIDADE: AS TRANSFORMAÇÕES NO TRABALHO
COM GRUPOS DE IDOSOS NO SESC – FLORIANÓPOLIS/SC.**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel no Curso de Serviço Social, do Departamento de Serviço Social, do Centro Sócio-Econômico, da Universidade Federal de Santa Catarina.

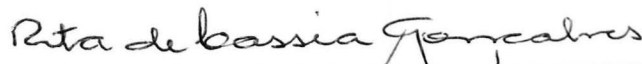
BANCA EXAMINADORA



Rosana de Carvalho Martinelli Freitas, Doutora.
Orientadora



Rosilda Machado da Silva
1º Examinadora



Rita de Cássia Gonçalves
2º Examinadora

Florianópolis, agosto de 2006.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer aos meus pais Vitor Paulino e Luiza, pela minha existência e pela oportunidade de estar concluindo hoje mais essa etapa da minha vida. amo vocês! Em especial as minhas irmãs: Anemarie e Roberta, e também aos meus sobrinhos: Luiza Antônia e Gabriel, obrigada pela força de vocês.

A todos os colegas do Curso de Serviço Social, em especial a Angelita pelos vários semestres de companhia.

A todos os professores que contribuíram para a minha formação, com o partilhar de seus conhecimentos. Enfim, a todos que de uma forma ou de outra viveram comigo essa fase.

A minha mestra, professora orientadora Rosana Carvalho Martinelli Freitas, obrigada pela sua dedicação e persistência.

As amizades feitas nesse período e que se solidificaram para o resto da vida: a amiga Ediane e sua família pelo carinho durante os momentos difíceis da minha vida, longe dos meus pais. As amigas Noeli e Cindy, aos amigos Valdeir, Wuili, Leonardo, Rodrigo, Roberto, Yesid, Marc, Luís (Espanha), Luís (México), Oscar, obrigada pela amizade sincera, vocês são inesquecíveis! Em especial a Túlio, valeu por tudo!

As amigas Fabiana e Renata, minhas colegas de estágio no SESC – Florianópolis, e a supervisora Arlei pela dedicação e paciência no meu processo de aprendizagem, obrigada por tudo.

Aos idosos que proporcionaram uma mudança na minha vida, transformando-me a cada dia que passa em uma pessoa melhor.

Ao pessoal do NIPEG e Serviço Social/ HU, pela amizade e carinho recebido nesses meses em que estive com vocês. Muito obrigada!

As entrevistadas, pela atenção e carinho em me receber em suas casas, ou então sair delas para participar da entrevista, objetivando a construção deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Ao pessoal do Conselho Estadual do Idoso, pelo fornecimento do Quadro Demonstrativo dos Conselhos Municipais do Idoso de Santa Catarina.

As colegas e professora da disciplina optativa de ginástica mista, obrigada pela convivência nesse meu último semestre, junto a Universidade Federal de Santa Catarina.

Em especial a amiga e colega de casa, Cris, pela força, carinho e pelas várias e longas conversas nesse tempo de nossa convivência.

A todos que no decorrer da minha vida, contribuíram de uma forma ou de outra para que eu pudesse estar aqui. Não esquecendo inclusive aos que auxiliaram antes mesmo da minha vinda (Marta e Cacaoio).

E não poderia faltar, ao pessoal do antigo supermercado Santa Mônica. A D. Inês, responsável pelo meu primeiro trabalho de carteira assinada, obrigada por ter apostado na minha capacidade! E é claro, não poderia faltar o abraço carinhoso a uma pessoa muito especial, uma mãe para todos que lá trabalhavam: D. Zilma, obrigada pelo carinho recebido, és um anjo em forma de pessoa! Que Deus a abençoe!

Angela Rech

*Vocês não queiram mal, aos que vem de longe,
aos que vem sem rumo certo, como eu vim, as
tempestades é que nos atiram para as praias sem
fim...*

Judas Isgorogota

RESUMO

RECH, Angela. **DO PRINCÍPIO A ATUALIDADE: AS TRANSFORMAÇÕES NO TRABALHO COM GRUPOS DE IDOSOS NO SESC – FLORIANÓPOLIS/SC.** 2006. Trabalho de Conclusão de Curso (Serviço Social) Universidade Federal de Santa Catarina.

Este estudo exploratório realiza um resgate histórico do trabalho desenvolvido pelo Serviço Social do Comércio (SESC), em Florianópolis/SC, no que se refere ao trabalho com Grupos de Idosos. Tem como questão norteadora identificar as causas das mudanças e as permanências no trabalho com grupos de Idosos e se estas foram decorrentes das demandas dos usuários, das transformações da profissão, ou das necessidades da instituição. Inicialmente foi realizada uma abordagem sobre a questão do envelhecimento: sobre como a velhice era visualizada em sociedades nômades, o processo de envelhecimento no Brasil, os conceitos utilizados para denominar o processo de envelhecimento e foi feito um resgate da questão da velhice no Brasil. A seguir, apresenta-se o trabalho desenvolvido pelo SESC e as influências políticas, econômicas e sociais sofridas pela instituição e o início do trabalho com Grupos de Idosos no Brasil com as mudanças institucionais ocasionadas pela realidade social. Em seguida, faz-se uma tentativa de resgate sobre como se deu o início do trabalho com Grupos de Idosos em Florianópolis SC, os fatores que antecederam a criação do primeiro grupo e como isso ocorreu, seguido da criação dos demais grupos e as questões que influenciaram e continuam influenciando a realidade do trabalho com grupos. Para essa construção, foi necessário realizar 05 (cinco) entrevistas com as assistentes sociais que desenvolveram trabalho com Grupo de Idosos, buscando recuperar e analisar, como o referido objeto desse estudo foi sendo realizado desde o seu início em 1978 até a atualidade.

Palavras-Chave: *Resgate Histórico, Velhice, Envelhecimento, SESC, Trabalho com Grupos de Idosos, Serviço Social.*

LISTAS DE SIGLAS

BNDE	- Banco Nacional de Desenvolvimento
BNH	- Banco Nacional de Habitação
CAF	- Centro de Atividades Florianópolis
CAP's	- Caixa de Aposentadoria e Pensões
CAs	- Centro de Atividades
CDF	- Conselho do Distrito Federal
CEI	- Conselhos Estadual do Idoso
CF	- Constituição Federal
CFESS	- Conselho Federal de Serviço Social
CHESF	- Companhia Hidro-Elétrica do São Francisco
CMI	- Conselhos Municipais do Idoso
CNA	- Companhia Nacional de Álcalis
CNAS	- Conferências Nacionais de Assistência Social
CNI	- Conselho Nacional do Idoso
CSN	- Companhia Siderúrgica Nacional
DOS	- Divisão de Orientação Social
DR	- Departamento Regional
FNM	- Fábrica Nacional de Motores
FUNRURAL	- Fundo de Assistência ao Trabalhador Rural
IAP's	- Instituto de Aposentadoria e Pensões
IAPM	- Instituto de Aposentadoria e Pensões Marítimos
INPS	- Instituto Nacional de Previdência Social
IPASE	- Instituto de Previdência e Assistência Social dos Servidores de Estado
LOAS	- Lei Orgânica da Assistência Social

LOPS	- Lei Orgânica da Previdência Social
ONG	- Organização Não-Governamental
PAI	- Programa de Assistência ao Idoso
PIB	- Produto Interno Bruto
PLANESC	- Plano Nacional de Ação do SESC
PNAD	- Pesquisa Nacional Por Amostra de Domicílios
PNI	- Política Nacional do Idoso
RMV	- Renda Mensal Vitalícia
SESC	- Serviço Social do Comércio
SUS	- Sistema Único de Saúde
TCC	- Trabalho de Conclusão de Curso
UNIMOS	- Unidades Móveis de Orientação Social

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	10
1	O ENVELHECIMENTO.....	13
	1.1 As Concepções sobre a Velhice.....	13
	1.1.1 A Recuperação dos conceitos sobre: Velho, Velhote, Idoso, Terceira Idade.....	16
	1.2 A Questão do Idoso no Brasil.....	18
2	SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO – SESC.....	25
	2.1 Origens do Serviço Social do Comércio (SESC).....	25
	2.1.1 Mudanças nas Prioridades Institucionais.....	27
	2.1.2 Planos de Ação do SESC, um marco no trabalho institucional: 1980 a 2006	29
3	DO PRINCÍPIO A ATUALIDADE: AS TRANSFORMAÇÕES NO TRABALHO COM GRUPOS DE IDOSOS NO SESC – FLORIANÓPOLIS, SC	33
	3.1 Década de 1960: o começo de tudo.....	34
	3.2 A trajetória do trabalho com Grupos de Idosos no Centro de Atividade Florianópolis, SC: 1970 a 2006.....	35
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
	REFERÊNCIAS.....	63
	APÊNDICE A - Roteiro das Entrevistas e Termo Livre Consentimento	
	APÊNDICE B - Entrevistas realizadas com as Assistentes Sociais	
	ANEXO A - Listas dos Trabalhos de Conclusão de Curso	
	ANEXO B - Cópias Programação das Colônias de Férias dos Idosos	
	ANEXO C - Quadro Demonstrativo dos Conselhos do Idoso em Santa Catarina	

INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso constitui-se de um estudo a cerca das mudanças e das características que se mantiveram no trabalho desenvolvido com Grupos de Idosos no Serviço Social do Comércio (SESC), Florianópolis - SC.

O crescente processo de envelhecimento da população é um fator observado desde o término da Segunda Guerra Mundial, não só em países desenvolvidos; essa característica passou a ser identificada também nos países em desenvolvimento.

No Brasil, esse quadro apresenta-se em números expressivos fornecidos em Kalache e Cols (1987), como no ano de 2025 quando o país contará com mais de 30 milhões de pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, sendo que elas deverão atingir 80 anos ou mais¹.

O SESC foi uma das primeiras instituições a desenvolver trabalhos na área da Terceira Idade sendo que, na cidade de São Paulo, surgiu o primeiro Grupo de Idosos. O SESC - São Paulo, portanto, foi em 1963 o órgão pioneiro a sistematizar programas de atendimento à terceira idade (SESC, 2005). Devido às mudanças conjunturais e sociais, surgiram novas necessidades que alteraram as demandas dos usuários às quais o SESC procurou se adequar.

O foco deste estudo está centrado no SESC Florianópolis – SC, no período de 1978 a 2006 e teve como questão norteadora: “As mudanças e as permanências no trabalho com os Grupos da Terceira Idade, desenvolvido pelo Assistente Social (Técnico de Atividade) são decorrentes das demandas dos usuários, das transformações da profissão, ou das necessidades da instituição?”

Este trabalho foi desenvolvido a partir de um levantamento bibliográfico, dentre a bibliografia foram utilizados os Trabalhos de Conclusão de Curso realizados na instituição SESC no período de 1997 até 2005². Por meio desse levantamento foram identificados vários temas já abordados, entre eles: a convivência intergeracional, a convivência em grupo e a autonomia grupal.

A partir desse levantamento observamos a não existência de pesquisas acadêmicas que tivessem abordado o trabalho desenvolvido pelo Setor de Grupos dentro do SESC, trabalho

esse que, desde seu início em 1978, foi desenvolvido pelo profissional do Serviço Social. Convém ressaltar que na referida instituição o Serviço Social, bem como as outras profissões, desenvolve seu trabalho, mas o profissional não é classificado pela sua formação, mas é denominado de “Técnico de Atividade”.

A metodologia utilizada foi a pesquisa exploratória, tendo como fonte as cinco entrevistas semi-estruturadas realizadas com as profissionais que atuaram e atuam no Serviço Social do Comércio (SESC), unidade Florianópolis. Segundo Gil (1999, p. 43), esse tipo de pesquisa é realizado quando o tema da pesquisa é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis. Para Gil (1999, p. 117), a entrevista é uma forma de diálogo assimétrico em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação, a mesma é adequada para obterem-se informações sobre o que as pessoas sabem, fazem ou fizeram. Porém, há aspectos que não puderam ser analisados devido à inexistência de registros e/ou não recordação por parte das entrevistadas de datas e outros fatores que, na ocasião, influenciaram no trabalho que elas desenvolveram. É importante ressaltar que duas entrevistadas têm vínculo empregatício com a instituição; uma trabalha no Departamento Regional (DR) e a outra é a Técnica do Setor de Grupos no CAF. Nesse sentido, para a realização da entrevista com as duas profissionais em exercício, foi necessária a autorização emitida pelo Diretor Geral.

O SESC possui uma estrutura organizacional dentro de suas unidades e desenvolve ações em 5 (cinco) campos: Campo da Educação, Campo da Saúde, Campo da Cultura, Campo do Lazer e Assistência. Esses campos de atuação são divididos em setores, por isso, serão mencionados neste trabalho: Assistência / Setor de Grupos / Grupos de Idosos.

No primeiro capítulo, apresenta-se um resgate histórico sobre como a velhice era visualizada em sociedades nômades, seguido de uma tentativa de justificar o que ocasionou o processo de envelhecimento no Brasil. Além disso, recuperam-se as várias denominações para o processo de envelhecimento e a questão da velhice no Brasil.

O segundo capítulo teve como principal referência o livro “50 anos do SESC”. Nesse capítulo, discorre-se sobre a criação da instituição, o trabalho por ela desenvolvido e as transformações ocorridas ao longo dos anos em função de questões políticas, econômicas e

¹ O levantamento foi realizado a partir de 1997 até 2005, pois somente a partir destas datas é que os Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) estão disponíveis na sala de monografias do Centro Sócio Econômico da UFSC. Consta como Anexo A.

sociais. Aborda-se, ainda, o início do trabalho com Grupos de Idosos em nível nacional e sua implementação no Estado de Santa Catarina, na cidade de Florianópolis.

O terceiro e último capítulo tem como objetivo apresentar os resultados da pesquisa realizada com as três profissionais que atuaram junto aos Grupos de Idosos e as duas que atuam na instituição, uma no setor de grupos do Centro de Atividade Florianópolis (CAF), e a outra no Departamento Regional (DR). Foi realizado um breve resgate sobre a situação política, econômica e social do país quando da criação do SESC; sobre o início do trabalho do Serviço Social, enquanto profissão, com Grupos de Idosos e sobre a realização desse trabalho a partir da visão de cada uma das entrevistadas até a atualidade.

Acredita-se que este trabalho traz importantes contribuições para a instituição SESC, pois permite apreender as mudanças ocorridas nesses 28 (vinte e oito) anos de trabalho com Grupos de Idosos; bem como permite aos acadêmicos do curso de Serviço Social e demais profissionais da área conhecerem as transformações ocorridas no trabalho com grupos e as razões que as justificaram.

Reitera-se que esta monografia resgata a historicidade do trabalho com Grupos de Idosos, contudo, em decorrência da falta de registros institucionais, outras pesquisas e estudos são necessários para uma melhor apreensão sobre o trabalho desenvolvido junto aos grupos de Idosos no SESC-Florianópolis.

1 O ENVELHECIMENTO

Este capítulo apresenta uma contextualização das divergentes concepções sobre Velhice, Velho, Velhote, Idoso, Terceira Idade, Quarta Idade, bem como aborda a questão do envelhecimento no Brasil e o surgimento das políticas voltadas aos Idosos.

1.1 As Concepções sobre a Velhice

O envelhecimento é algo inerente ao ser humano, porém o que se modifica é a sociedade em que os homens estão inseridos, a concepção existente sobre o mesmo. Beavouir (1990), traz numerosos exemplos de sociedades nômades em que a concepção sobre o envelhecimento e a velhice eram divergentes. Em algumas sociedades primitivas, mais especificamente entre os Hóstitotes, que habitavam a África, o velho era visto como uma pessoa a ser consultada devido ao conhecimento acumulado durante seus anos de vida, obtendo grande respeito do grupo no qual está inserido. “[...] então, não podendo mais trabalhar, os idosos são sustentados. Sua experiência e seu saber servem à comunidade”.(BEAVOUIR, 1990, p. 66). Em outras sociedades as mulheres idosas eram temidas, pois eram vistas como bruxas que poderiam comprometer a própria existência do grupo. Segundo Beavouir (1990, p. 67), “[...] se atribuíam aos velhos – sobretudo às mulheres – poderes mágicos, e porque se tinha medo deles”.

Já os Fangs, que habitavam a parte superior do Gabão e que migravam constantemente à procura de alimento, tinham os velhos como um problema, pois a sua deficiência motora atrasava o deslocamento dessas pessoas. Em decorrência disso, eram deixados na floresta para morrerem de fome ou até mesmo, serem devorados pelos animais selvagens. Beavouir (1990, p. 62), relata que na ocorrência da mudança das aldeias, era comum que os idosos fossem deixados para trás, em completo abandono. Nesse sentido, alguns preferiam serem queimados vivos, afinal já estavam “cansados da vida”.

O medo da bruxaria poderia, em muitas civilizações primitivas, permitir que existissem alguns idosos e que os mesmos fossem respeitados pelos demais integrantes da comunidade. Em outros casos, os idosos viam-se como um peso para o grupo que pertenciam e muitas

vezes a morte parecia ser muito agradável, ou então, o término de sofrimentos e privações advindas dessa condição.

Os Yahgans (povo primitivo que vivia na costa da Terra do Fogo, e que não existe mais) tinham uma outra postura em relação aos seus velhos:

[...] a comida é partilhada por toda a comunidade: os velhos são os primeiros a serem servidos; dá-se a eles o melhor lugar na cabana. Não são nunca deixados sozinhos, há sempre um filho que cuida deles. Nunca são alvo de zombaria. Ouvem-se seus conselhos. (BEAVOUIR, 1990, p. 74-75).

A autora menciona ainda (1990, p. 106) que o velho nessas sociedades é um sub-homem e um super-homem. Incapaz, inútil e também o intercessor, o mágico, o sacerdote: fica aquém ou além da condição humana, e muitas vezes nas duas situações ao mesmo tempo.

Pode-se então observar que as diferentes concepções existentes sobre a velhice eram geradas nas sociedades primitivas, pois tinham um caráter ambivalente.

O envelhecimento mundial apresentou-se de forma mais significativa após a Segunda Guerra Mundial, primeiramente esta era uma característica das sociedades do chamado Primeiro Mundo, principalmente nos países desenvolvidos da Europa, América do Norte e Ásia, porém ocorreu uma mudança no quadro que se apresentava até então.

Os chamados países em desenvolvimento começaram a observar um aumento no envelhecimento da sua população, pois a expectativa de vida foi aumentando consideravelmente a cada ano que se passava. O envelhecimento, anteriormente considerado um privilégio de poucos, tornou-se então uma nova realidade muito presente em todos os países.

Vários fatores contribuíram para o aumento da expectativa de vida de uma grande parcela da população, o saneamento básico (água, luz, esgoto) e principalmente, o avanço da medicina. O descobrimento dos antibióticos foi capaz de evitar a morte de milhares de pessoas que sofriam com doenças infecciosas, como a Tuberculose, que são facilmente eliminadas com o tratamento correto e os cuidados necessários. Os antibióticos passaram a fazer parte da realidade da população, que a partir de então já não mais sofreria a perda de tantas pessoas com as doenças oportunistas e infecciosas.

Outro fator que contribuiu para o aumento da expectativa de vida de um número considerável de pessoas, principalmente nos países em desenvolvimento, foi o grande número

de nascimentos nas primeiras décadas do século XIX e uma baixa nas taxas de mortalidade. Esse processo

[...] é dinâmico, para que a população envelheça é necessário primeiro que nasçam muitas crianças, segundo que as mesmas sobrevivam até a idade avançada e que, simultaneamente, o número de nascimentos diminua. Com isso a entrada de jovens na população decresce e a proporção daqueles que sobrevivem até idades mais avançadas passam a crescer. (KALACHE. VERAS, RAMOS, 1987, p. 204-205).

Por meio dessa realidade, pode-se identificar uma das justificativas concretas do aumento significativo da expectativa de vida da população. Como é conhecido, um dos fatores que contribuiu para que a diminuição de nascimentos ocorresse, foi a descoberta e a produção em larga escala dos métodos contraceptivos. Com a transferência numerosa da população da zona rural para a zona urbana, os contraceptivos passaram a ser utilizados, em larga escala.

Principalmente no processo de industrialização nas décadas de 1960 e 1970, nas grandes cidades, quando as mulheres foram chamadas a atuarem no mercado de trabalho, o qual anteriormente era restrito aos homens. Trabalhar diariamente com uma jornada extensa, cuidar da casa, do marido e ter filhos ficou muito difícil, a solução encontrada foi a diminuição do número de filhos. Segundo Veras (2003, p. 06),

[...] são várias as razões para esta mudança no padrão produtivo. Uma delas, fruto do intenso processo de urbanização da população, é a necessidade crescente da limitação da família, ditada pelo *modus vivendi* dos grandes centros urbanos, principalmente em um contexto de crise econômica. Isto decorre, dentre outros fatores, da progressiva incorporação da mulher à força de trabalho, e das mudanças nos padrões socioculturais decorrentes da própria migração.

As famílias que anteriormente contavam com um grande número de filhos, pois se encontravam em sua grande maioria na zona rural, passaram a ser algo incomum na vida das cidades. Vislumbra-se com o passar dos anos, uma família com um número mais reduzido de integrantes, como citado anteriormente, causa da própria transformação do contexto econômico.

Ainda vivemos em uma sociedade que cultiva mitos e preconceitos em relação à velhice. em relação ao envelhecimento; o velho ainda é considerado por muitos como alguém improdutivo para a família, um aposentado que não contribui para a sociedade, alguém

ultrapassado, uma pessoa chata que vive reclamando de tudo e de todos, que anda de muleta, que sempre está doente ou então pior, que tem mania de médico. Essa visão cria um sentimento de aversão e negação do envelhecimento. Está associada à velhice, a incapacidade de se auto gerir, a debilidade do corpo, as rugas, as dores causadas pelo reumatismo, as doenças que não se tinha antes quando se era jovem.

Outro fator existente nesse processo, segundo Veras (2003, p. 10) é o fato de que não se pode dizer quando uma pessoa se torna velha, para o autor, não é possível estabelecer conceitos universalmente aceitáveis e uma terminologia globalmente padronizada para o envelhecimento. O ser humano tem medo do envelhecimento devido às perdas que acontecem no decorrer da nossa vida, elas acontecem antes, mas na velhice elas se sobressaem e essa realidade é muito dolorosa. Para agravar mais este quadro, vivemos em uma sociedade que cultua a beleza, o bonito, o belo, o ativo, algo que diverge das características do processo de envelhecimento segundo os padrões hegemônicos na cultura ocidental, por isso a idéia de saúde e de estar saudável está associada de forma inconsciente a negação do processo de envelhecimento.

A medicina moderna oferece caminhos que se apresentam como possibilidade de evitar as marcas naturais do processo de envelhecimento: *peeling*, botox, lipoaspiração, cirurgia plástica, medicamentos, entre outros, o que contribui significativamente para a expansão desse mercado e a negação da busca pela essência e compreensão do sentido da vida e do envelhecimento.

1.1.1 A Recuperação dos conceitos sobre: Velho, Velhote, Idoso, Terceira Idade.

A questão do envelhecimento populacional, como mencionado anteriormente, vem chamando a atenção mundial, não somente dos países denominados de primeiro mundo, mas também países em desenvolvimento ou terceiro mundo. Um dos primeiros países a identificar essa transformação populacional foi a França, pois vários observadores começaram a escrever livros sobre a questão da velhice/envelhecimento que apresentavam indicadores para uma velhice tranqüila. Nesse país, no século XIX, de acordo com Peixoto (1998, p. 71), a questão da velhice se impunha essencialmente na noção de *velho* (*vieux*) ou *velhote* (*vieillard*) pela incapacidade de se sustentar, de se auto gerir financeiramente, o indigente, a pessoa

desposuída. Os demais, que possuíam certo patrimônio, eram designados de “patriarcas com experiência preciosa” que detinham certa posição social, administravam seus bens e desfrutavam de respeito, eram em geral designados como idosos (*personne âgée*). Expressões diferentes para designar pessoas na mesma faixa etária.

Peixoto (1998), cita que o termo *Idoso* foi criado para caracterizar de forma mais respeitosa o velho, sendo estes (os velhos) originários ou não de camadas sociais mais favorecidas, ou da população envelhecida em geral. Termo que dá uma nova significação à velhice, agora o indivíduo passa a ser um cidadão a ser respeitado e seus problemas passam a se constituir como necessidade dos idosos.

Após essa nova classificação, em meados da década de 1960, surgiu a categoria *aposentado* que gerou mais respeito, reconhecimento e valorização ao idoso pois, segundo Peixoto (1998, p. 73), eles adquiriram um estatuto social reconhecido. Essa nova classificação ocasionou vários fatores, entre eles o afastamento do trabalho de pessoas que ainda possuem capacidade de exercer a profissão. Para alguns, a aposentadoria representa “a deterioração da pessoa” (PEIXOTO, 1998, p. 74), podendo acarretar o sentimento de inutilidade e encerramento da vida. Porém, para outros, a aposentadoria é vislumbrada como o momento para a realização e concretização de desejos e sonhos não realizados anteriormente, devido justamente ao comprometimento com o desempenho social a ser desenvolvido. A partir desse momento em que a aposentadoria passou a ser vista como uma nova fase da vida, é gerada uma nova terminologia: *a Terceira Idade*, termo utilizado de acordo com Peixoto (1998) para designar uma velhice ativa e independente. Ressalta-se que a criação de novas denominações sociais se refere a uma emergente realidade da velhice, sendo ela ligada a um novo tempo, de lazer (viagens, grupos de dança, participação em coral, teatro), de realizações de sonhos ou antigos desejos.

Porém, essa realidade não é igual para todos os idosos, estudos recentes indicam uma dicotomia nesse processo. Alguns idosos, os que possuem um nível financeiro mais avantajado, desfrutam a realização de seus desejos e sonhos e a outra parcela, a qual deseja sair de uma condição menos favorecida, resta um caminho: a continuidade de se manter ativo e trabalhando. Segundo estudos e pesquisas realizados por Prota (1999, p. 03), a maioria da população brasileira que já completou 65 anos continua trabalhando; continua na chefia da família e contribui com boa parte do rendimento familiar. Observa-se então que grande parte

dos idosos continua trabalhando e não são sustentadas pelos mais jovens, afirmação essa utilizada como forma de firmar a divisão de idades.

Este grupo social, ou seja, a Terceira Idade, despertou os olhares atentos dos prestadores de serviços, pois passou a ser a nova clientela que possui aposentadoria garantida e zela pela sua responsabilidade financeira. Um novo campo garantido de lucro para a rede hoteleira, hotéis fazenda, Balneários, parques aquáticos, cafés-coloniais, excursões, produtos de beleza, academias, entre outros.

Para diferenciar os jovens idosos (jovens aposentados até 74 anos) dos idosos velhos (de 75 anos acima), surgiu na França uma nova denominação para os indivíduos com 75 anos ou mais, a *Quarta Idade* (*quatrième âge*), caracterizando o último estágio da velhice, o final, aos “muito velhos, à imagem tradicional da velhice, ou seja, à decadência ou incapacidade física”. (PEIXOTO, 1998, p. 77).

Novos conceitos e divisões que reforçam os vincos de segregação das faixas etárias, o aumento dos estigmas que envolvem a idade social, a idade biológica e a idade funcional do Ser Humano, surgirá a Quinta idade?!, ou se extinguirá os pré-conceitos que permeiam o processo de envelhecimento?!

Após esta explanação sobre as classificações que se referem ao processo de envelhecimento do ser humano, aborda-se a questão do envelhecimento no Brasil, fazendo um resgate histórico do surgimento das políticas dos Idosos.

1.2 A Questão do Idoso no Brasil

A preocupação com o envelhecimento da população mundial já vindo sendo observada e estudada há alguns anos. Até a década de 1980, o Brasil era classificado como um país de jovens, embora na década de 60, percebeu-se uma transformação na longevidade populacional.

Segundo Peixoto (1998), no Brasil algumas designações sobre a velhice se assemelham a França, porém são mais recentes. Para a autora (1998, p. 77), ainda que existam outros termos classificatórios para a velhice no uso corrente, até essa época o termo que designava a pessoa envelhecida era, sobretudo, ‘velho’. Os documentos oficiais publicados antes dos anos 60 denominavam as pessoas pertencentes à faixa etária de 60 anos “simplesmente de velhas” (PEIXOTO, 1998, p. 77). Foi no final da década de 1960 que certos documentos oficiais e a

maioria das análises sobre a velhice recuperaram a noção de idoso (*personne âgée*), mais uma vez marcando um tratamento de respeito.

Porém, o fator econômico ocasiona diferenças entre as denominações, assim como ocorreu na França. O termo idoso é utilizado para quem advém de uma condição social mais favorecida e velho para designar as pessoas com mais idade e pertencentes às camadas mais empobrecidas da população. Na tentativa de eliminar as diferenças criadas pelos termos utilizados, o termo idoso passa a ser empregado amplamente nos textos oficiais brasileiros.

No ano de 1880, surge um dos primeiros movimentos referentes à questão trabalhista no Brasil, o direito a férias remuneradas para os ferroviários e alguns anos depois, a eles é concedido o direito à aposentadoria. Para Peixoto (1998, p. 79), de 1891 a 1912 esse direito começa a ser estendido a diversas áreas do funcionalismo público no país. Conforme já mencionado, na França a aposentadoria gera uma nova representação social, já no Brasil o processo se assemelha com a criação da Lei Eloy Chaves, em 1923. Esta lei inaugurou um modelo de organização da seguridade no âmbito da proteção ao trabalhador. Criou-se a Caixa de Aposentadoria e Pensões (CAPs), que proporcionou “[...] assistência médica, aposentadoria-doença, assim como pensão para os familiares em caso de morte do segurado”. (PEIXOTO, 1998, p. 79). O modelo, ainda que restrito a algumas categorias profissionais organizadas, teve rápido crescimento ao longo dos anos 20. Segundo Polignano (2003, p. 07):

A primeira CAP criada foi a dos ferroviários, o que pode ser explicado pela importância que esse setor desempenhava na economia do país naquela época e pela capacidade de mobilização que a categoria ferroviários possuía.

Como cita Polignano (2003, p. 07), as CAPs eram financiadas de forma tripartite pelos empregados (3% do salário), empresas e governo; vale ressaltar que as caixas deveriam ser organizadas por empresas e não por categorias profissionais e a criação das mesmas não ocorria de forma automática, já que ela dependia do poder de organização e mobilização dos trabalhadores de determinada empresa para reivindicar a sua existência.

Na década de 1930 as transformações econômicas e a crise do setor cafeeiro geraram um crescimento industrial acelerado que ficou marcado pela presença das classes assalariadas urbanas reivindicando melhores condições de vida, conseqüentemente o Estado passou a intervir nas relações trabalhistas, objetivando conciliar conflitos entre capital e trabalho. Nesta

época, o Estado assumiu a responsabilidade pela proteção social dos trabalhadores e determinou que as CAP's fossem substituídas por outro tipo de instituição, “aglutinando categorias profissionais e abrangendo todo o território nacional.” (BATICH, 2004, p. 34).

Segundo Peixoto, (1998, p. 79) em 1933 foi criado o primeiro fundo de aposentadoria por categoria profissional, o Instituto de Aposentadoria e Pensões Marítimos (IAPM). A autora afirma que inúmeras outras categorias profissionais criaram seus próprios sistemas de assistência social, destacando-se entre eles os funcionários públicos.

Segundo Batich (2004):

os recursos dos IAPs não eram poucos, porque tratavam-se de instituições previdenciárias jovens... nestas condições, poucos trabalhadores haviam atingido o direito de se aposentarem, o que permitia que a receita dessas instituições fosse superior às despesas. Os recursos não utilizados pelos IAPs foram largamente utilizados pelo governo, para aplicação em investimentos diretos em vários setores da economia, beneficiando os empreendimentos industriais com tamanha amplitude que, segundo Eli Gurgel Andrade (2003), transformaram "a Previdência no principal 'sócio' do Estado no financiamento do processo de industrialização do país. (BATICH, 2004, p. 34).

Para Batich (2004), vários decretos governamentais impuseram aos IAPs a subscrição de ações preferenciais de empresas, como a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), a Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (CHESF), a Companhia Nacional de Álcalis (CNA) e a Fábrica Nacional de Motores (FNM). O decreto de criação do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (DL 1.628/52), no artigo 7º, obrigava as instituições previdenciárias a conceder empréstimos em montantes fixados pelo Ministério da Fazenda.

Ocorria, portanto, uma dicotomia nas instituições previdenciárias; de um lado defendiam os interesses dos trabalhadores quando fosse necessário e de outro lado também respondiam por interesses do empresariado, pois as pensões podiam ser utilizadas para investimentos em setores considerados fundamentais para o desenvolvimento industrial.

Em 1960, ocorreu a criação da Lei Orgânica da Previdência Social (LOPS). Em 1966, com a criação do Instituto Nacional de Previdência Social (INPS), ocorreu a unificação de todos os institutos existentes no país, com exceção do Instituto de Previdência e Assistência Social dos Servidores de Estado (IPASE). “Doravante, a Previdência passa a ser questão social de ordem pública.” (PEIXOTO, 1998, p.79). Segundo Peixoto (1998), três categorias

profissionais foram excluídas: os agricultores, os empregados domésticos e os autônomos, os quais foram admitidos no novo sistema somente nos anos 70. No ano de 1971, criou-se o Fundo de Assistência ao Trabalhador Rural (FUNRURAL).

No que se refere às políticas sociais voltadas para a velhice, em 1973, ocorreu a criação da “aposentadoria-velhice, concedida aos homens de mais de 65 anos e às mulheres de mais de 60 anos” (PEIXOTO, 1998, p. 79-80). Segundo Batich (2004), na década de 1970, mais especificamente em 1974, foi criada pela Lei nº 6179 a Renda Mensal Vitalícia (RMV). A RMV era um benefício de âmbito da Previdência Social, financiado com recursos federais de caráter assistencial que concedeu da década de 1975 a década de 1996 uma renda mensal no valor de 50% do salário referência (na década de 1980, a mesma passou a ser de um salário mínimo, conforme preconizava a Constituição de 1988). Conforme Batich (2004, p. 35), para receber o benefício, não havia a necessidade de ter contribuído para o instituto, mas sim ter idade superior a 70 anos ou ser inválido, desde que fosse comprovado que o solicitante não tinha recursos para sua subsistência.

As transformações continuaram ocorrendo na década de 1970, no âmbito da Previdência Social devido as fortes influências da questão econômica (crise interna) e política (ditadura) vivenciada pelo país. Segundo Haddad (2001), esses fatores contribuíram para o rebaixamento do salário-mínimo, o que gerou o aumento do empobrecimento das classes assalariadas.

Referente aos aposentados e pensionistas, com a criação da Lei 6.205/75, “ocorreu a descaracterização do salário-mínimo como fator de correção monetária”(HADDAD, 2001, p.35). Esse fator gerou a quebra do elo entre as reivindicações dos aposentados e das lutas sociais, agravando a situação vivenciada, pois os reajustes dos aposentados e pensionistas passaram a serem calculados com base em um valor abaixo do mínimo.

Em 1979, após a criação da Lei 6.708/79, segundo Haddad (2001), a situação dos aposentados e pensionistas agravou-se, pois ocorreu a mudança da política salarial em que o valor monetário dos salários passou a ser corrigido semestralmente, de acordo com o Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC). Esse reajuste era realizado semestralmente e pouco depois passou a ser realizado com base no salário mínimo anterior, o que gerou uma defasagem enorme nos benefícios recebidos pelos aposentados e pensionistas. Como consequência, emergem com muita força os movimentos sociais por parte desse segmento.

Fernandes (2004, p. 35-36) relata que em 1978 ocorreu a implantação a âmbito nacional, do Programa de Assistência ao Idoso (PAI) e que ele foi desenvolvido em dois momentos: o primeiro foi executado diretamente pelo INPS, que desenvolveu trabalhos junto aos idosos com a criação de Grupos de Convivência nas comunidades; o segundo momento deu-se através “dos asilos (instituições especializadas)”, em que o INPS criou critérios para o internamento de pessoas idosas.

No ano de 1988 ocorreu a promulgação da nova Constituição Federal, segundo Peixoto (1998), é somente aí que se reconhece pela primeira vez a importância da questão da velhice. Foi estabelecido que o valor da aposentadoria não poderia ser inferior a menos de um salário mínimo. Consta em seu artigo 230 que: “a família, a sociedade e o Estado tem o dever de cuidar dos idosos, assegurando-lhes uma participação na comunidade, defendendo sua dignidade e seu bem-estar, garantindo-lhes o direito à vida” (CF, 1989, p.127).

Após a Constituição de 1988, aumentou-se a representatividade dos aposentados junto a sociedade civil e as organizações que os representavam, para a efetivação e concretização dos direitos⁴ garantidos e assegurados pela lei.

Para Borges (2000), uma conquista importante ocorreu com a implantação da Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS), a qual foi aprovada em 1993. O objetivo da lei era proteger a família, a maternidade, a infância, a adolescência e a velhice, tendo como princípio o respeito à dignidade do cidadão, ainda que restritamente. A mesma passou a garantir o direito do cidadão e o dever do Estado para com ele, tendo como característica principal a descentralização, através da participação popular e da criação de conselhos de direitos. Tendo continuidade da garantia do Benefício de Prestação Continuada, o qual fornecia um salário mínimo para as pessoas com 70 anos ou mais.

Os movimentos da sociedade civil e de órgãos governamentais levou o Ministério da Previdência e Assistência Social a gerar um novo marco nas políticas referentes aos idosos, a criação e 1994 da Lei nº 8.842. Essa lei instituiu a Política Nacional do Idoso (PNI) que objetivava “assegurar os direitos sociais do idoso, criando condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade”. (Art. 1º da Lei nº 8.842/94). É importante mencionar que a referida lei foi regulamentada apenas em 1996.

Pelos princípios e diretrizes da Política Nacional do Idoso (PNI), é necessário ressaltar que a finalidade da mesma é “assegurar aos idosos maiores de sessenta anos de idade os

direitos sociais, criando condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade”. (FERNANDES, 2004, p.56). No Art. 4º II, que constitui as diretrizes consta: “participação do idoso através de suas organizações representativas, na formulação, implementação e avaliação das políticas, planos, programas e projetos a serem desenvolvidos” (Art. 4º II da Lei nº 8.842/94). Entra em cena a criação e atuação do Conselho Nacional (CNI), Conselhos Estaduais (CEI), Conselho do Distrito Federal e Conselhos Municipais do Idoso (CMI) que quanto à organização e gestão constam: “os conselhos nacional, estaduais, do Distrito Federal e municipais do idoso serão órgãos permanentes, paritários e deliberativos, compostos por igual número de representantes dos órgãos e entidades públicas e de organizações representativas da sociedade civil ligadas à área.” (Art. 6º da Lei nº 8.842/94).

Nos anos de 1995, 1997, 2001 e 2003, ocorreram as Conferências Nacionais de Assistência Social (CNAS), que objetivavam a regulamentação de ações concretas no que diz respeito aos direitos sociais dos idosos. Conforme Fernandes (2004, p.57) essas conferências geraram a criação do Estatuto do Idoso (Lei nº 10. 741/03), sendo que o mesmo veio regulamentar o dispositivo da Constituição Federal de 1988 e da PNI de 1994, ampliando e assegurando direitos ao segmento social idoso, entre eles os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana.

O Estatuto do Idoso passou a ser um marco nas políticas de proteção social ao idoso, nas disposições preliminares consta em seu art. 1º: É instituído o Estatuto do Idoso, destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos. O Estatuto contém os Direitos fundamentais ao Direito à Vida; à Liberdade, ao respeito e à dignidade; direito Dos Alimentos; do Direito à saúde; Da Educação, Cultura, Esporte e Lazer, Da Profissionalização do Trabalho; Da Previdência Social; Da Assistência Social; Da Habitação; Do Transporte; Das Medidas de Proteção: das disposições gerais, das medidas específicas de proteção; Da Política de Atendimento ao Idoso: disposições gerais, das entidades de atendimento ao Idoso, da fiscalização das entidades de atendimento, das infrações administrativas, entre outras. Destaca-se a conquistas advinda com o Estatuto: a redução da idade da pessoa idosa para obter o direito ao BPC, que passa a ser de 65 anos (art. 34).

O Estatuto amplia os direitos dos cidadãos com mais de 60 anos, priorizando o seu atendimento no Sistema Único de Saúde (SUS), garantindo-lhe a distribuição gratuita dos medicamentos de uso contínuo, das próteses e órteses e outros recursos relativos ao

tratamento, habilitação ou reabilitação (art.15, § 2º), a proibição dos reajustes abusivos dos planos de saúde (art.15, § 3º), além de instituir penas severas para quem desrespeitar, discriminar, coagir, negligenciar, abandonar ou cometer violência contra idosos (art. 96 à art. 108).

Há no Brasil políticas sociais que preconizam o direito aos idosos, mas nem sempre são respeitadas e efetivadas, incluindo a omissão do Estado em relação ao efetivo cumprimento do Estatuto do Idoso. O maior exemplo é o artigo 40 que trata da questão da gratuidade de duas vagas em empresas de transportes interestaduais, com a comprovação de renda inferior a dois salários mínimos e o pagamento de metade do valor da passagem quando as duas poltronas citadas anteriormente estiverem ocupadas. Como não ficou esclarecido quem subsidiaria essas passagens para as empresas de transporte, o artigo encontra-se em seu não cumprimento. Observa-se cada vez a não efetivação de direito garantido em lei.

Para completar esse questionamento segue o capítulo 3 que tange os alimentos e em seu artigo 14 consta: “Se o idoso ou seus familiares não possuírem condições econômicas de prover o seu sustento, impõe-se ao Poder Público esse provimento, no âmbito da assistência social.”(Lei nº 10. 741/03).

Portanto, repassa-se para a família e a sociedade civil a responsabilidade de cuidar dos seus, apresenta-se a idéia de solidariedade, de bondade, de generosidade, de amigos da escola e o Estado passa para um papel cada vez menos atuante, de um Estado mínimo!

Quanto à questão do envelhecimento no Brasil, vale aqui ressaltar a opinião de Salgado (1999):

Infelizmente nas sociedades urbanas, teoricamente mais desenvolvidas, o poder e o prestígio do velho vem decaindo. Podemos vislumbrar duas possibilidades para os nossos futuros velhos. Numa hipótese mais otimista, enxergaremos o cidadão da Terceira Idade como um indivíduo competente que, apesar das suas limitações físicas e perda de alguns espaços sociais, poderá ser alguém, senão economicamente produtivo, socialmente produtivo. Nessa perspectiva devemos investir na cultura, na experiência existencial, e também na atenção às necessidades básicas de nosso velho. Assim procedendo, o velho brasileiro do futuro será um real patrimônio da nossa coletividade. Contudo, se continuarmos a considerar a velhice como um tempo apenas de perda, de decadência, de vazio, de desperdício e de burrice, então o velho brasileiro continuará sendo visto como um peso, e sua experiência um farol iluminando para trás (SALGADO, 1999, p.4).

A seguir, abordara-se o Serviço Social do Comércio (SESC), no que se refere a sua criação, sua atuação junto ao segmento Terceira Idade e no trabalho desenvolvido em Santa Catarina.

2 SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO - SESC

Neste segundo capítulo, realiza-se uma explanação sobre o trabalho desenvolvido pelo SESC desde a sua criação em 1946. Serão abordados os objetivos da instituição e as suas áreas de inserção, assim como as transformações que foram ocorrendo no trabalho desenvolvido. O repensar das atividades tornou-se o ponto forte da instituição, gerando a visibilidade de novos rumos a serem tomados, seguindo a criação e implementação de novos programas e projetos. As principais referências para a elaboração deste capítulo foram o livro SESC 50 Anos. Brandão (1997), Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) de Hermes (1997) e Pereira (1999) e sítio da instituição.

2.1 Origens do Serviço Social do Comércio (SESC)

No final da década de 1940, mas especificamente na década de 1950, o Brasil vivia o pós-guerra e muitas transformações econômicas, sociais e políticas ocorreram sob o comando de Getúlio Vargas. Seu governo ficou marcado pelo populismo e o nacionalismo. Nesta época ocorreu o desenvolvimento das indústrias nas cidades e por conseqüência houve um aumento considerável da concentração demográfica. A precária infra-estrutura expressa através da falta de saneamento básico nas cidades, falta de moradia, falta de serviços de saúde, deficiência na educação, bem como as precárias condições de sobrevivência, contribuíram para aumentar o número de doenças, pois a política disponibilizada pelo governo, não conseguia atender a demanda existente.

Neste contexto social, líderes da indústria, líderes do comércio e da agricultura encontram-se na cidade de Teresópolis, Rio de Janeiro, em maio de 1945 e realizaram a Primeira Conferência das Classes Produtoras (CONCLAP). O objetivo era mudar de forma significativa a relação patrão e empregado e desse encontro originou-se a *Carta da Paz Social*. Nesta, descreve Brandão (1997, p. 10), serviços sociais seriam oferecidos e patrocinados pelo empresariado.

Em 13 de setembro de 1946, na cidade do Rio de Janeiro o Presidente General Eurico Gaspar Dutra assinou o decreto Lei n. 9.853, criando o Serviço Social do Comércio (SESC).

tendo João Daudt d' Oliveira como o primeiro presidente da instituição. Ao SESC ficou destinado “planejar e executar direta e indiretamente medidas que contribuíssem para o bem-estar social e a melhoria do padrão de vida dos comerciários e suas famílias e aperfeiçoamento moral e cívico da coletividade”. (SESC apud BRANDÃO, 1997, p. 11). Naquela época, os recursos da instituição eram originados das contribuições recebidas unicamente dos empregadores.

O SESC é classificado como uma instituição Pública de Direito Privado, sua clientela é formada pelos trabalhadores do comércio e seus dependentes (cônjuge, filhos, enteados e pais), incluindo-se também os empregados de empresas que fazem parte da Confederação Nacional do Comércio. A instituição apresenta-se como sendo uma entidade prestadora de serviço de caráter social e educativo, a qual atua no âmbito do “Bem Estar Social”, que permite de forma direta ou indireta em todas as suas atividades assegurar melhores condições de vida aos trabalhadores do comércio e de seus dependentes, incluindo em seu trabalho, atividades para atendimento a comunidade em geral.

Segundo Brandão (1997), o SESC não poderia intervir em locais de atuação de outros institutos e instituições governamentais e então, o mesmo passou a procurar caminhos que garantissem uma melhoria na qualidade de vida dos comerciários, atuando em três vertentes: assistência à maternidade, assistência à infância e combate a tuberculose. Devido a esse movimento, muitas medidas foram tomadas, uma delas foi a criação de maternidades e prestação de informações as mães para cuidarem corretamente de seus filhos, a ampliação de consultórios odontológicos, a preocupação com os tuberculosos gerou a participação em campanhas de vacinação, de conscientização, de educação sanitária e também assistência médico-hospitalar, as colônias de férias foram criadas em parte, para contribuir para a recuperação da saúde dos comerciários.

As posteriores mudanças como a troca de governo, a modernização e o rápido desenvolvimento econômico, não implicaram em modificações profundas sobre a realidade de vida e das condições de trabalho do operariado. Pelo contrário, elas se agravaram drasticamente e por consequência as greves surgiram.

De acordo com Brandão (1997), no final dos anos de 1940, o SESC passou a diminuir o trabalho desenvolvido junto ao setor médico-assistencial, muitas maternidades e sanatórios foram fechados ou negociados com os órgãos públicos, porém o mesmo continuou a viabilizar

atendimentos aos associados através de convênios. Em 1948 o SESC iniciou seu trabalho no estado de Santa Catarina. A primeira instalação da instituição foi inaugurada no dia 29 de setembro do referido ano, por Charles Edgar Moritz, em Florianópolis. Nesta ocasião suas ações estavam voltadas para o trabalho assistencial, “na área do Serviço Social eram prestados auxílios especiais, que englobavam a assistência alimentar e farmacêutica, incluindo atividades recreativas e educacionais; os serviços médicos prestados objetivavam o combate e a prevenção da tuberculose junto aos comerciários.” (HERMES, 1997, p. 37-38).

2.1.1 Mudanças nas Prioridades Institucionais

No ano de 1951, na cidade de Bertioga - SP, foi realizado a Convenção Nacional dos Técnicos do SESC e nesta se estabeleceu como prioridade para os próximos anos a educação e a recreação. Nessa fase, o Serviço Social passou a desenvolver trabalho com grupos nos setores de Recreativismo, Clube dos Comerciários, Colônias de Férias e Atividades Culturais. Dificuldades² passaram a existir, pois poucas escolas de Serviço Social existiam no país, e muitos profissionais não se sentiam qualificados para desempenhar o trabalho que lhes era solicitado. Segundo Brandão (1997), a instituição investiu na criação de centros de treinamento e de cursos destinados ao aperfeiçoamento de técnicos em Serviço Social, para suprir a carência existente no setor. Portanto, o trabalho com idosos no SESC teve sua origem nas experiências da área de Trabalho com Grupo desenvolvido pelo serviço social, praticamente, desde a criação da instituição, em 1946.

Também nesse encontro, constatou-se a necessidade de flexibilização do plano nacional e dos planos regionais devido às diferenças específicas de cada estado. Outras mudanças ocorreram após a convenção, entre elas, a cobrança de taxas de valores reduzidos com o intuito de valorizar os serviços prestados, pois os mesmos eram disponibilizados gratuitos até então. A partir de então foram criados os restaurantes e as instaladas bibliotecas circulantes; 20% das vagas foram disponibilizadas para as atividades de recreação e educação destinadas a pessoas que não trabalhavam no setor do comércio; remodelou-se a ação da instituição nas atividades recreativas, colônia de férias e também nas atividades culturais.

A construção de Centros de Atividades (CAs) espalhou-se em âmbito nacional e em pouco tempo havia uma infra-estrutura para a realização de atividades educacionais, culturais,

recreativas e médico-assistências. O objetivo era a valorização social do seu público alvo: atividades variadas para adultos, jovens e crianças foram oferecidas e são criadas outras colônias de férias em todo o país. Após 1959, outros Centros de Atividades foram construídos no estado de Santa Catarina.

Na década de 1960, mudanças continuaram a ocorrer no âmbito político, econômico e social. O Brasil passou a ser influenciado pelas tendências internacionais e o SESC “mais uma vez atento à realidade nacional assumiu a *orientação educativa*, objetivando melhorar a qualidade de vida dos comerciários e demais clientes.” (SESC apud BRANDÃO, 1997, p. 17).

A orientação educativa foi compreendida como uma ferramenta a ser utilizada para a transformação da realidade do ser humano, por isso o SESC deu continuidade aos programas já desenvolvidos na área nutricional e de saúde e objetivando atender a população mais desfavorecida e outros restaurantes foram abertos. Conforme Hermes (1997), em Santa Catarina o setor de Serviço Social de Grupo, foi organizado em 1961, tendo sala própria para o desenvolvimento dos serviços. Na cidade de São Paulo, foi formado em 1963 o primeiro Grupo de Idosos, com tal iniciativa o SESC São Paulo tornou-se o órgão pioneiro no Brasil a sistematizar programas de atendimento à terceira idade.

Ainda no início da década de 1960 a instituição começou a desenvolver um programa na área habitacional, porém devido o trabalho desenvolvido ser semelhante ao do Banco Nacional de Habitação (BNH), o programa foi desativado, pois como já citado anteriormente, a instituição não poderia desenvolver atividades que se assemelhassem ao trabalho desenvolvido por institutos e instituições governamentais.

As Unidades Móveis de Orientação Social (UNIMOS), que eram furgões equipados com os mais variados materiais para a realização de cursos, práticas esportivas, exposições, teatro, entre outros, possibilitando a todos o conhecimento do trabalho desenvolvido pela mesma. Foram, segundo Brandão (1997), um marco do trabalho do SESC, pois nas regiões em que não existiam unidades fixas, elas eram deslocadas e se instalavam em escolas, clubes, sindicatos e praças.

Na década de 1970, novas mudanças governamentais ocorreram e conseqüentemente afetaram a população e influenciaram o trabalho desenvolvido pelo SESC. As ações desenvolvidas foram (re) avaliadas em 1974 o *Lazer* passou a ser visto como prioridade sendo mantidos os programas existentes, com exceção do programa de Habitação.

O SESC passou a desenvolver em âmbito nacional o trabalho com idosos e em 1977 esse trabalho foi iniciado em Santa Catarina. O Centro de Atividade de Florianópolis, **em 1978 formou seu primeiro grupo de idosos**, tendo como principal incentivadora para a sua formação a mãe de uma funcionária da instituição. Ela convidou suas amigas para participarem e formaram o grupo “A Vida Continua” e, segundo Pereira (1999), o mesmo contou inicialmente com 13 participantes que se encontravam para a realização de trabalhos manuais, troca de idéias, comemoração de aniversários, passeios, bingos, gincanas e excursões; o sucesso e a procura por outros idosos intenso que foi necessário a expansão do trabalho, criando outros grupos.

Nesta mesma década, as mudanças na sociedade levaram as mulheres por diferentes motivos a se inserirem no mercado de trabalho: auxiliar na renda familiar, porém como consequência, muitas crianças passaram a apresentar problemas graves de saúde, entre eles a desnutrição. Sob a influência da realidade existente, foram criados cursos que possibilitavam um complemento na renda familiar, corte e costura, artesanato, culinária, trabalhos manuais, entre outros². Esses cursos poderiam ser realizados na própria residência e a mulher poderia perfeitamente cuidar da casa, dos filhos e realizar o trabalho no tempo livre. O *Lazer* passou a fazer parte da vida dos comerciários, pois era uma forma de “aliviar” as pressões sofridas no dia-a-dia de quem vivia nas cidades. Ocorreu a expansão significativa das Colônias de Férias, não somente nas praias, mas também em balneários e centros campestres, pois havia um tempo livre a ser ocupado na vida dos comerciários, esse foi o momento da expansão dos serviços de Lazer.

2.2 Planos Nacionais de Ação do SESC, um marco no trabalho institucional: 1980 a 2006

Segundo Brandão (1997, p. 23), no início dos anos 80 o Brasil sofria com problemas de ordem econômica, enfrentando a recessão, a queda do Produto Interno Bruto (PIB), o aumento da dívida externa, o aumento dos juros internos e o aumento do desemprego. Com a abertura política a situação começou a apresentar uma pequena melhora e a classe operaria voltou a se articular.

Em 1982, ocorreram eleições diretas para governadores e vereadores, no ano seguinte, a campanha das Diretas Já, mobilizou o Brasil e em 1985 o colegiado eleitoral elegeu Tancredo Neves para presidente e José Sarney para vice-presidente da república, porém Tancredo faleceu e o seu vice assumiu a presidência (BRANDÃO, 1997).

Novas transformações políticas, econômicas e sociais mudariam o rumo do país e em 1989 o Brasil passou a ter uma nova Constituição. Nessa ocasião o SESC passou por um momento crítico de sua existência, pois somente uma emenda popular contendo inúmeras assinaturas é que sustentava a continuidade da existência do SESC. As crises econômicas seriam uma ameaça constante, pois nesses momentos os seus colaboradores conseguiam somente visualizar o número de tributos exigidos das mesmas e não a relação custo-benefício, aonde estas são as grandes beneficiadas.

Na década de 1980, o SESC foi se transformando e identificou a necessidade da ampliação de atividades culturais pelo país, shows foram realizados com artistas amadores e artistas consagrados. O Projeto Brasileiro criado em 1983 tinha como objetivo proporcionar apresentações para os artistas “esquecidos” e deixados de lado pela mudança constante de interesses da mídia. Assim como este, vários projetos foram desenvolvidos em nível nacional, porém as atividades regionais de manifestação cultural nunca ficaram de lado, estas tinham um olhar atento da instituição para a preservação das expressões populares, para que a perda das mesmas não ocorresse.

No ano de 1986 foi criado o Plano Nacional de Ação do SESC (PLANESC) que visava uma consolidação da identidade institucional e também uma preparação para a realização de atividades mais estáveis, evitando sofrer influências de ordem política no trabalho desenvolvido.

Segundo Brandão (1997), na década de 1990 ocorreu o aumento no índice de atendimentos na área da educação, mais de 2 milhões de atendimentos, principalmente junto ao ensino pré-escolar em que as crianças de 2 e 7 anos eram alfabetizadas, recebiam noções de cuidados com a saúde, aparência pessoal e também contavam com o incentivo a leitura.

Outros PLANESC's, foram elaborados objetivando o repensar do trabalho desenvolvido, característica esta que segue forte junto a instituição e na década de 90 inúmeros projetos foram criados e implementados, sendo que os mesmos serão citados a seguir.

No ano de 1996 foi criado na área do Lazer o projeto SESC PANTANAL, na parte norte do Pantanal, no estado do Mato Grosso do Sul. O objetivo do projeto é o estímulo pelo desenvolvimento sustentável, a preservação e a conservação, a educação ambiental, a pesquisa científica e o ecoturismo social; o local desenvolve estudos, em parceria com universidades, Ongs e institutos de pesquisa (SESC, 2005). A preocupação da instituição com a preservação do meio ambiente fica evidente após a concretização do projeto.

A instituição continuou a atuar junto a Terceira Idade e mais do que nunca implementar atividades que possibilitasse repensar as suas ações, como parte das transformações da sociedade em âmbito mundial e nacional. No ano de 1999, o SESC – Santa Catarina implantou na área de Assistência, o Programa Terceira Idade. Tal programa veio sistematizar as ações que vinham sendo desenvolvidas através do Trabalho com Grupos, pois se acreditava que ele representava uma garantia de espaço, participação, lazer, aprendizagem, troca de experiências, formação e ampliação do círculo de amizade e crescimento pessoal, condição essencial para que todo ser humano viva e se sinta mais pleno, prevenindo desta forma o isolamento social. O Programa Terceira Idade é desenvolvido em núcleos que objetivam trabalhar as relações interpessoais, a ampliação das amizades, a quebra da rotina, a descoberta de interesses, melhorar a convivência familiar, aquisição de novos conhecimentos, combate à depressão e a solidão, motivação para a vida, desenvolvimento e resgate de suas potencialidades, desenvolvimento de atividades físicas, participação em palestras, debates e reflexões, ocorrendo a percepção do importante papel que o Idoso exerce no âmbito familiar e no âmbito social.

Naquele mesmo ano foi criado na área da Saúde o programa OdontoSESC, o mesmo utiliza-se de unidades móveis que oferecem saúde bucal a milhares de pessoas em pequenas cidades e na periferia das capitais, as ações são voltadas a procedimentos clínicos, a educação em saúde e formação de agentes multiplicadores. As unidades móveis trabalham com odontólogos, atendentes de consultório e agentes de saúde.

A sede nacional do SESC, como citado no início deste capítulo, localiza-se no Rio de Janeiro e os departamentos regionais da instituição encontram-se presentes em todas as capitais brasileiras e no Distrito Federal. Em cidades de médio e pequeno porte e a cada ano que passa aumenta sua área de atuação em âmbito nacional. Atualmente a estrutura física é formada por “Centros de Atividades, Unidades Operacionais especializadas como, Colônias de

férias, Hospedarias, Pousada Rural, Teatros, Cinemas, Balneários, Escolas e Áreas de Proteção Ambiental como a Estância Ecológica do Pantanal”. (SESC, 2005).

No estado de Santa Catarina, o SESC conta com um Departamento Regional, localizado na capital do estado e quinze Centros de Atividades, também denominadas de Unidades Operacionais, nas seguintes cidades: Florianópolis, Blumenau, Brusque, Chapecó, Criciúma, Itajaí, Estreito, Joinville, Lages, Laguna, Tubarão, Rio do Sul, Concórdia, Jaraguá do Sul e Xanxerê. Conta também com 2 (duas) Colônias de férias, Blumenau e Cacupé – Florianópolis; as unidades odontológicas são 4 (quatro), nas cidades de Joaçaba, Canoinhas, São Bento do Sul e Araranguá.

Atualmente o SESC realiza e desenvolve trabalhos nas áreas da Saúde, Educação, Cultura, Lazer, e Assistência em âmbito nacional, porém cada área é composta por Projetos e atividades específicas desenvolvidos conforme a região em que a Unidade Operacional está inserida. Vale ressaltar que a instituição está atenta à realidade social em que o país se apresenta. Seu objetivo é a prestação de serviços com valores mais baixos e sua diretriz segue dentro de um trabalho educativo que possibilite um desenvolvimento integral dos indivíduos, possibilitando a compreensão do meio em que vivem e desenvolvendo uma maior compreensão de si mesmo e da sociedade em que estão inseridos. Tendo como foco principal, o comerciário, seus dependentes e a comunidade em geral.

No próximo capítulo, serão analisadas as entrevistas realizadas com as Assistentes Sociais que atuaram no SESC, incluindo também as Assistentes Sociais que continuam trabalhando na instituição, junto ao segmento Terceira Idade; mais especificamente no trabalho desenvolvido na Área de Assistência no SESC – Florianópolis, no que concerne ao Trabalho com Grupos de Idosos.

3 DO PRINCÍPIO A ATUALIDADE: AS TRANSFORMAÇÕES NO TRABALHO COM GRUPOS DE IDOSOS NO SESC – FLORIANÓPOLIS, SC

Este terceiro capítulo foi elaborado a partir das entrevistas realizadas junto as cinco Assistentes Sociais que, no período de 1978 a 2006, foram contratadas pelo SESC como Técnicas de Atividade e que desenvolveram atividades junto ao Setor de Grupos, mais especificamente junto aos Grupos de Idosos, denominados pela instituição como Grupos da Terceira Idade. Cabe ressaltar que destas cinco assistentes sociais, duas ainda desenvolvem trabalhos com Grupos de Idosos, uma atuando diretamente na coordenação do Setor de Grupos do Centro de Atividades Florianópolis e a outra como Coordenadora do Trabalho com Grupos no Departamento Regional.

O capítulo apresenta uma breve contextualização sobre a Economia, a Política, a instituição SESC e o Serviço Social nas décadas de 1960 e 1970, seguido de um resgate histórico sobre como começou o Trabalho com Idosos no SESC Florianópolis. Esse resgate inicial tem como principal referência o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Paulo (1968) que traz o início do trabalho com Grupos, através da criação do Clube de Mães que deu origem anos depois ao Grupo de Idosos. Em seguida, apresenta-se a análise das cinco entrevistas realizadas com as Assistentes Sociais que estarão identificadas como Entrevistada 1 (E1), Entrevistada 2 (E2), Entrevistada 3 (E3), Entrevistada 4 (E4) e Entrevistada 5 (E5)¹. As entrevistas foram analisadas seguindo uma ordem cronológica, ou seja, teve-se como parâmetro a seqüência dos anos em que foram desenvolvidos os trabalhos com os Grupos de Convivência (que continuam sendo desenvolvidos) e que, por conseqüência, contaram em alguns momentos com a atuação de 02 (duas) Assistentes Sociais. Porém, elas foram mantidas por ordem de atuação com os Grupos de Idosos.

As referidas entrevistas focalizam a questão norteadora deste Trabalho de Conclusão de Curso, “As mudanças e as permanências no trabalho com a Terceira Idade, desenvolvido pelo Assistente Social (Técnico de Grupos) são decorrentes das demandas dos usuários, das transformações da profissão, ou das necessidades da instituição?” que objetiva responder quais

¹ As entrevistas constarão como anexo no final deste trabalho, com exceção de uma delas que, conforme solicitado, não será divulgada.

foram as modificações ocorridas no período de 1978 a 2006 e suas causas, no que concerne o Trabalho com Grupos, mais especificamente o trabalho com Idosos.

3.1 Década de 1960: o começo de tudo

Para dar início a esse capítulo, será necessário realizar uma breve contextualização sobre a situação política, econômica e social do Brasil nas décadas de 1970 e 1980, assim como a situação Serviço Social como profissão nesses anos. Segundo Brandão (1997 p. 18-19), nos anos 70 o país vivia uma situação política difícil, pois era conduzido pelos militares (repressões partidárias, ideológicas e sindicais; censura e prisões). No que se refere à economia, o governo procurava a redução do déficit público para equilibrar as “finanças da União”. A situação vivenciada era de redução salarial, cortes nos subsídios ao petróleo e ao trigo, aparelhamento da máquina do Estado para a arrecadação mais ampla de impostos, término da estabilidade no emprego depois dos dez anos, criação do FGTS (Fundo de Garantia por Tempo de Serviço) e essa situação agravava-se nacionalmente. Nas indústrias, as relações patrões x empregados, encontravam-se abaladas justamente pelo “vazio” entre trabalhadores x sindicatos e Estado x sindicatos.

Neste período, a arrecadação do SESC reduziu de 2% para 1,5% e foram adotadas novas estratégias, visando modificar essa situação. De acordo com Brandão (1997, p. 19), no ano de 1961, realizou-se a “Quarta Convenção Nacional” que objetivava uma “avaliação geral”, para então apontar subsídios que serviriam para a criação das Diretrizes Gerais que entraram em vigor no ano de 1973, momento esse em que o *Lazer* passou a ser considerado **prioridade**.

O Trabalho com Idosos era algo novo a ser desenvolvido na instituição e com um caminho desconhecido a ser traçado, sendo que a questão do Envelhecimento passava a ser observada diferentemente na sociedade. Essa transformação foi decorrente do aumento da expectativa de vida e da possibilidade de mudança da própria realidade vivida, principalmente junto às mulheres que enfrentavam o “poder e a autoridade” dos próprios maridos e que vivenciavam dolorosamente as diferenças de gênero.

Em relação ao trabalho do Assistente Social, ressalta-se que sua inserção profissional ocorreu historicamente de forma vinculada à Igreja, apresentando um caráter de benevolência

e caridade. As transformações econômicas e das relações sociais, ampliaram o campo de intervenção do Serviço Social, que “rompe com o estreito quadro de sua origem para se tornar uma atividade institucionalizada e legitimada pelo próprio Estado e pelo conjunto das classes dominantes.” (IAMAMOTO, 1994, p. 93). Portanto, a atuação profissional passa a ser visualizada como uma forma de “atenuar os conflitos e mediar a relação” entre capital e trabalho.

O Assistente Social “deixa assim de ser um mecanismo de distribuição de caridade privada de classes dominantes, para se transformar em uma das engrenagens de execução das políticas sociais do Estado e setores empresariais [...]” (IAMAMOTO, 1994, p. 94). Tanto o Estado, quanto as Empresas passam a serem os principais contratadores deste profissional, não podendo mais “desvinculá-la da relação com as novas formas de enfrentamento da questão operária, criadas pelo Estado e pelo empresariado [...]” (IAMAMOTO, 1994, p. 94).

Inicia-se o processo de reconceituação; as discussões curriculares passam a ser fazer mais presentes e o Serviço Social vai se modificando. Em decorrência das muitas discussões, vislumbra-se a importância da utilização dos instrumentos teóricos-metodológicos, ético-políticos e técnico-operativos com elementos importantes que permitem uma visualização ampla da sua atuação através dos três eixos articuladores das ações profissionais (Processos Políticos-Organizativos, Processo de Planejamento e Gestão e Processos Sócio-Assistenciais). Esses três pontos se unem e formam a realidade que sofre a interferência de toda uma conjuntura, pois não se pode isolar cada um deles para a análise sem observar as influências e interesses que sempre permearam os interesses institucionais dos profissionais de Serviço Social e também da demanda existente.

3.2 A trajetória do trabalho com Grupos de Idosos no Centro de Atividade Florianópolis, SC: 1970 a 2006

Para a realização do resgate histórico do Trabalho com Grupos de Idosos no SESC Florianópolis, mais especificamente no Centro de Atividade de Florianópolis (CAF) de 1978 a 2006, foi necessário buscar em anos anteriores a 1978 a compreensão de como ocorreu o início do Trabalho com Idosos na referida instituição. Para essa retomada, teve-se como base o

Trabalho de Conclusão de Curso de Paulo, (1968)². A autora foi estagiária na instituição como recreadora infantil, participou de forma ativa nos grêmios e por não ter afinidade com adolescentes, sugeriu a sua chefia a possibilidade de iniciar um grupo de mães que tinham seus filhos na pré-escola.

No referido Trabalho de Conclusão de Curso, Paulo relatou que após a aprovação de um planejamento por ela elaborado para a criação do Clube de Mães, iniciou em abril de 1967 um trabalho de motivação com os pais da recreação pré-escolar, sendo que o primeiro encontro realizado contou com seis senhoras. Após essa reunião, outras foram realizadas semanalmente e apesar da dificuldade do aumento do número de participantes, o grupo foi definindo o trabalho a ser desenvolvido. Sugeriu-se então convidar outras senhoras amigas que não fossem mães das crianças da recreação, já que estas não tinham demonstrado interesse em participar.

O grupo se desenvolveu e definiu a sua atuação e em julho de 1967 foi eleita a primeira diretoria, devido às necessidades identificadas, a realização de festas, as visitas domiciliares as participantes (contando sempre com a presença da Assistente Social) e a integração familiar. Por meio desse TCC, observa-se o movimento de autonomia existente no grupo, pois as integrantes é que definiam a programação das atividades que seriam desenvolvidas nos encontros festivos e em outubro o Clube já contava com treze participantes. Várias atividades foram desenvolvidas, uma das que mais se destacou foi o “Show da Primavera”, realizado no dia 21 de outubro de 1967. Outro fator que chama a atenção é que muitos maridos acompanhavam as suas esposas até a instituição e enquanto elas realizavam o encontro do clube de mães, eles ficavam conversando. Por consequência, surgiu através da motivação da Assistente Social o “Clube de Pais”, sendo que este era formado por onze participantes, oito deles eram maridos de algumas senhoras que participavam do Clube de Mães.

A mesma Assistente Social ficou na chefia da unidade aproximadamente até o ano de 1975, quando foi assumir um cargo de chefia no Departamento Regional do SESC, continuando então o trabalho com os clubes. Em conversa informal com uma senhora que fez parte do Clube de Mães desde 1970, os participantes dos clubes acharam que seria melhor

² A entrevista realizada com a autora do TCC não será inserida neste trabalho, pois esta atuou no Centro de Atividades Florianópolis até 1975 com o Clube de Mães.

realizar a junção dos dois grupos, dando origem então em 1978 ao 1º (primeiro) Grupo de Idosos do Centro de Atividades de Florianópolis que foi denominado “A Vida Continua”. Segundo a E1, a procura pela participação no grupo foi aumentado, sendo necessário criar outros Grupos de Convivência.

A E1 atuou no SESC durante 26 anos, de 1971 a 1997, e anterior a 1975 atuou na área da recreação com o pré-escolar. Com relação ao trabalho que desenvolvia junto aos grupos de convivência de idosos, ela coordenava o grupo e cada um tinha o seu dia e horário estabelecido. Segundo ela o maior número de participantes era do sexo feminino, senhoras viúvas, separadas, que procuravam “uma distração, o lazer”, sendo que o grupo “A Vida Continua” era formado apenas por casais.

A mesma relatou que trabalhou muitos anos com os grupos de idosos, mas que compreendeu qual a importância dos grupos agora que faz parte deles, ou seja, agora que envelheceu.

Pode-se observar, a partir da entrevista, uma das realidades apresentadas na questão do envelhecimento populacional, a crescente “feminilização” da velhice, segundo Veras (2003, p.6-7), com dados observados da PNAD 97, contamos no Brasil “com uma expressiva predominância das mulheres sobre os homens, 55 % e 45 %, respectivamente.” O autor ainda aponta algumas hipóteses para justificar a feminilização do envelhecimento, como as diferenças na exposição a riscos, o consumo de cigarro e álcool, o diferente posicionamento sobre as doenças e principalmente o atendimento médico-obstétrico e a longevidade. As mulheres nos países desenvolvidos tendem a viverem sozinhas enquanto nos países em desenvolvimento, viúvas ou não, elas residem com os filhos.

Segundo a Assistente Social E1:

o trabalho que desenvolvia com os grupos foi primeiramente de trabalhos manuais, depois houve a mudança, pois elas (idosas) não queriam mais trabalhos manuais, e em decorrência teve início trabalhos voltados para o lazer, bingos, dominó, almoço, que era feito por eles mesmos para arrecadação de dinheiro para os passeios, já existindo uma organização entre o próprio grupo, a diretoria.

Nos encontros o Assistente Social repassava os avisos do SESC, os convites, as informações que se avaliava importantes, as dinâmicas de grupos que objetivavam a reflexão com temáticas da atualidade e em seguida continuava com o momento da diretoria para o

repassa de informações específicas do grupo. Compreende-se a partir do relato que os grupos existentes possuíam formas próprias de se organizarem e se reformularem, sendo que eles eram influenciados pelas necessidades de seus participantes, vivenciando as mudanças constantes desse processo que inclui o poder de influência e de ser influenciado (relações de grupo-interesses).

A Assistente Social E1 relatou que foi criada a Colônia de Férias em Cacupé e que o evento era realizado durante alguns dias com as apresentações criadas dos grupos de idosos. A valorização da cultura era vislumbrada como algo muito precioso para a instituição, que sempre se adaptava a realidade local, objetivando a preservação das suas tradições e seus costumes, como já citado no capítulo anterior.

Segundo a mesma entrevistada, com as mudanças das diretrizes do Departamento Nacional do SESC – Rio de Janeiro, o trabalho com o grupo de idosos foi reorganizando e foi feita uma motivação aos pais de comerciários. Então, formou-se um grupo de convivência; o idoso precisava de um local para se reunir, pois as avós não queriam ficar fazendo crochê, tricô, cuidando dos netos e isso foi um fator determinante para a transformação do grupo de idosos. Portanto, as mudanças foram acontecendo a partir de dois fatores; da instituição com as novas diretrizes e dos próprios idosos em não querer mais fazer o que faziam em casa.

Essas transformações aconteceram principalmente pela demanda que surgia no segmento idoso de alterar a imagem estereotipada de “algo fora de utilidade, ultrapassado” (aspas nossas). Para Mascaro (apud FAVERO, 2002, p. 28), o desejo de viver intensamente sua própria vida, de realizar novos projetos, faz com que muitos idosos rejeitem a idéia de que seu único papel é o de vovó tricotando e do vovô de chinelos, buscando por novas possibilidades de viver bem e sentir-se parte integrante de atividades grupais. Com relação à questão institucional, surgiu a necessidade de buscar novos caminhos no trabalho a ser desenvolvido, sempre pensando na inovação que gerará, conseqüentemente, uma transformação na demanda atendida.

No que concerne às datas, a entrevistada E1 não soube precisar quando foram criados os outros grupos de idosos, mas que no ano de 1981 a instituição já contava com 05 grupos. Sendo que a motivação para a criação dos grupos ocorreu através da comunicação oral, sem necessidade de utilizar os demais recursos como televisão e rádio. Ainda nessa década, foi formado o Coral do SESC que realizava vários eventos e apresentações na comunidade e em

aproximadamente 1989 foi criado o Grupo de Ginástica da Terceira Idade onde eram realizadas atividades que visavam a integração entre os Grupos de Idosos, inclusive contando com a participação do Grupo de Danças Chapanã que existia na instituição.

Em sua fala menciona: “imagina, o velho não queria mais bordar, depois ele já fazia ginástica, já dançava, já participava, né...” Relatou também que nas festas juninas os grupos tinham as suas barracas, visando a arrecadação dinheiro e que cada grupo era autônomo, com sua própria gerencia-diretoria, tesoureiro, conta em banco e o SESC não se envolvia com isso.

O surgimento de novas possibilidades e a inovação no trabalho com o idoso sempre garantiu o crescente interesse pela participação deles no grupo, aliadas ao desejo de realizarem algo, de estarem em atividade na condição de “ser pensante” e que é dotado de vasto conhecimento e experiência de vida.

Sobre sua intervenção e atuação, a entrevistada relatou que coordenava, participava, reconduzia o grupo e quando necessário, realizava a inscrição dos grupos, a composição das turmas e também participava diretamente como orientadora do grupo. Posteriormente, a entrevistada² El assumiu a chefia do Setor de Grupos e mencionou a dificuldade em denominar novos membros para a coordenação, pois algumas Idosas permanecem na coordenação durante vários anos.

O grupo sempre sofre a influência de interesses tanto internos quanto externos que geram em alguns momentos um processo de conflito grupal o qual sofre a influência dos coordenadores, sejam eles autoritários ou não. Segundo Moscovici (2003, p.6), os conflitos acontecem na vida em grupo e que em vários momentos, as necessidades e desejos individuais, principalmente de poder e afetividade, gera conflitos intermináveis entre os membros dos grupos. Convém mencionar que a dinâmica grupal sempre sofre influências, sejam elas internas ou externas, e é justamente nesse processo que se insere o trabalho do Assistente Social, como profissional que atua no campo da reflexão, desenvolvendo as ações sócio-educativas. Segundo Lima (2003), as ações sócio-educativas não se resumem apenas no repasse de informações, sejam elas referentes a serviços e/ou direitos, mas são parte de um processo mais amplo em que ocorre a reflexão entre os usuários e o profissional, possibilitando que o usuário se perceba co-partícipe do processo de materialização dos seus Direitos.

Quando interrogada sobre quem definia o trabalho a ser desenvolvido, a E1 respondeu que as Técnicas de Atividade é que elaboravam e definiam as atividades que seriam desenvolvidas com os grupos. Quanto às atividades implantadas, E1 enumerou o grupo de ginástica, o coral, o grupo de dança, o grupo musical: “Perdidos no Espaço”, a Feira do Artesanato do Idoso que reunia mais ou menos 3 mil idosos, contando com encontro dos representantes dos grupos e instituições que iriam participar vendendo o artesanato nas barraquinhas. Porém, isso foi no início do trabalho com grupos, pois segundo ela: “depois ninguém queria mais fazer nada! E aí então, mais ou menos a gente acabou com a feira do artesanato do idoso”; que durou de 5 a 6 anos, até aproximadamente 1994 (não soube precisar novamente a data). A feira contava com a participação de políticos e outras autoridades. As mudanças decorrentes dessa feira aconteceram devido ao fato dos idosos estarem mais participativos e mais criativos, pois o SESC, era a vida deles.

Quanto à aceitação das atividades desenvolvidas, a mesma mencionou que não havia resistência, eles eram convidados a participar e a adesão era grande, pois tudo era novidade, não havia coisas para o idoso fazer e ali eles faziam os bingos, arrecadavam dinheiro para a caixinha, e viajavam. Muitas pessoas viam no grupo a possibilidade da sua liberdade e isso fica claro na fala de uma senhora quando interrogada sobre o que a mesma gostaria. Ela respondeu prontamente: ser viúva!

Evidencia-se nesse momento a questão de gênero que influenciou e influenciava a significativa participação feminina nos grupos de convivência, pois isso era um dos meios de “libertação para a Vida”, era o poder de se autogerir, de sentir-se responsáveis por si próprias, de terem a sua liberdade e principalmente de não depender da autorização de marido ou filhos. Motta afirma (apud FAVERO, 2002, p. 32) que essa realidade pertence ao grande número de mulheres que passaram a vida sob a ordem da questão de gênero, do poder e autoridade masculina que passava do pai para o marido após o casamento. No que se referia aos bingos, a E1 afirma que os idosos se organizavam e a Assistente Social somente observava e ao final acabou que: “o Serviço Social do Comércio (SESC) cedia o espaço, e eles eram os donos! Tá entendendo!? Que as vezes não é muito bom! Que lá em Curitiba eles tiveram que fechar uma vez, assim um tempão, por que eles achavam que eles eram donos!”

Segundo a entrevistada, as razões para a mudança foi em grande parte ocasionada pelos idosos, pois os mesmos sentiram-se capazes de poder sugerir e realizar, e isso evidenciava-se

nas colônias de férias, nos espetáculos, nas apresentações a noite (teatro, dramatizações e serenatas). Durante o dia, a programação era feita pelas Técnicas de Atividade; os idosos realizavam atividades como: caça ao tesouro, momento de reflexão no bosque e foi somente após se tornar idosa é que ela compreendeu a importância de um grupo de idoso. Para ela houve uma evolução desde o início, pois anteriormente o idoso permanecia em casa, foi para o SESC, começou a desenvolver atividades manuais e sentiu necessidade de outras coisas, inclusive novos relacionamentos, quando eles se encontravam sozinhos.

Atuação profissional sempre evidenciada na questão do planejamento das ações, mas sempre atuando de forma flexível que objetivava a participação do idoso no processo de desenvolvimento das atividades de lazer e recreação, pois ele era o maior objetivo da instituição naquele momento.

Referente a atuação em nível de planejamento a Assistente Social E1 citou as reuniões com os estagiários, com os outros setores e com a chefia em que o Serviço Social colocava o seu trabalho. Para o desenvolvimento de novas atividades, eram feitos projetos à chefia que julgava a importância deles para a entidade; então eram enviados ao Departamento Regional, onde seriam aprovados ou não. A atuação do Assistente Social e dos estagiários acontecia diretamente com os grupos e a avaliação era feita com os próprios grupos, “todas as atividades nós avaliávamos com os grupos, todas, nem que fosse um passeio daqui a Itaguaçu.... muitas vezes era questionário também, né...”

Nessa prática, podemos observar novamente o processo de trabalho do assistente Social, que utiliza instrumentos específicos da profissão para realizar o planejamento a execução e a avaliação das atividades desenvolvidas junto ao segmento que atuava. Por se tratar de um profissional que se encontra inserido na relação capital x trabalho, ele não detém poder suficiente para realizá-lo, sendo necessário a aprovação e o recebimento de recursos para desenvolver o trabalho para o qual foi contratado.

Ao ser questionada sobre o foco do trabalho que desenvolvia na sua atuação, a E1 não conseguiu responder. Mencionou que havia a falta de espaço para o idoso e que a possibilidade de sair de suas casas, mais especificamente, a participação nos grupos e o desenvolvimento de atividades, aumentava o seu reconhecimento. E essa mudança consequentemente traz mais saúde aos mesmos, para ela o trabalho desenvolvido objetivava a valorização da Terceira Idade. A E1 citou também a questão da preservação da cultura, das

atividades que o idoso desenvolvia como canto de roda, a Feira do Artesanato do Idoso, a música do Ribeirão: “a gente também fazia o possível para a cultura continuar para as coisas antigas, as tradições [...] (silêncio). Eu procurei estar atenta às mudanças, o que estava acontecendo de novo para a Terceira Idade, para a gente poder assim preservar [...]” ainda em sua fala relata: “[...] a gente viu a descoberta da potencialidade deles, aquilo tudo, não era mais aquele idoso que tava ali, né... mas ele já criava, ele já aparecia, na verdade, na verdade deu um salto... deu para observar a mudança naqueles anos... tu pode ver, que daquele velho grupo de mães o que surgiu?”

A transformação da realidade social ocasionou uma mudança no modo de pensar do idoso, gerando o aumento da demanda a ser atendida pela instituição que, seguindo seus interesses, buscou sempre a inovação no trabalho que desenvolvia, inovação aliada aos novos interesses da demanda.

A partir da década de 1980, mais especificamente em 1981 a E2, passou a atuar também junto aos Grupos de Idosos, pois anteriormente trabalhava na área da educação infantil. Porém, por existir divergências de pensamentos entre a E1 e a E2 sobre o trabalho desenvolvido junto aos Grupos de Idosos e sobre quais os motivos para as mudanças ocorridas, as entrevistas serão analisadas separadamente para não ocorrerem confusões de formas de pensar de uma e de outra.

Segundo a entrevistada E2, o trabalho que desenvolvia junto aos idosos era de educação, de coordenação, pois eram desenvolvidas atividades, passeios, viagens, festinhas sociais nos grupos (dia das mães, dos pais e de aniversariantes); ela relata que também celebravam datas religiosas como Páscoa e Natal.

Ao fazermos um resgate histórico sobre o início da atuação do profissional de Serviço Social no Brasil, podemos lembrar, segundo Martinelli (apud LIMA, 2004, p. 13 –14), que a intervenção estava orientada pelos princípios do cristianismo e que a profissão assumiu um caráter de apostolado fundado em uma abordagem da questão social como problema moral e religioso. Sendo assim, observa-se ainda na fala dessa Assistente Social um vínculo forte entre o foco de atuação do Serviço Social que tinha como objetivo a intervenção para a garantia da reprodução social na sociedade capitalista, pois se apresentava como uma profissão de caráter servil, articulada ao projeto burguês de sociedade cuja intervenção caracteristicamente ‘alienada, alienante e alienadora’ orientava-se para o controle social.

O trabalho era desenvolvido através dos grupos: “A Vida Continua”, “Fraternidade”, “Saudade (Amizade)”, “Reviver” e “Esperança” que se reuniam semanalmente no horário das 14:00 às 17:00 horas. A E2 mencionou que o Grupo Esperança foi formado pela E1 e era ela que o coordenava. O “Fraternidade” e o “Reviver” foram formados após 1981, sendo que este foi desmembrado do grupo “A Vida Continua”.

As reuniões previam programação e avaliação das atividades com discussões de interesse do grupo e na seqüência, o lanche. Vale ressaltar que a E2 em parceria com a E1, no ano de 1984, realizaram no Centro de Veraneio de Cacupé³ a primeira Colônia de Férias da Terceira Idade que teve a duração de dois dias. Nos demais anos, o encontro era realizado com a duração de três dias⁴. Segundo ainda a E2, como forma de avaliação do trabalho com os grupos, eram realizados os relatórios que eram submetidos à supervisão das profissionais e posteriormente eram encaminhados ao Departamento Regional. Analisando o referido momento do processo de trabalho do Serviço Social, a realização dos relatórios dos encontros grupais era a forma de registro da intervenção profissional e que esses relatórios já faziam parte do conjunto de instrumentos de registro das atividades do Assistente Social.

Quanto às mudanças, a entrevistada relata que elas ocorreram devido aos idosos, pois as atividades eram programadas com a concordância dos grupos e desenvolvidas por eles. A partir do relato da entrevistada é possível inferir que havia uma participação dos idosos nas atividades, inclusive no planejamento; um momento de participação e decisão. Observa-se, através de uma análise recente, a atuação profissional baseada na utilização dos referenciais teórico-metodológicos que auxiliam na percepção do trabalho desenvolvido e em possibilitam uma visualização dos eixos (Político-Organizativo, Planejamento e Gestão e Sócio-Assistenciais) de intervenção que estão sendo utilizados. Nesta ação, podemos nos reportar aos Processos Sócio-Assistenciais, mais especificamente às ações sócio-educativas, que são “ações que objetivam a existência do movimento de reflexão entre profissionais e usuários, os quais utilizam o diálogo e a informação como forma de possível resolução dos problemas dos próprios usuários” (LIMA, 2004, p. 63-66); no intuito de valorização social e de participação em Processos Políticos-Organizativos.

³ No ano de 1985, mudou-se o nome de Centro de Veraneio de Cacupé para Colônia de Férias de Cacupé.

⁴ As cópias da programação da 1ª a 5ª Colônias de Férias de Idosos que foram cedidas pela (E2), constam em anexo.

Para a E2, as atividades desenvolvidas eram bem aceitas pelos grupos, principalmente quando se tratava da Feira do Artesanato do Idoso, que acontecia durante 3 a 4 dias no Ginásio de Esportes; onde ocorria a integração com toda a comunidade, com idosos de outros lugares, inclusive idosos dos Grupos do SESC do interior do Estado de Santa Catarina. A Feira contava com muitos números de artes e principalmente com as barracas de trabalhos manuais. Segunda a mesma, alguma resistência sempre ocorriam, pois “existem pessoas diferentes nos grupos, umas que participam mais, que tem mais ânimo e outras que participam menos, aquelas que criticam tudo”. Segundo Moscovici (2003, p. 96-99), para que um grupo funcione, ele sofre a influência de alguns componentes (objetivos, motivação, comunicação, processo decisório, relacionamento, liderança e inovação) que eles influenciam diretamente no seu desenvolvimento, pois faz-se necessário compreender que as pessoas que compõem o grupo trazem seus valores, sua filosofia e orientação de vida.

Quando questionada sobre as razões para as mudanças ocorridas no trabalho com grupos, a entrevistada informou que “[...] elas não ocorreram devido à reivindicação dos idosos”, mas sim devido a uma ordem superior, mais especificamente do Departamento Regional; principalmente na mudança dos encontros de semanais para quinzenais. Para E2, as reuniões semanais possibilitavam uma maior proximidade entre seus membros, a mudança na periodicidade dos encontros fez com que muitas comesçassem a participar de outros grupos, que não os existentes no SESC. Segundo a entrevistada, naquela ocasião os grupos tinham um apoio significativo que se expressava através do fornecimento de ônibus gratuito para o grupo se deslocar até a Colônia de Férias de Cacupé para que os idosos participassem de eventos como: Colônia de Férias para os Idosos, entre outros. Sendo que as excursões eram feitas com seus próprios recursos, pois, já tinham as suas mensalidades, como forma de arrecadar dinheiro para desenvolver outras atividades. Iamamoto (1998) menciona a constatação da realidade profissional em que o Assistente Social se insere, pois o mesmo sendo um profissional autônomo, não possui todos os meios necessários para a realização do seu trabalho o qual depende do seu contratador para que possa desenvolvê-lo.

Segundo a Assistente Social E2, no processo de planejamento das atividades havia uma relativa autonomia; as duas Assistentes Sociais elaboravam os projetos que posteriormente eram encaminhados para avaliação do Departamento Regional, sendo este que em última instância era quem decidia por sua implantação ou implementação.

No que se refere à execução, o profissional acompanhava o grupo, apoiando, relatando, seguindo as orientações da Divisão de Orientação Social (DOS) e na avaliação, o profissional elaborava relatórios mensais, semestrais e anuais, solicitados pela DOS, incluindo também uma avaliação junto aos grupos das atividades desenvolvidas, porém elas eram feitas de “forma informal, era só uma conversa informal, ouvindo opiniões, críticas, pois muitos tinham pouca escolaridade” E2.

Segundo Baptista (2002, p. 112), a avaliação está presente dialéticamente em todo o processo do planejamento: quando se inicia ação planejada, inicia-se concomitantemente sua avaliação, independentemente de sua formalização em documentos. A referida autora ainda menciona que “a avaliação não é um momento final, mas é o momento em que o processo ascende a outro patamar, reconstruindo dinamicamente seu objetivo, objetivos e procedimentos” (2002, p. 112). Podemos então visualizar que a avaliação é um processo que pode e deve ser desenvolvido em vários momentos do desenvolvimento do trabalho, de um programa, de um projeto ou de qualquer outra atividade que seja necessária avaliar.

Para Yamamoto (1998, p.62-63), as bases teórico-metodológicas são recursos essenciais que o Assistente Social aciona para exercer o seu trabalho, o conhecimento não é só um verniz que se sobrepõe superficialmente à prática profissional, mas é um meio pelo qual é possível decifrar a realidade e clarear a condução do trabalho a ser realizado. Portanto, o conhecimento adquirido no processo de formação profissional, vai diferenciar a nossa atuação em relação aos outros profissionais que atuam nesse campo de trabalho.

Quando questionada sobre o foco do trabalho que desempenhava na instituição e se o mesmo foi influenciado pela realidade brasileira do período, ela relatou que havia um incentivo, através de suas ações para que o idoso vivesse o presente e não ficasse se alimentando de saudades, de coisas já vividas; “cada época é uma época!”, ainda relata que cabe ao idoso perceber a sua realidade e tentar buscar o melhor para ele.

No que se refere à influência da realidade brasileira no período de 1980, a entrevistada enfatizou que a realidade da instituição SESC na ocasião era prioritariamente a recreação, o lazer, cursos e esportes. Através de um resgate histórico podemos visualizar que em 1951, após a Convenção Nacional dos Técnicos do SESC, houve a recomendação que a “educação e recreação” fossem prioridades para os próximos anos. Passado algumas décadas, mais especificamente em 1973, após a criação das novas Diretrizes da instituição, o Lazer passou a

ser considerado como prioridade e o SESC afirmou-se como “entidade de lazer de massas”. E são essas diretrizes, segundo Brandão (1997, p. 19-23), que influenciariam diretamente o desenvolvimento do trabalho com grupos, principalmente na importância e significado do termo Lazer.

A Assistente Social E3 está há 16 anos desenvolvendo o seu trabalho na instituição, atuou no período de 1990 a 1997 diretamente nos Grupos de Idosos na Unidade do SESC Florianópolis. Até 1994 a Unidade contou com 05 Grupos, todos de idosos e denominados de “Grupos de Convivência”, com aproximadamente 14 anos⁵. A sua atuação não era voltada somente para os Grupos de Idosos, a profissional respondia também pela área de Educação em Saúde.

A Sub-Gerente da Unidade E2 atuava em conjunto, porém como Coordenação Geral do Setor. A sua participação no primeiro momento esteve centrada na observação e aos poucos na inserção de técnicas de dinâmica de grupo com o objetivo de estimular a participação e interação do idoso em outras atividades. O acompanhamento, portanto, era diretamente com os idosos, englobando as etapas de planejamento, execução e avaliação.

Podemos observar, a partir da sua entrevista, uma mudança no trabalho que vinha sendo desenvolvido, a utilização de técnicas de dinâmica de grupo, as quais tinham como objetivo o aumento da participação dos integrantes, o questionamento e percepção de temas específicos, fazendo com que eles iniciassem um novo momento do trabalho com Grupos de Idosos.

A sua atuação está centrada na coordenação da Atividade de Grupos dentro do Programa Assistência e ampliada em 2006 para a atividade Ação Comunitária.

Ao ser questionada sobre como era/é definido o trabalho a ser desenvolvido e quem o definia, a E3 relatou que o trabalho define-se como Trabalho Social com Idosos, que na prática contempla os diversos campos de atuação do SESC. As áreas de Saúde, Cultura, Lazer e Educação contam na Administração Regional com profissionais com formação específica que respondem por todas as faixas etárias integrantes do Programa Assistência, na Atividade: Grupos. E3 explicou que o cargo assumido pelo responsável por essa atividade é denominado

⁵ Foram criados após 1994 mais cinco Grupos de Idosos, são eles: Viva a Vida, Vida, Nova Luz (grupo de casais), Renascer e Vida Nova (grupo de casais).

de Técnico de Atividade permanecendo até hoje independente da atividade e formação profissional.

Novamente identifica-se algo já abordado anteriormente, o Assistente Social, mesmo sendo um profissional autônomo, necessita de meios disponibilizados por instituições, sejam elas governamentais ou não, para desenvolver sua atuação, pois o mesmo encontra-se inserido na relação capital / trabalho em que necessita vender sua mão-de-obra qualificada.

Em relação às atividades implantadas, quem as definia e como isso acontecia, a E3 disse que foram criados diferentes tipos de grupos e projetos que serviram para envolver o idoso em novas atividades. As ações eram discutidas através das reuniões semanais e nos encontros das lideranças. E3 relatou as Ações que contribuíram para a revitalização do trabalho com o idoso no período que atuou no SESC Florianópolis, são elas:

- Projeto “Era uma vez... Atividades intergeracionais” em que objetivo principal é estimular o estreitamento das relações entre idosos e crianças. Por ser uma proposta de atividade diferenciada, contava com representação significativa do idoso. Foi implantada em 1993, sendo uma proposta do Departamento Nacional do SESC.
- “Grupo Pacientes Oncologia”, atividade que permitiu ao idoso uma participação diferenciada, destacando-o como apoio fundamental no desenvolvimento da proposta. Firmou-se como mais uma diferente possibilidade de permitir o envolvimento e engajamento numa ação solidária. O Grupo realizava encontros semanais com pacientes de Oncologia de um Hospital localizado próximo ao SESC. Os pacientes, todos oriundos do interior, se dirigiam ao SESC para a participação em atividades que proporcionavam trabalhar a auto-estima e o idoso atuava no projeto como elemento fundamental, já que assumia etapas do encontro com suas histórias de vida.
- “Grupos de Convivência”. Devido à crescente demanda e a dificuldade de espaço físico os grupos foram ampliados para 10 grupos de Convivência. Desta forma, os grupos antigos, que se reuniam semanalmente passaram a se encontrar quinzenalmente. A intenção foi estimular autonomia dos Grupos, isto é, que eles vivenciassem o processo emancipatório fortalecendo a formação de novos grupos na comunidade. O tempo, porém, foi mostrando que o vínculo com a instituição é grande e que os idosos têm uma resistência grande às mudanças, mesmo sendo envolvidos na definição das mesmas.

- Projeto “Idoso em Movimento” que até 1990 era designado como “Colônia de Férias de Cacupé”, passando posteriormente a ser divulgado como IDOSO EM MOVIMENTO. A atuação esteve centrada na realização de atividades que proporcionavam o desenvolvimento da criticidade, do potencial criativo; o estímulo, a participação e a integração entre os grupos.

O trabalho era realizado diretamente junto aos grupos de idosos e conseqüentemente na dinamização de ações que estimulassem ao idoso a interação em novas ações. Com a transferência para o Departamento Regional do SESC, foram redimensionadas as ações voltadas para o Idoso, principalmente na concentração de grupos diferenciados que, além da socialização caracterizam-se como espaços de aprendizado e crescimento pessoal.

Novas transformações ocorreram no trabalho a ser desenvolvido com o idoso por meio de projetos do Departamento Nacional e também com a criação de projetos locais associados à realidade social que se apresentava à instituição, como já citado anteriormente no segundo capítulo. Os instrumentos de avaliação utilizados pela instituição no trabalho desenvolvido junto ao segmento da Terceira Idade sempre objetivaram a melhoria no campo do trabalho a ser desenvolvido e é justamente no processo de avaliação que as mudanças ocorrem.

Ao ser questionada se as atividades desenvolvidas eram bem aceitas por parte dos grupos, a mesma relatou que as atividades buscavam partir da realidade e interesse do idoso, porém nos grupos de convivência, por haver maior resistência ao novo, ocorria maior dificuldade de aceitação. Segundo a E3, as atividades que apresentam uma metodologia diferenciada sempre têm uma grande aceitação, principalmente entre idosos não freqüentadores dos grupos, pois é voltada para a percepção dos mesmos como sujeitos. Diferentes formas de pensar e vislumbrar a realidade em que se encontra o Idoso, através de novas formas de utilização do método de aprendizagem/reflexão. Processo de aprendizado que cria uma nova imagem à questão do envelhecimento.

Para a E3, entende-se que sempre se devem considerar os interesses e necessidades do idoso, porém a inserção de atividades inovadoras com objetivos específicos é primordial para instigar a transformação e as descobertas.

Ao ser questionada sobre quais foram as razões para as mudanças no trabalho desenvolvido, a E3 acredita que as razões surgiram tanto por parte dos idosos quanto da instituição, ou seja, a própria comunidade começou a procurar o SESC em busca de grupos

diferenciados que permitissem não somente a convivência, mas também o conhecimento e também porque o SESC foi pioneiro no trabalho com o idoso no Brasil .

O SESC São Paulo, no decorrer do desenvolvimento das ações constantemente avaliava sua proposta, e a partir da demanda apresentada, foi implementando novas ações. Como resultado das mudanças, percebe-se que os idosos foram se apresentando mais atuantes e interessados por temáticas que até então não os motivavam. Cabe ressaltar que a mudança na realização do trabalho desenvolvido sempre sofre influências, sejam elas advindas da solicitação dos idosos, almejando a mudança com o desenvolvimento de novas atividades, sejam da necessidade da instituição que vislumbra um novo momento para o trabalho desenvolvido.

Ao ser questionada sobre o trabalho desenvolvido e se ela participava do planejamento, da execução e da avaliação, a E3 relatou que o desenvolvimento de ações sempre tiveram uma diretriz do Departamento Regional, porém flexíveis às adequações, permitindo o planejamento local com a responsabilidade também pela execução e avaliação. No planejamento sempre existia autonomia para o desenvolvimento de ações de acordo com a realidade local, na execução, naquele período ele esteve ligado diretamente com o desenvolvimento do trabalho nos grupos, sendo que a avaliação era efetuada junto com os grupos e com os técnicos envolvidos. Atualmente, a sua atuação profissional está centrada na etapa de planejamento e acompanhamento da execução e avaliação junto às Unidades Operacionais do SESC no Estado.

Observa-se a atuação do profissional de Serviço Social, sempre voltada e centrada nas atividades de planejamento, execução e avaliação do trabalho a ser desenvolvido junto à instituição, mais especificamente nos Grupos de Convivência, denominados pela instituição de Grupos da Terceira Idade. Como profissional qualificado que é, através da sua formação, se evidencia que o profissional de Serviço Social é chamado constantemente para desenvolver sua ação na questão de grupos, de movimentos sociais em que é necessária a utilização do movimento de reflexão e observação da própria realidade em que o usuário está inserido, para contribuir com o movimento de emancipação do indivíduo e do grupo.

Para a E3, quanto ao foco do trabalho e se o mesmo sofreu influências externas, ela citou que em todos os momentos a atuação foi influenciada pela conjuntura social vigente, buscando através da fenomenologia o direcionamento da prática, partindo e considerando o

vivido dos envolvidos no trabalho; o foco sempre foi no sujeito, numa perspectiva de trabalhar as relações interpessoais e valorizando as potencialidades do ser humano independente da idade.

A partir da entrevista realizada com a E4, que atuou no SESC, a mesma relatou que trabalhou na instituição no período de 1999 a 2002 e atuou como estagiária durante dois anos (1997-1998); depois quando a E3 foi para o Departamento Regional (DR), E4 formou-se e passou a atuar no local como Assistente Social e desenvolveu seu trabalho durante três anos. Ela deu continuidade ao trabalho que já vinha sendo desenvolvido, coordenando e acompanhando os Grupos de Convivência “[...] no começo passei de estagiária para Assistente Social, no começo a gente balançava um pouco né, mas aos pouquinhos eu fui tocando o trabalho.” Como par todo novo profissional, a ida ao campo de trabalho sempre traz uma certa insegurança, é o medo do novo, o início de uma nova fase, fase esta que poderá ser definitiva no engajamento profissional ou até mesmo a desistência da atuação pela não identificação com a atividade desenvolvida.

Segundo a E4, foram criados o “Grupo de Estudos e Atualização da Terceira Idade” (GRUPATI), o Ciclo de palestras mensais (com temas de interesse dos idosos, abertas ao público) e também o “Grupo de Adolescentes” que era realizado anteriormente em parceria com o Setor de Esportes, denominado “Projeto Teen”. A entrevistada relatou que nessa fase a instituição aumentou de uma para duas o número de estagiárias e isso facilitou o seu trabalho, já que a sua responsabilidade aumentou devido à participação no Conselho Municipal do Idoso, nas reuniões da unidade, à participação em parceria em evento com outros setores da instituição, parceria com outras entidades, com a Prefeitura. Segundo a E4, às vezes sobrava pouco tempo para estar junto com os grupos.

Como profissional, o Assistente Social é chamado a participar dos Movimentos Sociais, em Conselhos de Direitos, entre outros. Relembrando que no Código de Ética, constam no Artigo 2º o direito e as responsabilidades gerais do Assistente Social “a participação na elaboração e gerenciamento das políticas sociais e na formulação e implementação de programas sociais” (CFESS n. 273/93).

Para a E4, quanto à definição do trabalho a ser desenvolvido, acredita que cada profissional tem um olhar diferente, mas em relação ao trabalho com os idosos, eram realizados os relatórios de observação. No processo de intervenção ocorria o trabalho com as

lideranças dos grupos para orientar os mesmos em relação ao próprio grupo. No que se referia às atividades implantadas e quem as definia, a E4 relatou que alguns projetos eram criados ali, e outros provinham do Departamento Regional. Um deles era o Idoso em Movimento, segundo a E4, os projetos já tinham os objetivos estabelecidos, mas era atribuição dela a organização e execução destes. Com relação ao trabalho com os grupos, E4 relatou que as idosas acham que a intervenção do profissional ocupa o espaço do grupo, mas é necessário esse momento para modificar a realidade e inserir outras possibilidades para que o grupo não continue “naquela mesmice”. Quanto às novas atividades, E4 acredita que “tem sempre uma ou outra que gosta e a gente não pode agradar todos, também a gente faz as atividades, mas agrada alguns, mas acaba agradando a maioria, no começo tem uma resistência, mas depois elas acabam se envolvendo com a novidade e acabam gostando.”

Segundo ela, quando era estagiária a instituição não tinha um plano estratégico; após a mudança da Direção Geral, foi elaborado o Plano Estratégico que gerou mudanças profundas nas atividades desenvolvidas, pois estas deixaram de acontecer somente em locais isolados ou em uma única unidade. A partir desse momento, os projetos foram implantados em várias unidades dentro do Estado, ocorrendo a centralização dos projetos no Departamento Regional; “algumas coisas mudaram, não só em relação a unidade, mas ao SESC como instituição [...] antes o foco era o lazer, então depois foi mudando isso.” A E4 mencionou que essa mudança estava ocorrendo quando assumiu o setor e várias reuniões foram realizadas pelo Departamento Regional para demonstrar como seria realizado o trabalho dali para frente.

Observa-se um movimento de pensar e repensar a instituição, principalmente no que diz respeito às atividades que vinham sendo desenvolvidas de forma isoladas e que passariam a serem implantadas nas demais unidades, sempre respeitando a diversidade local. A criação de um planejamento estratégico garantiria uma melhoria na qualidade do atendimento oferecido pela instituição ao seu público.

Quanto à aceitabilidade das atividades desenvolvidas, elas eram bem aceitas pelos grupos, e a participação acontecia aos poucos, apesar da resistência inicial. Para a E4, a maior demanda sempre foi pelos Grupos de Convivência, sendo que essa resistência era somente por parte de alguns integrantes. O que acontecia no grupo é que alguns conseguiam influenciar os outros, mas isso era observado e como forma de mudar esse quadro, fazia-se a apresentação do projeto que seria desenvolvido. A E4 acredita que em alguns momentos a não compreensão da

atividade gerava a não participação: “quando as pessoas iam, mesmo que fosse para conhecer, havia a probabilidade de eles gostarem, e se não gostar, paciência! A gente não ia obrigar ninguém a nada, mas a gente sempre tem aquelas idosas que gostam de participar de tudo.”

Destaca-se que no trabalho com grupos é necessário perceber a sua dinâmica, observar se algum participante tem problema de audição, de visão, de memória, de concentração, entre outros, principalmente quando estamos atuando com grupos de idosos. Segundo Moscovici (2003, p. 145), as pessoas diferem na maneira de perceber, pensar, sentir e agir e as diferenças individuais são, portanto, inevitáveis com suas conseqüentes influências na dinâmica interpessoal. Esses fatores podem gerar a não compreensão de uma atividade a ser desenvolvida, podendo inclusive causar problemas nas relações interpessoais dos participantes do grupo.

Para a E4, as razões para as mudanças aconteceram em maior parte devido à instituição, mas que algumas foram em decorrência das demandas vindas dos próprios idosos; um exemplo foi a redução da taxa que eles pagavam “a gente não quer um idoso alienado também, a gente trabalha com eles essa questão, de eles procurarem o direito deles, de estarem reivindicando, coisa que não, que eles acham que não”

No Código de Ética Profissional, quanto aos deveres do Assistente Social nas suas relações com os usuários, consta em seu art. 5º, que ele deve “contribuir para a criação de mecanismos que venham desburocratizar a relação com os usuários, no sentido de agilizar e melhorar os serviços prestados.” Ainda no art. 8º, que trata dos deveres do Assistente social, consta que o profissional deve “contribuir para a alteração da correlação de forças institucionais, apoiando as legítimas demandas de interesse da população usuária.” Cabe portanto ao profissional do Serviço Social desempenhar sua atuação, utilizando como referência as bases teórico-metodológicas, ético-políticas da profissão.

Segundo a E4, no que se refere ao planejamento, à execução e à avaliação dos projetos, na parte de planejamento alguns programas e projetos vinham do Departamento Regional e do Departamento Nacional, mas era ela quem planejava, executava e fazia o projeto acontecer, desde o levantamento de custos, ao cronograma, avaliação e relatório. A execução começava no cronograma do projeto, pois ele já estava pronto, mas quem planejava como ele ia ser realizado era a Assistente Social. Na avaliação, também era a Assistente Social quem a fazia

através de relatórios; nos projetos os mesmos eram encaminhados à gerência da unidade e depois eram enviados para a aprovação do Departamento Regional.

Ao questioná-la sobre qual era o foco da sua intervenção, sua resposta foi imediata: “o foco era o Idoso! Tinha o grupo de adolescente, mas o foco era o idoso.” A E4 acredita que a função do profissional de Serviço Social é de estar inserindo as pessoas na realidade social, acompanhar a realidade social e política, observar as limitações institucionais e desenvolver um bom trabalho dentro das possibilidades; o profissional deve buscar parcerias e visualizar aos usuários qual a situação que se vivência, seja ela institucional ou externa.

Para a E4, o trabalho com os grupos de idosos possibilitou muito conhecimento, porém como Assistente Social, muitas vezes não podia acompanhar os grupos devido as suas outras atribuições. A entrevistada ainda relatou que sentia muito não poder acompanhar os grupos como fazia quando era estagiária e que muitas vezes isso acabava gerando um distanciamento entre o profissional e os grupos, pois não tinha mais tempo “de conhecê-las melhor”. A contratação de mais uma profissional, segundo a entrevistada, poderia melhorar a relação entre a instituição e os grupos e contribuir para uma maior qualidade no desenvolvimento das atividades desenvolvidas.

Vale ressaltar que o acúmulo de atividades a serem desenvolvidas pelo Assistente Social, pode comprometer seu desempenho profissional, o que se pode chamar de flexibilização da mão-de-obra qualificada?! Como já citado anteriormente, mesmo sendo um profissional autônomo, o Assistente Social está inserido no mercado de trabalho, pois necessita vender a sua mão-de-obra, o seu trabalho. Porém, vive-se um momento de transformação profissional “acompanhando ou não os processos de reestruturação produtiva, a alteração das formas de gestão da força de trabalho nas organizações vem diversificando as requisições feitas aos assistentes sociais” (IAMAMOTO, 2006, p. 130). Então, observa-se que o Serviço social passa desenvolver “novas e antigas atribuições” (IAMAMOTO, 2006, p. 131).

A E5 iniciou sua atuação no CAF, a partir de 2002, mas já havia sido estagiária da unidade e depois de formada em 2000, foi atuar na cidade de Joinville, sendo transferida para Florianópolis dois anos depois. A E5 relata que o processo de trabalho que realiza consiste em definir, planejar e operacionalizar ações e também supervisão de estagiários. Essas ações estão

contempladas dentro do Programa Terceira Idade. Este programa tem como principal objetivo a valorização social do idoso e o incentivo a inserção/integração na sociedade.

A valorização social do idoso, passa a ser uma referência de trabalho a ser desenvolvida pela instituição, que objetiva através das atividades desenvolvidas para a Terceira Idade evitar o isolamento social do idoso.

Na questão sobre a definição do trabalho a ser desenvolvido, a E5 relatou que o trabalho é definido a partir da proposta de ação do SESC na área da Assistência, em âmbito Nacional pelo Departamento Nacional e que é adequado à realidade de cada Estado e, conseqüentemente, cada Unidade Operacional dispõe de autonomia para inserir na Programação ações que se fazem necessárias, conforme demandas apresentadas pelos seus usuários. A programação específica desta Unidade é realizada com base nas propostas Nacional e Estadual, aliando-as à demanda local que se apresenta.

A observação da demanda passa a ser uma das referências da instituição para a realização e criação de novas atividades, programas e projetos; considerando à diversidade cultural existente entre cidades e estados, articulando-se de forma a realizar as atividades propostas e se adequando à realidade local.

Quanto à definição do trabalho a ser desenvolvido, ele foi definido pela coordenadora da área como Grupos de Trabalho com Terceira Idade juntamente com o profissional de Serviço Social e o gerente da Unidade. No que se refere às atividades implantadas, a E5 mencionou as novas ações que foram desenvolvidas nesses últimos quatro anos, são elas:

- Encontros de Socialização Grupal, realizados com os participantes dos diferentes grupos com o objetivo de integrá-los anualmente através de diferentes ações em cinco grandes momentos: encontro de integração dos grupos, encontro das mães, encontro em homenagem aos avós, encontro dos pais e encontro de encerramento de grupos.

- “Grupo Expressão Vital” que tem por objetivo possibilitar através das várias expressões da arte um novo olhar para a vida e despertar novas habilidades.

- “Grupo Girassol” que tem por objetivo integrar e socializar por meio da dança sênior;

- Projeto REDE (Resignificado, Experiência, Diálogo e Expressão) que tem por objetivo construir uma nova imagem sobre o envelhecimento, trabalhando com os idosos e suas famílias.

As ações foram definidas a partir de demandas apresentadas pelos usuários e também através de uma proposta de revitalização dos grupos já existentes por parte do profissional de Serviço Social e da Instituição.

A busca pela melhoria no trabalho a ser desenvolvido, garantindo a satisfação de seu público alvo. O SESC está sempre atento à realidade brasileira, principalmente na questão do processo de envelhecimento nacional, observado há vários anos pelo ex-funcionário da instituição Marcelo Salgado. É importante lembrar que no Código de Ética Profissional do Serviço Social consta em seu art. 5º que “é dever do assistente social nas suas relações com seus usuários, democratizar as informações e o acesso aos programas disponíveis no espaço institucional, como um dos mecanismos indispensáveis à participação dos usuários”. Evidencia-se o movimento de emancipação no tocante a inserção nos movimentos sociais.

Para implantação das referidas atividades foram feitos encontros de capacitação na área de artes e em seguida, elaborados projetos de planejamento para formação dos grupos, divulgação e sensibilizando para a proposta, alocação de recursos junto a Instituição, compreendendo orçamentos, estrutura física, recursos humanos, entre outros.

Quando questionada sobre a aceitabilidade das atividades desenvolvidas, a E5 mencionou que elas foram bem aceitas por grande parte dos participantes dos grupos e que no momento não existe disponibilidade de vagas nos dois grupos, exceto quanto ao Projeto REDE que apresenta pouca participação, principalmente dos familiares. Este projeto está sendo monitorado para verificar a sua eficácia, observando que os familiares não estão se envolvendo com seus idosos e estes, por sua vez, não querem "incomodar" seus familiares.

A partir das menções da E5 surgem indícios de que os idosos não apresentam mais tanta resistência em relação ao novo. O desejo de continuarem inseridos nos movimentos da sociedade faz com que os mesmos busquem novas atividades. Por sua vez, os idosos procuram aumentar o seu conhecimento e principalmente criar condições para o enfrentamento do isolamento social, que está em sua maioria associado à depressão e a perda da capacidade de se auto gerir.

No que se refere às razões para as mudanças, a E5 refere que elas aconteceram no sentido de atender às novas demandas que vinham sendo apresentadas pelos usuários e compreensão/visão de realidade do profissional do Serviço Social e olhar dos estagiários de Serviço Social que integram as atividades para os usuários da terceira idade. Juntamente com

essas mudanças, instituição também vem se modernizando acompanhando as novas tendências e necessidades.

A análise realizada pela entrevistada a partir do trabalho com grupos indica o aumento da demanda pelos serviços prestados e remete para a necessidade da ampliação dos trabalhos desenvolvidos. Tal situação remete para a instituição o compromisso de viabilizar a cada dia que passa, uma melhoria no serviço desenvolvido, garantindo a satisfação de seus usuários.

Considera-se, desta forma, a importância do trabalho desenvolvido pelo assistente social, através da concepção crítica/dialética contribuir para “orientar os usuários através de uma pedagogia emancipatória, com vistas à efetivação dos direitos, para a emancipação dos indivíduos como sujeitos históricos.” (LIMA, 2004, p. 4).

No trabalho que desenvolve na instituição, a E5 participa no processo de planejamento de praticamente todas as etapas, ou seja, no planejamento, na execução e na avaliação, sendo que os instrumentais técnico-operativos mais utilizados são: reuniões, encontros, com idosos, estagiários e equipe da Unidade.

Ao ser questionada sobre qual é o foco da sua atuação e seu trabalho sofre influências da realidade social, a sua resposta foi que o foco do trabalho desenvolvido é o idoso e que a **influência principal é que esta Instituição foi pioneira no trabalho com este segmento da população e isso ocorreu devido o seu crescimento.**

Quanto ao debate existente na profissão sobre a atuação do Serviço Social junto a este segmento, a entrevistada E5 pensa que ainda é insuficiente e acredita que cabe aos profissionais buscar o aperfeiçoamento pessoal na referida área. Esse aperfeiçoamento poderá ocorrer através de cursos de capacitação ou especialização e mestrado, incluindo também o acesso a literaturas sobre a área de intervenção e afins. Para E5, diante disso se pode afirmar que uma atuação diferenciada depende, além da formação acadêmica, de empenho de cada profissional em estar se aprimorando e desenvolvendo habilidades e competências no sentido de atuar de forma mais competente, propositiva e transformadora.

O compromisso ético-político, técnico-operativo e teórico-metodológico do profissional de Serviço Social com a profissão, as classes trabalhadoras e os segmentos sociais vulneráveis em que atua, objetiva a formulação, a garantia dos direitos e a efetivação dos mesmos.

Outro aspecto que a E5 ressaltou foi a importância de participação em instâncias de representação de lutas pelos direitos dos cidadãos, os conselhos de direitos, sendo que ela participa desde 2002 no Conselho Municipal de Direitos dos Idosos do município de Florianópolis, alternando nesses anos, as cadeiras de titular e suplente; “representamos no referido conselho o SESC, enquanto organização Não Governamental e prestadora de serviço”. Dessa participação nesse órgão deliberativo e consultivo, a E5 destaca o seu envolvimento em algumas comissões de trabalho, como a de Políticas Públicas em que articula e realiza alguns seminários de capacitação para idosos e profissionais do trabalho com idosos de Florianópolis, além de conferências municipais e regionais do idoso. Destaca-se que E5 tem participação efetiva na publicização do Estatuto do Idoso como conselheira e também através do trabalho que realiza com os idosos participantes das atividades do SESC Florianópolis. Refere-se ainda na sua atuação profissional de acordo com as novas tendências profissionais e demandas postas pelos idosos, um trabalho realizado sobre a Temática Saúde com representantes de Grupos do SESC Florianópolis em 2004. Este trabalho foi apresentado por uma idosa, representando o Estado de Santa Catarina no Encontro Nacional do Idoso promovido em outubro de 2004 pelo SESC São Paulo, com objetivo de avaliar a implementação do Estatuto do Idoso nos diferentes estados da Federação.

Podemos observar por meio da entrevista com E5, um profissional que se encontra como conhecedora da realidade social em que atua. Ela procura com a sua atuação profissional atender as demandas advindas dos idosos junto à instituição e vice-versa. A entrevistada informa se manter inserida no contexto da temática sobre a questão do envelhecimento e identifica a falta de atenção merecida ao referido tema, trazendo inclusive à tona a questão de não constarem disciplinas no processo da formação acadêmica que trabalhem a temática do envelhecimento, tanto do Serviço Social, quanto dos demais cursos. A mesma julga de extrema importância a participação nos conselhos de direitos, local que proporciona uma reflexão sobre a realidade apresentada e ocorre a discussão sobre novos rumos a serem tomados para o enfrentamento da temática.

Podemos identificar a partir dos dados levantados, que o trabalho com grupos de idosos, no SESC - Florianópolis, foi se modificando principalmente pela própria transformação dos idosos, que desejam conhecer e desenvolver coisas novas, transformar as suas vidas. Eles poderiam ficar em casa e manter a imagem tradicional de se imaginar o velho,

mas cada vez mais os idosos procuram se inserir em grupos de convivência, ginástica, teatro, viagens, festividades e das demais atividades que a instituição oferece ao público da Terceira Idade.

A inserção dos idosos no movimento de decisão, como planejamento, execução e avaliação de atividades desenvolvidas, faz com que eles se sintam parte ativa da instituição, uma forma concreta de estarem inseridos no movimento da sociedade; como um cidadão ativo, com direitos e o mais importante ainda, com o poder de reivindicá-los. No que se refere à instituição SESC, ela sempre esteve atenta à temática do envelhecimento, sendo, como já visto anteriormente, a pioneira no Brasil a desenvolver trabalhos com esse segmento. Esse pioneirismo compromete a instituição com a referida questão, estando sempre à frente das demais instituições que também passaram a desenvolver trabalho com idosos.

No trabalho com Grupos de Idosos, o assistente social como profissional que atua preferencialmente junto aos referidos grupos, atua também como observador e através de relatórios, avaliações, dinâmicas de grupo, entrevistas, vai indicando novos rumos a serem tomados. Além de realizar as atividades para as quais foi contratado, o profissional do Serviço Social vai se modificando, juntamente com o processo de transformação da realidade da instituição e também das necessidades de seus usuários. O rompimento com o conservadorismo histórico faz com que ele compreenda as novas demandas apresentadas, tendo como objetivo maior a emancipação social de seu usuário.

Porém, pela falta de registros escritos e a não recordação de datas importantes por parte das entrevistadas, como a criação de novos grupos, a criação do grupo de ginástica, do coral, e qual foi a causa do término da Feira do Artesanato do Idoso; e principalmente, a contradição de duas profissionais E1 e E2 nas formas de identificarem os fatores de mudança no trabalho com os grupos de idosos, não foi possível responder a questão norteadora que orientou a pesquisa de forma conclusiva. No entanto, identificou-se que a instituição sempre esteve a frente com relação aos trabalhos desenvolvidos com idosos, suas diretrizes e os planos nacionais de ação, sempre possibilitaram uma avaliação constante no trabalho que vinha sendo desenvolvido, possibilitando o (re) pensar das atividades desenvolvidas.

O assistente social tem como eixo de intervenção os processos sócio-assistenciais, as ações sócio-educativas, sócio-organizativas que possibilitam a reflexão entre profissionais e usuários; o diálogo e a informação como forma de possível resolução dos problemas dos

próprios usuários e o fortalecimento de processos democráticos que contribuam para a emancipação do idoso como ser humano e cidadão que tem muito o aprender, ensinar e contribuir com a sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já abordado anteriormente, o envelhecimento populacional no mundo e no Brasil vem apresentando números expressivos nas últimas décadas. O aumento da expectativa de vida, causado por vários fatores, contribuiu para a ocorrência de um fenômeno observado no mundo todo; a feminilização da velhice. No que se refere à questão da feminilização Berzins (2003, p.28-29) afirma que uma menina que nasce no Brasil, pode esperar viver 72,6 anos e um menino, 64,8 anos [...] no país, 55% dos idosos são mulheres.

Segundo Berzins (2003), observando dados do IBGE em 2000, constata-se que no Brasil existia mais de 14 milhões de idosos e que estes já representavam uma parcela significativa da população, sendo que em 2025, a previsão é de um número superior a 30 milhões de idosos no país. Sendo assim, os mesmos serão maioria no país, tal situação exige, portanto, uma atenção contínua por parte da sociedade e do poder público, pois traz novas características e exigências que terão um rebatimento no processo de formação e intervenção do assistente social e de outros profissionais. É o desafio a criação de políticas públicas e da efetivação delas, sendo que estas medidas possam garantir uma qualidade de vida digna a esse segmento, pois de nada adianta envelhecer e não ter condições para viver com as mínimas condições, sejam elas referentes à questão financeira ou à saúde (física ou mental), e/ou familiar.

Em decorrência do aumento da expectativa de vida e do fato de estarem vivenciando um outro momento em suas vidas, a libertação dos compromissos com esposo, filhos e inclusive netos, uma parcela significativa de pessoas idosas começou a desenvolver novas e/ou outras atividades (dançar, cantar, interpretar), começaram a participar de grupos de convivência, aprender, conviver com outras pessoas, viajar, trocar experiências, repassar o conhecimento adquirido durante suas vidas.

Em face de uma conjuntura marcada pelo aumento da expectativa de vida, pode-se identificar o aumento das produções que se propõe a analisar o processo de envelhecimento e identifica-se inclusive historicamente a existência de várias interpretações sobre velhice, velho e envelhecimento.

Os próprios idosos começam a visualizar essa etapa da vida de uma forma diferente, questionam se chegar a velhice necessariamente implica em “sentarem no sofá, fazer tricô e

esperar a morte chegar”. Identifica-se então a existência de um idoso mobilizado, participante ativo dos movimentos sociais e persistente na reivindicação de seus direitos, tendo consciência de que é um cidadão e por isso deve ser respeitado. Segundo Salgado (1999, p. 4), o idoso brasileiro não pode se omitir mais e se isolar em sua casa, é tempo de luta não é, obviamente, uma luta armada; não é, necessariamente, apenas uma luta política; mas, principalmente, uma luta de presença.

Atento a esse movimento no Brasil, a instituição SESC, no estado de São Paulo em 1963, começou a desenvolver pioneiramente o trabalho com Grupos de Idosos, denominados de Grupos da Terceira Idade, atendendo a partir de então, um público que iniciava o seu processo de envelhecimento, a primeira etapa desse novo ciclo. O trabalho ampliou-se pelo país e os Grupos de Idosos continuaram sendo criados, pois a instituição tinha como objetivo contribuir com a inserção do idoso na sociedade.

Atividades de lazer, viagens, encontros comemorativos, gincanas, bailes, festas juninas, entre outros; a participação começou a acontecer expressivamente, sendo então um dos primeiros movimentos no tocante a questão do envelhecimento. Uma instituição pública de fundo privado iniciando uma transformação na realidade social até então apresentada. O olhar do idoso também foi se modificando, as transformações sociais contribuem para que ele adquira uma nova imagem de si próprio. Assim sendo, o assistente social, constantemente foi chamado a atuar na mediação entre os interesses dos usuários e da instituição.

Desde o princípio este trabalho em Santa Catarina, mais especificamente em Florianópolis, sempre foi desenvolvido pelo profissional de Serviço Social. Este profissional dispõe de um código de ética, pautado na emancipação dos indivíduos, sejam eles ou não segmentos sociais vulneráveis.

Cabe também ao profissional do Serviço Social a “participação na elaboração e gerenciamento de políticas sociais, e na formulação e implementação de programas sociais” (Art. 2º do Código de Ética Profissional) e também “programar, administrar, executar e repassar os serviços sociais assegurados institucionalmente [...] empenhar-se na viabilização de direitos sociais dos usuários, através dos programas e políticas sociais” (Art. 8º do Código de Ética Profissional). Portanto, cabe ao profissional de Serviço Social, garantir e viabilizar a efetivação dos direitos de seus usuários, com vistas à emancipação social dos mesmos.

O trabalho com Grupos é uma das áreas de atuação do Serviço Social e isto ficou evidente na última seção deste trabalho que buscou realizar um resgate histórico do trabalho desenvolvido com Grupos de Idosos no CAF. O Assistente Social, por ser um profissional que tem sua formação pautada no projeto ético-político, teórico-metodológico e técnico-operativo, tendo assim, condições de desenvolver seu trabalho tanto em instituições públicas quanto em instituições privadas. O comprometimento da profissão tem por objetivo o reconhecimento da liberdade como valor ético central, a defesa dos direitos humanos, da ampliação e consolidação da cidadania, objetivando a garantia aos direitos civis, sociais e políticos, dos segmentos no qual atua (P. F. do C.E, 2003).

Segundo Lima (2004, p. 3), o assistente social apoia-se nos três eixos articuladores das ações profissionais: Processos Político-Organizativos, Processos de Planejamento e Gestão, Processos Sócio-Assistenciais. Os processos político-organizativo têm como foco principal a participação social, seja no associativismo civil, nos movimentos sociais e na esfera pública. Nos processos de planejamento e gestão, a atuação está centrada no desenvolvimento de ações de acessoriã e consultoria, seja em instituições públicas ou privadas com o objetivo de propor e avaliar políticas sociais e o desenvolvimento de ações para a gestão e capacitação de recursos humanos, organização e gerenciamento de programas, projetos e serviços.

A atuação no trabalho com Grupos insere-se nos processos Sócio-Assistenciais, no desenvolvimento de ações sócio-educativas, que como mencionado, objetivam “um movimento de reflexão entre os profissionais e os usuários que, através da informação e do diálogo, buscam por alternativas e resolutividade para a demanda do usuário” (LIMA, 2004, [s.p.]) b.

Portanto, o assistente social trabalha como mediador entre os interesses dos Idosos e os interesses do SESC, com vistas a emancipação social dos mesmos. Esse trabalho evidencia-se no decorrer das falas das entrevistadas, em que a instituição sempre esteve atenta às demandas dos usuários, modificando constantemente as ações desenvolvidas.

Através da pesquisa identificou-se que as transformações nos trabalhos com Grupos de Idosos são decorrentes da própria realidade social, econômica e política em que vivemos. Como essa realidade muda constantemente, torna-se necessário garantir um processo contínuo de análise, planejamento e avaliação. Realizada constantemente pelos três atores que vivenciam essa realidade (SESC, Idosos e Assistente Social).

Vale ressaltar que o registro escrito deste movimento é importante, pois “quando se indaga acerca do comportamento passado, o que se obtém, na realidade, é a percepção do respondente a esse respeito” (GIL, 1999, p. 166). O autor ainda ressalta que os dados documentais, por terem sido elaborados no período que se pretende estudar, são capazes de oferecer um conhecimento mais objetivo da realidade. Portanto, para se perceber mais precisamente os processos de mudanças decorrentes desses 28 anos de trabalho com Grupos de Idosos, fazia-se necessário a existência de registros documentados, para obter um resgate mais concreto.

Acredita-se na importância deste trabalho, pois ele expressa a primeira tentativa de se sistematizar o trabalho desenvolvido pelo SESC com Grupos de Idosos e de recuperação (a partir das entrevistas realizadas) do trabalho realizado pelo Serviço Social.

Sugerimos que os temas aqui abordados que não ficaram evidentes ou até mesmo os que se evidenciaram sejam retomados, o que sem dúvida contribuirá para o maior aprofundamento das questões apresentadas.

REFERÊNCIAS

- BAPTISTA, Myrian Veras. **Planejamento Social: intencionalidade e instrumentação**. 2. ed. São Paulo: Veras Editora Lisboa, 2002.
- BATICH, Mariana. **Previdência do trabalhador: uma trajetória inesperada**. São Paulo: Perspectiva, July/Sept. 2004, v.18, n. 3, p. 33-40. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v18n3/24776.pdf>> Acesso em: 15 fev. 2006.
- BEAUVOIR, Simone de. **A Velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BERZINS, Marília Anselmo Viana da Silva. Envelhecimento populacional: uma conquista para ser celebrada. In: **Serviço Social e Sociedade**. n. 75. São Paulo: Cortez Editora, 2003, p.19-34.
- BORGES, Arlei Souza. **O Convívio Intergeracional: como meio de transformação social**. (Trabalho de Conclusão de Curso), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.
- BRANDÃO, Ignácio de Loyola. **SESC 50 Anos**. São Paulo: DBA (Dórea Books and Art), 1997.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil, de 05 de outubro de 1988. São Paulo: Atlas, 1989.
- BRASIL. Lei nº 8.842, de 04 de janeiro de 1994. Dispõe sobre a política Nacional do Idoso.
- BRASIL. Lei nº 10.741, de 01 de outubro de 2004. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso.
- BRASIL. CFESS nº 273, de 13 de março de 1993. Institui o Código de Ética profissional dos Assistentes Sociais e dá outras providências. In: **Serviço Social e Ética: convite a uma nova práxis**. Dilséa A. Bonetti (org.) [et al]. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2003, p. 213-230.
- DEMÉTRIO, Fabiana. **Projeto de Estágio Curricular: SESC – Serviço Social do Comércio**. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

FAVERO, Fernanda Cristina. **Mulheres Idosas Redescobrando suas Vidas Através da Participação em Grupo.** (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

FERNANDES, Valéria Santana. **O Idoso Cidadão de Direitos:** uma análise da atuação do Conselho Estadual do Idoso em Santa Catarina. (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

Getúlio Vargas e a Era Vargas, [s.a]. Disponível em: <<http://www.suapesquisa.com/vargas/>> . Acesso em: 07 set. 2005.

HADDAD, Eneida G. Macedo. **O Direito à Velhice:** os aposentados e a previdência social. 2. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

HERMES, Elizabeth Paulo. **GRUPO:** Um Caminho para a Autodeterminação. (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

IAMAMOTO, Marilda Villela. **O Serviço Social na Contemporaneidade:** trabalho e formação profissional. São Paulo: Cortez, 1998.

IAMAMOTO, Marilda Villela. **Renovação e Conservadorismo no Serviço Social:** ensaios críticos. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

Kalache e Cols, 1987. In: BAHIA ANÁLISE E DADOS. Salvador-BA, v.10, p. 138-153. 03/01

KALACHE, VERAS, RAMOS. Envelhecimento Populacional: uma realidade brasileira. **Revista Saúde Pública.** v. 21, n. 3, 1987, p. 211-224. ISSN 0034-8910. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsp/v21n3/06.pdf>> Acesso em: set. 2005.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de. **A Intervenção Profissional do Serviço Social no Contexto da Cidadania e dos Direitos:** pensando as ações sócio-educativas. (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

_____. A Intervenção Profissional do Serviço Social: Propondo o Debate Sobre Ações Sócio-Educativas. In: **Anais do IX ENPESS**. 2004. a.

_____. **Serviço Social e Intervenção Profissional**. 2004. b.

MARTINELLI, M.L. **Serviço Social, Identidade e Alienação**. 2 ed. rev. São Paulo: Cortez, 1991.

MASCARO, Sonia de Amorim. **O que é velhice**. São Paulo: Brasiliense, 1997. (Coleção Primeiros Passos)

MOSCOVICI, Fela. **Desenvolvimento Interpessoal: treinamento em grupo**. 13 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

PAULO, Naime Elias. **O Serviço Social Abrangendo a Criança e o Adulto nas Atividades do SESC**. (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis 1968.

PEIXOTO, Clarice. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade... In: **Velhice ou Terceira Idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Org. Myriam Moraes Lins de Barros. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 69-84.

PEREIRA, Maurília. **O Papel do Líder na Construção do Processo Grupal**. (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

PROTA, Leonardo. **O Papel da Universidade na Construção do Saber dos Idosos**. 1999. Disponível em: <http://www.ssrevista.uel.br/c_v2n1_idosos.htm>. Acesso em: ago. 2006.

RECH, Angela. **Relatório Final de Estágio Curricular: SESC – Serviço Social do Comércio**. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

SALGADO, Marcelo Antônio. **Cadernos da Terceira Idade**. 1999. Disponível em: <http://www.sesc-sp.com.br>>. Acesso em: 29 ago. 2006.

SESC. Site Institucional. Disponível em: <<http://www.sesc.com.br>>. Acesso em: set. 2005.

SESC SANTA CATARINA, caderno: **Prevenção e Enfrentamento da Violência contra a Pessoa Idosa**. D P S - Divisão de Programação Social. Programa Assistência. Florianópolis, 2005.

SIMÕES, Júlio Assis. A maior categoria do país: o aposentado como ator político. In: **Velhice ou Terceira Idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Org. Myriam Moraes Lins de Barros. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 13-34.

POLIGNANO, Marcos Vinícius. **Histórias das Políticas de Saúde no Brasil**: uma pequena revisão. Disponível em: <http://www.medicina.ufmg.br/dmps/internato/saude_no_brasil.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2006.

VERAS. R. A Longevidade da população: desafios e conquistas. In: **Serviço Social e Sociedade**. n. 7, São Paulo: Cortez Editora, 2003, p. 05-18.

APÊNDICE A - Roteiro das Entrevistas e Termo Livre Consentimento

Questionário da Entrevista:

Nome:

Idade:

Especialização: ()sim ()não. Qual?:

Tempo de Atuação no SESC:

1. Como é (era) o seu trabalho junto aos idosos?
2. Como é (era) definido o trabalho a ser desenvolvido?
3. Quais as atividades que foram implantadas? Quem as define (ia)? Como?
4. As atividades desenvolvidas eram(são) bem aceitas por parte dos grupos?
5. Quais foram as razões para as mudanças? (Idosos e/ou a instituição?)
6. A Lei 8662/93 que regulamenta a profissão, coloca o profissional de Serviço Social atuante nas áreas de planejamento, execução e avaliação. No trabalho que você desenvolve(u) tinha participação no nível do planejamento, como? No nível da execução, como? No nível de avaliação, como?
7. Qual é (era) o foco do trabalho na sua atuação no SESC? Foi influenciado pela realidade brasileira do período, pelo debate existente na profissão sobre a atuação do Serviço Social?



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada a participar da pesquisa: **DO PRINCÍPIO A ATUALIDADE: AS TRANSFORMAÇÕES NO TRABALHO COM GRUPOS DE IDOSOS NO SESC – FLORIANÓPOLIS, S.C.** . Você foi escolhida para ser entrevistada por compor o universo das assistentes sociais do SESC – Florianópolis, que desenvolveram trabalhos junto com os idosos e sua participação não é obrigatória. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com o Departamento de Serviço Social /UFSC.

Os objetivos deste estudo são analisar as permanências e as mudanças do trabalho desenvolvido pelo Serviço Social junto aos grupos da Terceira Idade do SESC, unidade de Florianópolis S.C., desde sua criação em 1978, até 2006.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder a um questionário que tem com objetivo: - recuperar o histórico da inserção do Serviço Social na instituição, no que se refere ao trabalho desenvolvido junto aos grupos da terceira idade.

Os benefícios relacionados com sua participação são muitos. Através de sua contribuição poderemos recuperar a história do trabalho desenvolvido pelos assistentes sociais do SESC junto aos idosos, analisar as permanências e mudanças ocorridas ao longo das três últimas décadas, bem como elaborarmos propostas que contribuam para uma intervenção profissional altamente qualificada. Não identificamos a existência de riscos em você participar da pesquisa.

As informações obtidas através desta pesquisa serão utilizadas para a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso e através deste é que serão veiculadas. Os dados serão (não serão) divulgados de forma a possibilitar sua identificação.

Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal e da professora orientadora, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Obrigada pela sua colaboração e por merecer sua confiança.

Ângela Rech

Angela Rech

Rua: Protenor Vidal, 187

Fone: 3233 4672 (res) - 3331 8041 (com)

Professora Orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso - Profª. Dra. Rosana de C. Martinelli Freitas

Departamento de Serviço Social



Fone: 3331-9540

Declaro que entendi os objetivos , riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Observações:

4

APÊNDICE B - Entrevistas realizadas com as Assistentes Sociais

Questionário da Entrevista:

Nome: E1

Idade:64

anos

Especialização: ()sim (x) não. Qual?:

Tempo de Atuação

no SESC: 26 anos

1. Como é (era) o seu trabalho junto aos idosos?

R: Bom, eu coordenava o grupo de idosos e ao mesmo tempo eu trabalhava também, o trabalho era dividido em grupos de idosos, cada um tinha o seu dia né, o horário geralmente era das 2:00 as 5:00 da tarde que eles desenvolviam as atividades.

Entrevistadora: *Os grupos eram mistos ou não?*

R: O interesse era mais do feminino, mais das senhoras viúvas, separadas, elas procuravam assim um lazer, né, e aí então depois é que surgiu o grupo das quartas-feiras que era o grupo misto, o grupo de casais, mais aí surgiram os namorados também, né, aí começaram a surgir os grupos de namorados também e o mais interessante, eu por exemplo assim, eu valorizo eu trabalhei muitos anos com os grupos de idosos, mas eu valorizo o grupo de idosos agora, agora que eu participo do grupo de idoso. Por que eu, eu fazia as reuniões com eles, aquilo tudo, a gente tinha horário de atividades, de lanche, mas a frequência era maciça, era assídua e eu não entendia aquilo, por que praticamente ninguém faltava aí, agora que eu descobri, que estou num grupo de idoso, que me faz falta o dia que não vou. Tá entendendo, me faz falta o dia que não vou me faz uma falta danada, por que eu já encorporei na minha vida o meu grupo de idosos.

Entrevistadora: *E lá no SESC, que tipo de atividade a senhora desenvolvia com eles que tipo de atividades?* R: Primeiramente era grupo ainda de trabalhos manuais e aí depois foi mudando aí foi mudando...

Entrevistadora: *E o que gerou essa mudança, as mulheres que queriam outras coisas?*

R: Elas queriam outras coisas e não aceitavam mais, estavam cansadas de fazer trabalhos manuais, aquilo tudo, aí nós nos voltamos para outras coisas.

Entrevistadora: *mas aí a instituição teve que mudar o trabalho que desenvolvia, por que as idosas vieram com a proposta de estar mudando, como é que foi isso?*

R: É, nós como coordenadores, funcionários, a gente foi percebendo né, foi percebendo que eles não queriam mais trabalhos manuais; então nós partimos para o lazer, né, nós fazíamos bingo, dominó, era almoço, que eles faziam na própria casa, faziam almoço,

vendiam, então cada grupo gerava o dinheiro da venda o grupo passava com aquele dinheiro, já passava, então eles já formavam a diretoria, a diretoria formada, então nós, por exemplo assim, nas reuniões a gente dava os avisos do SESC ou alguma novidade, alguma coisa e depois a própria diretoria fazia sua reunião.

Entrevistadora: *havia algum processo de dinâmica?*

R: Sim, dinâmica de grupo..... tanto é que eu nunca esqueço de uma dinâmica de grupo!

Entrevistadora: *Qual delas?*

R: foi em que nós foi na época do Collor, do presidente Collor, em que o país se encontrava naquela situação assim..... de transformação... então nós tivemos assim uma dinâmica de grupo, nós escolhemos..... o grupo escolheu o ministro da educação, o ministro da saúde, o ministro da economia, era o ministro da economia sim, vários ministros... e eles incorporaram de uma maneira... eles discutiram sabe, a situação brasileira, então a gente ia discutir a situação brasileira, na hora do ministro da economia se apresentou, assim dentro das limitações dele, de conhecimento, pois geralmente eram poucos que tiveram um nível de conhecimento, pois poucos estudaram, o ministro levantou-se e discorreu sobre a situação atual do país e disse que não agüentava mais essa situação, bateu na mesa, eu nunca esqueço disso, e foi embora! Não ficou na reunião, (risos) levantou e foi embora (risos), ele indignou-se, e incorporou de uma maneira tal, que chegou a ser real, aí o pessoal aplaudiu e ele foi embora, foi engraçado! Depois nós criamos a colônia de férias em cacupé, ...nós ficávamos lá de Segunda a Domingo a tarde, então tinha lá as famosas apresentações dos grupos, eu por exemplo, que coordenava os grupos, eu não sabia, tudo era novidade, a própria criatividade dos grupos, os grupos é que criavam então, na hora nós fazíamos o cronograma e era uma surpresa pra gente mesma, tanto é que ficou marcado a apresentação da, de uma idosa que faleceu, a baiana, que ela apresentava não chores por mim argentina que arrepiava, sabe, nossa!

Entrevistadora: *Quantos grupos de idosos tinham no começo?*

R: olha no início era... bom, começou mesmo foi com um grupo de mães que tinha, aí veio políticas vieram as diretrizes do Rio de Janeiro e aí, então, diretrizes da instituição mesmo, tanto é que o SESC iniciou o trabalho com terceira idade no Brasil, foi o SESC São Paulo, Marcelo Salgado, aquele, como é que é mesmo..... aquele que percorria os restaurantes os restaurante pra convidar os comerciários... não lembro mais o nome dele..... mas nós tivemos, assim uma ajuda muito grande do Marcelo Salgado, muito grande. Após as novas diretrizes nós fizemos uma motivação junto aos pais de comerciários e aí nos fomos, eu não me lembro se nós formamos dois grupos, eu sei que foi uma... que não existia grupo de

idosos... e o idoso tava precisando de um local pra se reunir era uma necessidade! Por que a vovó ficava em casa fazendo crochê, tricô, cuidando dos netos, aquilo tudo então , então começou aquela transformação do grupo de idosos.

Entrevistadora: *A mudança veio pela questão da instituição, pelas novas diretrizes e também pela não mais satisfação delas de fazer trabalhos manuais?*

R: Sim, certo, se fossem pra fazer trabalhos manuais elas ficariam em casa, claro, eu sei que... . Entrevistadora: *Mais ou menos em que tempo foi , mais ou menos em que ano que começou, quanto tempo depois começou o trabalho?*

R: Em que ano mesmo começou?

Entrevistadora: *Em 1978.*

R: Olha eu acho que em 1978,..... em 1982 nós tínhamos 7 grupos.... de idosos,..... 5 grupos de idosos em 1983, acho que não levou 3 anos, aí então a motivação foi de boca a boca, né não precisou ir pra televisão, pra rádio, pra nada, o pessoal, já, né... aí nós formamos o coral do SESC.

Entrevistadora: *Em que ano foi isso? Ali por 1982? Ou depois?*

R: não depois, depois..... em 1990 nós já tínhamos... em 1989 mais ou menos, nós já tínhamos o coral do SESC.

Entrevistadora: *E ele era formado só por idosos?*

R: Só por idosos, nós fazíamos várias apresentações, na cidade, na... assim em vários eventos da comunidade o grupo de idosos já participa, aí nós iniciamos o grupo de ginástica da terceira idade , foi ali que nós começamos, mais ou menos em 1989..... o grupo de ginástica da terceira idade, aí houve a integração também do grupo de dança, há o grupo de dança, o grupo de dança dos idosos, foi formado o grupo de dança dos Idosos, aí eles participavam em muitos eventos houve a integração entre o grupo de Idosos e o grupo Chapanã, que era famoso, o grupo chapanã, de adolescentes e adultos, da instituição mesmo,..... imagina, o velho não queria mais bordar, depois ele já fazia ginástica, já dançava, já participava, né... nas festas juninas também, cada grupo fazia a sua barraca, pra que eles angariassem dinheiro pra... cada grupo, como vou dizer, era autônomo..... na sua gerencia, no gerenciamento do dinheiro.... d... eles tinham lá na casinha cada um já tinha seu armário, tinha sua diretoria, seu tesoureiro, conta no banco, o SESC não se envolvia em nada disso, era o grupo que já era auto-suficiente.

Entrevistadora: *O seu trabalho, era mais de coordenação então?*

R: Eu coordenava, mas também participava, eu participava como vou dizer... silencio, tinha que haver uma coordenação geral, pois eu tinha que fazer a inscrição dos grupos,

aquilo tudo..... ver, compor as turmas, aquilo tudo, mas também eu participava diretamente como orientadora do grupo, depois então mais tarde entrou a Selma, a Bernardete, que então eu assumi a chefia lá, né....

Entrevistadora: *A participação então era de ir pros grupos, de participar nas atividades realmente?*

R: Sim, participava e reconduzia o grupo quando fosse necessário.

Várias idosas estão desde o início, tem algumas presidentes que são vitalícias, que não há como tirar, como mudar.....

Entrevistadora: *A Arlei está mudando, conseguindo mudar, bem persuasiva com os grupos falando da importância de mudar, de cada um exercer, por mais que as pessoas sejam diferentes.. elas trabalhando bastante..*

R: A Odete, a Odete ainda deve estar

Entrevistadora: *Não, não está mais, mudou.*

R: A Odete? ela conseguiu tirar a Odete Zilli? Olha que faz 10 anos que estou aposentada...

e agora... Entrevistadora: *Esse ano ela não está mais., está a Martinha como coordenadora e outras pessoas.*

R: Ah, a Martinha tá lá?! ...

2. Como é (era) definido o trabalho a ser desenvolvido? Por quem?

R: Pra... defini trabalho..... era a gente mesma que definia..... a gente tentava..... (dificuldade em lembrar desse momento)

Entrevistadora: *Vocês desciam com alguma coisa pra estar trabalhando, observava a dinâmica do o grupo... e visse que não dava de trabalhar, deixava de lado e passava pra o que elas tinha interesse?*

R. Eu não sei se eles prestam atenção, ou se eles.....às vezes eles não gostavam que as estagiárias desciam com alguma coisa, por que eles mandavam, né, eles mandavam,

chegaram a um ponto assim, que né... Entrevistadora: *Mas então a princípio, este trabalho que seria desenvolvido, era elaborado por vocês mesmas? Pelas Assistentes Sociais?*

R: Isso, é!

3. Quais as atividades que foram implantadas? Quem as define (ia)? Como?

R: Além dos grupos, a gente implantou a ginástica, né... o coral, o grupo de dança que se apresentava em vários eventos da cidade, nossa como a gente se apresentava! Todo ano em frente a catedral, era uma loucura! Ah, a feira do Artesanato do Idoso! A Feira do artesanato do idoso era no começo, no início, depois ninguém queria mais fazer nada! E aí então, mais ou menos a gente acabou com a feira do artesanato do idoso, mas a gente reunia em média mais de 3 mil a 3 mil e quinhentos idosos, vinha idosos de todos os locais, Ai nós contratávamos o Francisco Petrônio, o Moacir Franco, Os Serranos, assim, artistas famosos, sabe?! Então era a feira do artesanato do idoso , já era os nossos grupos com os grupos das comunidades... iam e então levavam o trabalho e vendiam ali também, as barraquinhas. A gente fazia dentro do ginásio do SESC, e aí, o que compunha era a exposição de trabalhos e era a dança... vinha ônibus de tudo quanto era lugar.

Entrevistadora: *Mas era só de Florianópolis ou de toda a região?*

R: Era de toda a região, vinha de Biguaçu, de Santo Amaro... foi uma época que marcou!.

Entrevistadora: *Foi uma época de ouro ?*

R: Foi, foi sim!

Entrevistadora: *Mais ou menos em que ano isso? Em 1980?*

R: Isso aí, mais ou menos até 1994.... mais ou menos até 1994.. não sei precisar.

Entrevistadora: *Lembra mais ou menos se foi na mesma época que começou o 1º grupo de trabalho manual?* R: O que, a feira do artesanato? Foi bem depois, durou de 5 a 6 anos a Feira do Artesanato do Idoso, então nós fazíamos reuniões com representantes da comunidade, representantes de grupos para planejar, o planejamento... foi assim, uma época de ouro, tanto é que quem abria era o governador! A Primeira Dama do Estado, primeira dama do município, a gente levava várias autoridades e também a feira do artesanato do idoso servia para campanha política, tudo que era político ia pra lá, ...essa era famosa, saía em vários jornais, revistas, e ali tinha as apresentações dos idosos, também apresentações dos grupos, cada grupo, já os grupos então traziam um representante para a apresentação artística, né... o grupo de teatro, nós tivemos um grupo de teatro que se apresentou no TAC, também , o grupo de teatro que se apresentou no TAC, foi a coisa mais linda!!!!

Entrevistadora: *Quem teve essas idéias todas, foram os idosos que começaram a levantar essas sugestões, foram vocês como profissionais vendo a mudança, ou foi a instituição que também trouxe essa mudança?*

R: Foi um pouco.... por exemplo assim, nós tínhamos o toninho, ele tinha uma veia artística, ele gostava muito do idoso e aí ele propôs... ele escolheu o elenco, todos os

artistas... eu não tenho a fita, a Selma tem! É linda a peça, linda, linda, foi aplaudida em pé!.

Entrevistadora: *Na realidade a senhora acredita que as atividades que foram implantadas, elas foram justamente da instituição, do profissional que estava atento e do idoso?*

R: É, o idoso mais participativo, do idoso mais criativo.

Entrevistadora: *Eles começaram a querer buscar mais coisas?*

R: Justamente, o SESC era a vida deles, tá entendendo, imagina que no grupo de Quarta-feira eu não sei.... acho que um deles já não está mais vivo....,acho que ele já faleceu...eles vinham de Imbituba toda a semana, olha só o amor pelo grupo, eles vinham de Imbituba para participar do grupo de Quarta-feira que era o grupo de casais, A Vida Continua... nós tivemos também.... durou uns 3 anos, foi um grupo musical..... “Perdidos no Espaço”, é, o grupo musical perdidos no espaço, tinha a participação dos idosos, tu vê que cresceu, né? Eles tocavam e cantavam!

Entrevistadora: *Em termos de gênero era sempre mais mulheres do que homens ?*

R: Há, sim! Isso aí tinha até uma estatística, não sei quanto por cento, acho que 80% de mulheres e 20% ou 15% de homens! Só tinha um grupo, que era o grupo de casais, A Vida Continua.

4. As atividades desenvolvidas eram(são) bem aceitas por parte dos grupos?

R: Resistência não tinha, por que o idoso nunca teve espaço para essas coisas, então era oferecido, era oferecido as atividades e quem quisesse, entre não sei quantos... poderiam participar, eles eram convidados, né!? A adesão era grande... tudo era novidade para o idoso.... o idoso nunca teve um convite para participar dessas coisas, tu ve uma pessoa com 50 anos era velha, hoje em dia não! Hoje em dia com 75 ainda estão namorando, né.... eu nunca esqueço de uma reunião que fizemos e nós perguntamos assim: o que você gostaria nesse momento, o que você gostaria? Uma respondeu que queria ser viúva, para ser livre! Os idosos vivenciavam, aos sábados para movimentar faziam seu bingo, um grupo arrecadava as prendas ou comprava, né, com o dinheiro da caxinha eles também faziam o café, com doces, cada um trazia seu prato, então eles se dividiam em equipe, alguém vendia a cartela, outro corria o bingo, outro ficava fazendo o café, outro servia, era bem organizado... eles se organizavam e a gente caía fora.... nós só ficávamos observando e vendo, eles mesmos gerenciavam tudo, prestavam contas e no final ficou assim: o SESC cedia o espaço, e eles eram os donos! Tá entendendo!? Que as vezes não é muito bom! Que

lá em Curitiba eles tiveram que fechar uma vez, assim um tempão, por que eles achavam que eles eram donos!

5. Quais foram as razões para as mudanças? (Idosos e/ou a instituição?)

R: As razões para mudança foi grande parte ocasionado pelo idoso, por que eles cresceram, né!? Eles também se sentiram, assim, gente, pode-se dizer né, participativos, se sentiram capazes de poder sugerir e realizar... A gente via a criatividade nas colônias de férias, nos espetáculos, nas apresentações a noite né...

Entrevistadora: *o que tinha nessas apresentações?*

R: Ah, era tudo, era fantasia, dramatizações, teatros, tinha as serenatas.....(fala trazida com expressão de saudades) A uma da manhã, então, quando todo mundo tava dormindo, o grupo de serenata saía, ia de casinha em casinha, fazendo serenata.... a que saudade! Meu Deus!!! No meu tempo foi muito bom, sabe!?

Entrevistadora: *a gente ouvia isso muito deles, que aquela época era muito boa!*

R: É!? A minha época foi muito boa, me realizei como profissional, cada um levava as suas coisas, a gente ia fazer visitas de casa em casa, ia fazer lanche, elas se visitavam.... há, era uma beleza!

Entrevistadora: *e durante o dia o que vocês faziam lá?*

R: há, tinha toda uma programação, né, nós mesmas é que fazíamos.... elas não ficavam um minuto sossegadas, era caça ao tesouro, era... por exemplo assim, momento de reflexão no bosque... era o momento religioso, isso era algo bem arraigado no idoso. Agora que to no grupo carismático, que vejo como é bom estar no caminho de Jesus.

Entrevistadora: *então, a senhora acredita que só apartir do momento em que de torna idoso é que a gente compreende o valor de um grupo?*

R: Pra mim foi assim, sabe!?!.... eu por exemplo, trabalhei muito com o idoso, mas eu não percebia da necessidade do idoso sentia em estar ali, eu , eu admirava! Eu admirava a assiduidade, eles não perdem o horário, eles não perdem uma atividade, a chamada era sempre sim, sim, sim, né... então era pouquíssimas as faltas, só mesmo por doença. Então agora como idosa é que vejo o valor de um grupo de idoso, o valor da atenção que eles estão dando para a 3ª idade, né, da programação tanto da prefeitura, como né... o NETI, acho que tá meio parado.....acho que depois que a D.Neusa saiu...

Entrevistadora: *eles tem várias atividades, ginástica, contadores de histórias... tem várias atividades...*

R: Nós também tínhamos os contadores de histórias, era os idosos, uma equipe lá na recreação, eles iam contar histórias para os pequenininhos da recreação pré! Tinha os contadores de história, integração, houve uma evolução desde o início, né, o idoso só ficava em casa, aí chegou lá, começou a fazer crochêzinho, aí não gostou mais de crochê, queria outras coisas.... ele começou, né.... quantos namoros nós incentivamos, também, incentivamos vários namoros lá, sabe!? Por que ... eu acho que todo mundo tem direito a uma segunda chance!

6. A Lei 8662/93 que regulamenta a profissão, coloca o profissional de Serviço Social atuante nas áreas de planejamento, execução e avaliação. No trabalho que você desenvolve(u) tinha participação no nível do planejamento, como? No nível da execução, como? No nível de avaliação, como?

R: No nível de planejamento, as reuniões do Assistente Social com os estagiários, depois o Assistente Social participava das reuniões com os outros setores né, então era a reunião de chefia, aonde o Serviço Social colocava o seu trabalho. Para o desenvolvimento de novas atividades era feito projetos para a chefia e se a chefia achasse que fosse bom para a entidade, então ela mandava para o departamento regional, né, e o departamento regional para a aprovação e a gente executava, principalmente quando precisava de verba, né!?

No nível da execução, a participação era feita nos grupos, diretamente com eles.... (silêncio)... depois nós tivemos, aí a gente iniciou o trabalho com os estagiários do Serviço Social, agora não lembro qual foi o ano... .. a execução era do Assistente Social e dos estagiários e se dava diretamente com os grupos.

No nível da avaliação, a mesma era feita com os próprios grupo, todas as atividades nós avaliávamos com os grupos, todas, nem que fosse um passeio daqui a Itaguaçu.... muitas vezes era questionário também, né... (silêncio).

7. Qual é (era) o foco do trabalho desempenhado na sua atuação no SESC? Foi influenciado pela realidade brasileira do período, pelo debate existente na profissão sobre a atuação do Serviço Social?

R: O que a gente pretendia com os grupos !? ...bom, era realmente por que faltava espaço para o idoso né!? Faltava espaço para o idoso, pra que ele cresce-se , para que ele saísse de casa, para que ele tivesse uma saúde, né... melhor, então, aí por exemplo, assim, você vê no

grupo, o idoso saindo de casa tem... é claro, participa... é lazer, ele tem uma saúde melhor, ele se distrai, é um crescimento geral do idoso, né.. um crescimento que a gente visava era a valorização da 3ª idade, através de várias atividades, né...(silêncio)

Entrevistadora: *Então, o foco do trabalho era a valorização do idoso, da terceira idade, como pessoa, como ser pensante, como alguém que estava num princípio, para estar absorvendo né, que é o princípio foi para buscar coisas novas que ele não tinha, e no segundo momento, de forma mais participativa, aonde eles começaram a se inteirar com o trabalho desenvolvido, aonde eles trouxeram novas demandas, que foi no caso o grupo de dança, participar em coral, apresentações teatrais... esse tipo de coisa !?*

R: Isso, é!.... e também a gente aprendendo com a cultura deles, canto de roda, sabe!? Eles não deixaram morrer aquilo, aqueles.... ai meu Deus, eu me lembro tanto, nessas feiras de artesanato e eu pedia a música do ribeirão, meu Deus, é linda!(murmúrios da música) ... toda vez uma senhora cantava e tocava violão, sabe...(ar de saudade) a gente também fazia o possível para a cultura continuar para as coisas antigas, as tradições.... (silêncio)..... Eu procurei estar atenta as mudanças, o que estava acontecendo de novo para a 3ª idade, para a gente poder assim preservar...

Entrevistadora: e aquela visão do Serviço Social mais antiga, assim , da forma mais assistencialista, foi se perdendo no trabalho com grupos, assim de ver os idosos de estarem ali só pra receber, pelo que pude observar, no início o Assistente Social estava mais para dar do que receber, e com a mudança dos grupos e até da própria mudança do serviço social, a senhora passou a desenvolver mais um papel de coordenadora, isso é correto?

R: É de coordenadora mesmo, a gente viu a descoberta da potencialidade deles, aquilo tudo, não era mais aquele idoso que tava ali, né... mas ele já criava, ele já aparecia, na verdade... na verdade deu um salto, agora não sei como é que tá., com certeza tá bem melhor, mas... deu pra observar a mudança naqueles anos... tu pode ver, que daquele velho grupo de mães o que surgiu.... ?

Entrevistadora: os outros grupos de convivência, 9 grupos se não me engano....

Questionário da Entrevista:

Nome: E3

Idade: 40 anos

Especialização: (X)sim ()não. Qual?: Gerontologia

Tempo de Atuação no SESC: 16 anos

1. Como é (era) o seu trabalho junto aos idosos?

Atuei no período de 1990 a 1997 diretamente nos Grupos de Idosos na Unidade do SESC Florianópolis.

Até 1994 a Unidade contou com 5 Grupos, todos de idosos e denominados de Grupos de Convivência, com aproximadamente 14 anos de existência.

A minha atuação não era voltada somente para os Grupos de Idosos, respondia também pela área de Educação em Saúde. A Sub-Gerente da Unidade, também Assistente Social atuava em conjunto, porém como Coordenação Geral do Setor.

A participação no primeiro momento esteve centrada na observação e aos poucos na inserção de técnicas dinâmicas de grupo com o objetivo de estimular a participação e interação do idoso em outras atividades.

O acompanhamento portanto era diretamente com os idosos, englobando as etapas de planejamento, execução e avaliação.

De 1998 até o momento atual, minha responsabilidade técnica está centrada na coordenação da Atividade de Grupos dentro do Programa Assistência e ampliada em 2006 para a atividade Ação Comunitária.

2. Como é (era) definido o trabalho a ser desenvolvido? Por quem?

O trabalho define-se como Trabalho Social com Idosos, que na prática contempla os diversos campos de atuação do SESC.

As áreas de Saúde, Cultura, Saúde e Educação contam na Administração Regional com profissional com formação específica que responde por todas as faixas etárias integrantes do Programa Assistência, na Atividade: Grupos.

O cargo assumido pelo responsável por essa atividade é denominado de Técnico de Atividade permanecendo até hoje, independente da atividade e formação profissional .

3. Quais as atividades que foram implantadas? Quem as define (ia)? Como?

Foram implantados diferentes tipos de grupos e projetos que serviram para envolver o idoso em novas atividades. As ações eram discutidas através das reuniões semanais e nos encontros das lideranças.

Ações que contribuíram para a revitalização do trabalho com o idoso no período que atuamos no Sesc Fpolis:

- Projeto “Era uma vez...Atividades intergeracionais” O objetivo principal é estimular o estreitamento das relações entre idosos e crianças. Por ser uma proposta de atividade diferenciada, contava com representação significativa do idoso. Foi implantada em 1993, sendo uma proposta do Departamento Nacional do Sesc. ✦
- Grupo Pacientes Oncologia – Atividade que permitiu ao idoso uma participação diferenciada, destacando-o como apoio fundamental no desenvolvimento da proposta. Firmou-se como mais uma diferente possibilidade de permitir o envolvimento e engajamento numa ação solidária. O Grupo consistia em encontros semanais com pacientes de Oncologia de um Hospital localizado próximo ao SESC. Os pacientes, todos oriundos do interior, se dirigiam ao SESC para a participação em atividades que proporcionavam trabalhar a auto-estima e o idoso atuava no projeto como elemento fundamental, já que assumia etapas do encontro com suas histórias de vida.
- Grupos de Convivência: Devido à crescente demanda e a dificuldade de espaço físico os grupos foram ampliados para 10 grupos de Convivência. Desta forma os grupos antigos, que reuniam-se semanalmente passaram a encontrar-se quinzenalmente. A intenção foi estimular autonomia dos Grupos, isto é que vivenciassem o processo emancipatório fortalecendo a formação de novos grupos na comunidade. O tempo porém foi mostrando que o vínculo com a instituição é grande, e que os idosos tem uma resistência grande à mudanças, mesmo sendo envolvidos na definição das mesmas.

- Projeto Idoso em Movimento: até 1990 era designado como Colônia de Férias de Cacupé, passando posteriormente a ser divulgado como IDOSO EM MOVIMENTO. Nossa atuação esteve centrada na realização de atividades que proporcionavam o desenvolvimento da criticidade, do potencial criativo e no estímulo a participação e integração entre os grupos.

O trabalho era realizado diretamente junto aos grupos de idosos e conseqüentemente na dinamização de ações que estimulassem ao idoso a interação em novas ações.

Como a transferência para o Departamento Regional do Sesc foi redimensionada as ações voltadas para o Idoso, principalmente na concentração de grupos diferenciados que além da socialização caracterizam-se como espaços de aprendizado e crescimento pessoal.

4. As atividades desenvolvidas eram(são) bem aceitas por parte dos grupos?

As atividades buscavam partir da realidade e interesse do idoso, porém nos grupos de convivência, por haver maior resistência ao novo, ocorre maior dificuldade de aceitação.

As atividades que apresentam uma metodologia diferenciada, voltada para a percepção do idoso enquanto sujeito, e que concentra principalmente idosos não freqüentadores dos grupos, há grande aceitação.

Entende-se que sempre deve-se considerar os interesses e necessidades do idoso, porém a inserção de atividades inovadoras com objetivos específicos é primordial para instigar a transformação e descobertas.

5. Quais foram as razões para as mudanças? (Idosos e/ou a instituição?)

As razões para as mudanças surgiram tanto por parte dos idosos como da instituição. Idosos: a própria comunidade começou a procurar o SESC em busca de grupos diferenciados, que permitissem não somente a convivência mas também conhecimento.

SESC: Pioneiro no trabalho com o idoso no Brasil através do SESC São Paulo, no decorrer do desenvolvimento das ações, repensando constantemente sua proposta vai lançando, a partir da demanda apresentada, a inserção de novas ações.

Como resultado das mudanças percebe-se idosos mais atuantes e envolvidos com temáticas diferenciadas.

6. A Lei 8662/93 que regulamenta a profissão, coloca o profissional de Serviço Social atuante nas áreas de planejamento, execução e avaliação. No trabalho que você desenvolve(u) tinha participação no nível do planejamento, como? No nível da execução, como? No nível de avaliação, como?

As ações sempre tiveram uma diretriz do Departamento Regional, porém flexíveis à adequações, permitindo o planejamento local, com a responsabilidade também da execução e avaliação.

No planejamento sempre há autonomia para o desenvolvimento de ações de acordo com a realidade local, na execução nosso papel naquele período esteve ligado diretamente com o desenvolvimento do trabalho junto aos grupos e a avaliação era efetuada junto aos grupos e com possíveis técnicos envolvidos.

Atualmente nossa atuação profissional está centrada na etapa de planejamento e acompanhamento da execução e avaliação junto às Unidades Operacionais do SESC no Estado.

7. Qual é (era) o foco do trabalho desempenhado na sua atuação no SESC? Foi influenciado pela realidade brasileira do período, pelo debate existente na profissão sobre a atuação do Serviço Social?

Em todos os momentos a atuação foi influenciada pela conjuntura social vigente, buscando através da fenomenologia o direcionamento da prática, partindo e considerando o vivido dos envolvidos no trabalho.

O foco sempre foi no sujeito, numa perspectiva de trabalhar as relações interpessoais e valorizando as potencialidades do ser humano independente da idade.

Questionário da Entrevista:

Nome: E4

Idade: 35 anos

Especialização: ()sim (x)não. Qual?:

1. Como é (era) o seu trabalho junto aos idosos?

R: eu comecei como estagiária, eu trabalhei 2 anos como estagiária, aí depois a Selma foi para o Departamento Regional do SESC, surgiu uma vaga lá e eu fiquei, acabei continuando o trabalho no lugar dela como Assistente Social, depois que eu me formei, aí fiquei 3 (três) anos e meio trabalhando. Aí dei continuidade um pouco do trabalho que já tinha, aí surgiram outros projetos também, e... aí a Selma foi pra lá assim e de lá continuou me orientando, assim por que ... entrei como estagiária e depois passei para Assistente Social. Eu continuei com o Grupo de Convivência, com os trabalhos que já tinham lá, o Projeto Era Uma Vez trabalho intergeracional, nós tivemos um grupo de estudos que era o Grupati, né, o grupati começou assim bem... quando eu comecei a atuar como Assistente Social. E era uma coisa nova no SESC, que era um grupo de estudos, no começo teve uma resistência das pessoas, poucas pessoas se interessaram, mas assim , foi vingando assim e depois, assim, umas foram falando para as outras “é legal!, a gente troca idéia, troca conhecimento, conhece coisas novas”, né... aí o pessoal foi se animando.... e aí formou uma turma bem legal! Tinha os projetos lá em cacupé, que é o Idoso em Movimento, que é um projeto que eles adoram, e eram 2x ao ano, esse projeto eles gostam por que ficam 3(três) dias, lá faziam o trabalho de grupos, de integração, né... tem as festas que a gente faz, eu continuava praticamente com os projetos que já existiam, né.... no começo passei de estagiária para Assistente Social, no começo a gente balançava um pouco né, mas aos pouquinhos eu fui tocando o trabalho com a ajuda da Selma que tava lá, né... e aí depois, tive a sorte de eles contratarem 2(duas) estagiárias, Risos... foi aí que eles contrataram 2(duas) estagiárias, depois que a Selma foi para o Departamento Regional, assim as coisas me ajudou muito... para Ter trabalhado num centro de atividade como o CAF, Ter vivenciado algumas dificuldades assim, e quando foi pra lá, isso ela tentou modificar as coisas que faltavam, ela tentou sanar... e ela sentia a falta de uma estagiária a mais,né, então isso ajudou bastante. Eu participava no Conselho Municipal do Idoso também.

Entrevistadora: *nessa época já havia a participação nos conselho?*

R: Já na época da Selma já havia, a Selma já participava do Conselho Estadual do Idoso, aí depois que foi criado o Conselho Municipal, pois não existia na época, aí eu participava do Conselho Municipal e a Selma do Conselho Estadual do Idoso. Aí, quando eu passei a ser Assistente Social, eu tinha... quando a gente é estagiária a demanda não é tão grande assim, quando passei para Assistente Social, eu tive que me envolver com outras coisas, com outro processo da instituição também, não ficava só no meu departamento, quando tinha um evento no setor de cultura a gente se envolvia, com os idosos, tinha que participar das reuniões da instituição... eu procurava ter um tempinho para ir lá no grupo também para supervisionar, né, supervisionar os estagiários. Meu estágio foi mesmo direcionado aos idosos mesmo, aí depois a gente criou um grupo de adolescentes, que eu acompanhava também.... esse grupo de adolescentes funcionava a noite, 1x por semana. E a gente trabalhava dinâmica de grupos, conforme o interesse deles, né, algum projeto do SESC, que no começo era na Área da Assistência, mas era no setor de esporte, com a Gisele.... era.... não me lembro mais... ela cuidava de 2(duas) áreas, mas era no setor de esportes que ela que coordenava, mas eu participava junto, aí depois, é que passou como grupo e passou para grupo, por que antes era um projeto, aí esse projeto Tenn, era da área de assistência, mas como envolvia muita parte de esporte, e... começou com o setor de esporte, aí esse projeto a gente formou um grupo de adolescente, aí como era grupo passou para o setor de grupos, daí que passou para mim, pois era grupo, aí eu continuei tocando esse grupo de adolescente, aí também no começo saía e entrava novos, como todo grupo. A gente também trabalhou com Dinâmica de Grupo, assistia alguns filmes relacionados a adolescência, assim, fazíamos passeios também, tinha em várias cidades, aí quando tinha os projetos a gente se organizava para ir para participar de encontros com os grupos de adolescentes das outras unidades e....

Entrevistadora: *o seu trabalho era de orientar, coordenar? participando não somente como estagiária, mas como profissional, participando em parcerias com outras entidades?*

R: É... sim tinha o mês do idoso, o mês de Setembro, geralmente a gente fazia as reuniões se faziam lá no SESC, para organizar esse mês, né... em parceria com as outras entidades, com os bairros, com a prefeitura, todos os órgãos que participavam e acho que ainda participam, das atividades do mês do idoso, algumas coisas no SESC, como estagiária eu já participava, nos grupos também a gente fazia também um ciclo de palestras, que realizávamos 1x por mês. Era outro projeto do SESC... como era o nome... não lembro. Então todo o mês tinha essas palestras, eles participavam, a gente divulgava fora também, era aberto ao público.... a gente entrava em contato com outros grupos. A gente sugeria

temas que eles gostariam de estar debatendo nas palestras.... nós trabalhávamos o nosso interesse, mas tinha deles também, mas a gente já sabia mais ou menos que tipo de assuntos que eles gostavam pra debater. O grupo de pacientes com parceria com o Hospital de Caridade, que é um projeto que já existia na época da Selma, que ela começou junto com a enfermeira lá no hospital e a gente continuava 1x por semana, quando o tempo tava bom a gente fazia, né... era com os pacientes... eu não sei se existe esse projeto no SESC ainda?

Entrevistadora: *Não existe mais!*

R: Não existe mais, ah... que pena! Eram pacientes do Hospital de Caridade, do anexo, né e essa foi a dificuldade, pelo fato assim dá... do que o tempo não tava bom, eles não vinham, os pacientes assim tinham uma certa resistência a vir, né, a Assistente Social, não sei por que, derrepente é .. é assim, ela era sozinha no hospital e aí ficava complicado tá acompanhando sempre, mas assim, a gente pode tocar esse grupo, a gente não desistia... a época que eu tava lá assim.. (risos)

Entrevistadora: *As vezes é interessante por que as vezes com você vendo as dificuldades dos outros, você melhora, não fica reclamando tanto, ou por que as coisas só acontecem comigo, a gente percebe que também acontece com os outros!*

R: é, e aí eles dependiam só da gente, os pacientes, a gente tinha que tá animando eles, participando, tinha aquelas pessoas que vinham com o espírito bem empolgados assim e aí a gente mesmo criava um clima legal, entende... é... é, acho que basicamente é isso.

2. Como é (era) definido o trabalho a ser desenvolvido? Por quem?

R: o trabalho? Cada profissional tem um... acho que ... tem pessoas que falam: há tem coisas que o Assistente Social faz, que outro profissional faz.... eu acho que cada profissional tem um olhar diferente, né... então existe os projetos, alguns projetos que do SESC, mas cada um na sua área, define como vai fazer, né, como vai desenvolver o trabalho, né? E ... em relação ao trabalho com os idosos, né.. o que a gente fazia ... a gente tinha nossos relatórios de coisas que a gente observava, né, através das falas... e no trabalho com grupos e de trabalho com as lideranças dos grupos, isso tudo a gente tentava trabalhar para estar orientando eles em relação ao grupo, dizer o que é grupo, criar alternativas para.... como vou dizer...para resolver certas situações que apareciam né... e não sei se é isto que é a pergunta, ou não, assim ó... o SESC tinha alguns projetos prontos é isso?! se os projetos que existem é o Serviço Social que implanta....

3. Quais as atividades que foram implantadas? Quem as define (ia)? Como?

R: é assim, os projetos eram criados... tem alguns projetos que são do Departamento Regional, né, que vem de lá e a gente tem que tar executando, né, como é o projeto Idoso em Movimento, que é um projeto do Departamento Regional, a maioria dos projetos, né, que são desenvolvidos, são criados lá né, e vem pra gente e a gente desenvolve conforme cada área, já vem com os objetivos prontos, e a gente, o que a gente faz, a gente organiza a parte do projeto, é... das atividades que vão ser realizadas né... o projeto t'á pronto, o objetivo, agora como vai ser realizado as atividades, o cronograma.... tudo é a gente que fazia, ele já vinha pronto do Departamento Regional, mas a parte da execução, quem organizava mesmo era a gente, a Assistente Social.

Entrevistadora: *as estagiárias já atuavam?*

R: sim, sempre participando, é...

Entrevistadora: *você me falou que teve alguns projetos que começaram e que já existiam, e que esse projeto das crianças foi você que começou...?*

R: Esse projeto era do Departamento Nacional, esse aí, o Projeto Era Uma Vez... era o projeto que já existia na época da Selma, que era o Departamento Nacional, esse projeto era desenvolvido, se não me engano em 5 (cinco) unidades do SESC do Brasil, era Bahia, Ceará, Rio de Janeiro, Santa Catarina... e não lembro se... no histórico do SESC tem, esse projeto era do Departamento Nacional, né...

Entrevistadora: *e assim, foi modificado alguma coisa nos trabalhos com os grupos, algumas dinâmicas diferentes, ou eles seguiram praticamente o mesmo padrão do que já vinha sendo feito?*

R: Não, mudou muita coisa, assim, mas cada um desenvolve de uma maneira diferente, assim né, cada profissional tenta sempre mudar alguma coisa, o foco, só que assim na verdade, nos grupo não muda muito assim, até mesmo por que o Grupo de Convivência do SESC são pessoas que já estão lá a muito tempo, né...então tem um montão de idosos com mais de 80 (oitenta) anos, muitos grupos antigos, né... a gente consegue mudar alguma coisa nos grupos mais novos, que os grupos mais antigos tem mais resistência, mas a gente tenta mudar, as vezes elas não gostam muito das dinâmicas de grupo que a gente faz, elas acham que tomam muito espaço do grupo delas, mas a gente tem que ser resistente, por que senão elas ficam naquela mesmice de bingo, de né... mas tem sempre uma ou outra que gosta e a gente não pode agradar todos, também a gente faz as atividades, mas agrada

alguns, mas acaba agradando a maioria, no começo tem uma resistência, mas depois elas acabam se envolvendo com a novidade e acabam gostando.

Entrevistadora: *na realidade alguns projetos vinham do Departamento Nacional, do Departamento Regional e alguns foram criados ali, como o do Hospital de Caridade?*

R: É o projeto foi criado ali, é... até o Grupati, também o Grupati, quando eu era estagiária, foi uma idéia da Selma, que já estava ali e da Leila que tá lá no Departamento Regional, foi pensado ali, mas a gente não tinha algo definido. Depois que a Selma foi pra lá, que eles colocaram no papel, os objetivos criaram o nome, pensaram em grupo de estudos, mais aí depois criaram Grupati, aí colocaram a descrição, os objetivos, e... aí foi bem definido, assim mesmo, depois que a Selma foi pro Departamento Regional, mas a idéia se criou ali, aí quando ela foi pra lá, ela colocou a idéia e aí acabou nascendo e aí foi sendo implantado no estado todo e em todas as unidades, e o SESC também, na época que eu era estagiária, eles não tinham um plano estratégico, depois que mudou a diretoria assim, esse plano estratégico foi mudando muita coisa, a instituição SESC no estado mudou muito, por que assim os projetos não eram desenvolvidos, alguns eram desenvolvidos em algumas unidades, outras não... assim, cada um desenvolvia seu projeto, entendeu, aí depois que o SESC mudou, criou seu plano estratégico, os projetos centralizaram no Departamento Regional e começaram a ser desenvolvidos em todas as unidades, entendeu?!. Algumas coisas, mudaram, não só em relação a unidade, mas ao SESC como instituição, isso foi lá por 1999/2000 foi nessa época...

Entrevistadora: *no ano que foi criado o Programa Terceira Idade?*

R: foi, é, não sei se continua esse programa?

Entrevistadora: *sim*

R: continua... é ... então foi nessa época que...

Entrevistadora: *o programa foi implantado somente em Santa Catarina.*

R: Só em Santa Catarina é... tem alguns projetos, como o Era Uma Vez que era nacional, mas a maioria é tudo regional, do Estado. Antes o foco era o lazer né, então depois foi mudando isso.

Entrevistadora: *então foi depois de 1999 esse processo?*

R: melhorou bastante.

Entrevistadora: *você acompanhou essa mudança?*

R: eu peguei essa mudança, quando eu entrei tava essa mudança, na época foram feitas várias reuniões para mostrar para a gente, né, como é que ia se desenvolvido as atividades, os projetos,....

Entrevistadora: *quem coordenava essas reuniões?*

R: era o pessoal do Departamento Regional, era o setor de pessoal junto com o diretor, eles faziam várias... e aí a gente começou Ter contato com o Departamento Regional, por que antes era assim, não havia muito

Entrevistadora: *então ocorreu uma aproximação?*

R: é, uma aproximação maior, é...

4. As atividades desenvolvidas eram(são) bem aceitas por parte dos grupos?

R: na maioria aceitava, assim, entendeu.. é que cada um ... a gente deixou assim, incentivou eles a participarem de tudo, mas o foco mesmo do SESC são os Grupos de Convivência, pelo histórico que já existe... e cada um vai se interessando, conforme a atividade que cabia.

Entrevistadora: *vocês viam as possibilidades e aceitação ou não por parte deles.... ?*

R: aqueles que se interessavam... o projeto Era uma Vez, pessoas que gostam de trabalhar com crianças, mas sempre tinha assim, a gente sempre procurava também assim, mudar a cada ano, buscar idosos diferentes, a gente quer gente nova para dar oportunidade para todo mundo, mas sempre tem alguém que se interessa, a gente ia buscar nos grupos de convivência, a gente primeiro dava preferência para os idosos que já participavam em alguns projetos e depois alguns idosos que passavam de outros grupos e instituições, a gente convidava também.

Entrevistadora: *então você acha que não havia muita resistência por parte dos idosos ?*

R: no começo sempre tem, por que quando eles procuram o SESC é pro Grupo de Convivência, tem o grupo de ginástica, que é do setor de esportes, mas a gente sempre convida para participar de outros projetos e aqueles que tem interesse de participar, participam, e a gente busca fora também, a resistência é só de alguns, não só da maioria, entendeu? E acontece no grupo, 1, 2 ou 3, é que tem resistência e acaba levando os outros, a gente sempre trabalhava para que isso não acontecesse.

Entrevistadora: *e como isso era trabalhado? Era conversado?*

R: a gente tentava assim mostrar o outro lado, que derrepente eles não, de entrar no SESC nos Grupos de Convivência, e agora não quero mais nada, a gente sempre procurava falar que objetivo que tinha aquele projeto, por que ele foi... tava sendo colocado em pratica, que eles tinham que tar buscando, eles também outras coisas também, que era importante, né... que se derrepente não tivesse interesse no projeto, se eles conhecessem alguém que

tivesse interesse, trazer outras pessoas também. Então a gente sempre buscava dessa forma, se não que participar, mas vai ver como é, que derrepente, né, “não quero ir”, mas derrepente vai 1 ou 2x e gosta, acaba gostando, as vezes a gente ve que eles entendem de uma maneira diferente, mas depois começa a participar e eles acabam gostando, né... a gente sempre convidava.: vai, não diga não agora, mas vai lá, participa pra ver como é que é, conhece e acaba gostando, e se não gostar paciência! A gente não cai obrigar ninguém a nada, mas a gente sempre... tem aquelas idosas que gostam de participar de tudo, participar de um projeto, do grupo de convivência, tem essas que querem e tem sede de tudo, né.... mas tem aquelas que não querem, só querem o grupo ali, não querem assumir compromisso, muitos não estão só no SESC, participam de outras instituições também, é...
Entrevistadora: *o SESC foi o pioneiro então?*

R: é, só tinha o SESC, a prefeitura e pronto, agora existem vários grupos, então a gente ve que muitas pessoas não estão só lá no SESC, estão em outros grupos e realmente, as vezes elas não tem tempo....

4

5. Quais foram as razões para as mudanças? (Idosos e/ou a instituição?)

R: a instituição procurou trazer coisas novas e... tentar acompanhar.... por que como falei o foco do SESC foi o Grupo de Convivência, mas a gente sempre tentar trazer coisas diferentes, como do grupo de estudos, que não tinha no SESC, por que a gente as vezes tem que buscar coisas que as vezes não é do interesse deles, mas que eles....acham que... as mudanças que ocorreram foi mais pela instituição, mas claro, teve algumas coisas que os idosos também.... buscam também.

Entrevistadora: *Pra você, nesse momento, a instituição é que alavancou a maior transformação?*

R: é alguns projetos sim, algumas atividades a gente procurou inserir assim....

Entrevistadora: *nessa fase de 1999, ocorre a mudança do programa e a instituição acaba trazendo um outro foco?*

R; é, por que, ali no CAF, os projetos se centralizavam mais ali, e depois que teve essa mudança, outros centros de atividade começaram a implantar os mesmos projetos, então os idosos do CAF viam que não era só ali que as coisas aconteciam, que outros grupos em outras unidades, também estavam fazendo o que eles estavam fazendo, participando de outras atividades, que eles também podiam estar participando também, a gente procurou fazer , é.... os grupos de... o Grupati, grupo de integração entre esses grupatis, entendeu?

Isso tudo foi incentivando, e a gente começou a criar estratégias para que incentivassem eles também, há, tem grupo aqui em Florianópolis, há tem grupo lá em Brusque, também, aí que bom, vamos fazer uma integração desses grupos?. Então eram criados os projetos, mas tinha que criar estratégias para que eles se incentivassem em participar, entendeu, e algumas demandas, é claro, vem dos próprios idosos, eles falaram muito da taxa que eles pagavam, ... que antes não pagavam nada... teve uma redução disso, tem algumas coisas que são eles que buscam também, até interessante né, ... a gente não quer um idoso alienado também, a gente trabalha com eles essa questão, de eles procurarem o direito deles, né... de estarem reivindicando, coisa que não, que eles acham que não....

Entrevistadora: *essa taxa foi instinta!*

R: foi?! Isso aí foi uma conquista deles (risos) ... então, tem certas conquistas que foram deles, assim...

6. A Lei 8662/93 que regulamenta a profissão, coloca o profissional de Serviço Social atuante nas áreas de planejamento, execução e avaliação. No trabalho que você desenvolve(u) tinha participação no nível do planejamento, como? No nível da execução, como? No nível de avaliação, como?

R: Dos projetos, a parte de planejamento era nós que.... como falei, existia o programa e o projeto.... mas quem planejava, executava, quem fazia o projeto acontecer, desde o levantamento de custos, o cronograma, avaliação, relatório era tudo a gente que fazia... então isso aí era a parte da Assistente Social. A execução começava no cronograma do projeto, já começava aí, a gente tinha o projeto pronto, mas quem planejava o projeto, como ia ser realizado, era nós... de todas as atividades. Na avaliação também era a gente que fazia a avaliação através de relatórios, a gente encaminhava sempre e era encaminhado para o Departamento Regional, para eles aprovarem, tudo tinha a aprovação do Departamento Regional, em relação a custos né, passava pela gerente, da gerente ela.... autorizava e depois liberava, se ela achava que tinha que ter alguma mudança, já voltava para nós, a gente já refazia, pra ela aprovar novamente para ir para o Departamento Regional, então era assim que acontecia.... isso não existia antes, isso faz parte da mudança....

7. Qual é (era) o foco do trabalho desempenhado na sua atuação no SESC? Foi influenciado pela realidade brasileira do período, pelo debate existente na profissão sobre a atuação do Serviço Social?

R: o foco era o Idoso! (risos) especificamente os idosos, o trabalho com os adolescentes era 1(um) grupo só que tinha né, mas o foco mesmo era os idosos. O trabalho com grupos e mais..... (silêncio)

Bom, essa era a nossa função, de tar inserindo as pessoas nessa realidade social, mas isso vai depender muito profissional, né, então... eu posso tá me formando, mas derrepente a ... a instituição também tem as suas limitações, que a gente também tem, a gente não pode se limitar a instituição, então vai depender muito do profissional... mas o verdadeiro Assistente Social acompanha a realidade social, política, que busque transformação. Hoje em dia acho que existem poucos assistentes sociais que ficam atrás de uma mesa, eu penso assim... (risos), mas acho que a gente tem sempre que buscar a transformação e acompanhar a realidade social que a gente vive, procurar passar isso para os usuários, estar sempre atualizado com a profissão.

Entrevistadora: *teria mais alguma coisa que você gostaria de falar que esqueceu ?*

R: O trabalho no SESC foi basicamente isso, estou afastada a mais ou menos 4(quatro) anos, sai, fui morar no interior de São Paulo, mas assim, para mim foi bem gratificante, aprendi muito, o SESC me possibilitou experiência no trabalho com idosos, como né, profissional mesmo, Assistente Social, e por que não ficava só ali dentro, trabalhava com outras instituições, outras entidades, trabalhava com os idosos, fazia essa troca... aí tinha contato com os outros Assistentes Sociais que tinham as mesmas limitações que eu tinha dentro da instituição, no trabalho com idosos, a gente procurava conversar muito, então... isso me ajudou bastante, apesar de a gente as vezes ficar frustrada, por que a gente tem vontade de fazer certas coisas que a instituição nos limita, isso é natural, isso existe, mas foi muito bem gratificante, tenho muitas saudades daquele tempo, principalmente dos idosos. Outra coisa que pude perceber é que tinha uma grande diferença em ser estagiária e eu ser Assistente Social, por que eu comecei a me envolver com outras atividades e outras reuniões, e eu não tinha mais aquele tempo disponível de quando eu era estagiária que eu ia só para os grupos, ficava lá, fazia as dinâmicas, coordenava o grupo, jogava bingo com elas e eu conversava mais com elas, tinha contato com elas, conseguia conhece-las melhor, e isso tive que perder um pouco, eu sentia muita falta, por causa das outras atividades que tinha que desenvolver, eu tive que me dividir nos projetos, nas reuniões, né, tinha que fazer relatórios,..... é importante ter 2(duas) estagiárias , mas assim, a vinda de outro

profissional é importante, até para dividir as atividades, ter mais qualidade no desenvolvimento das atividades, nos projetos...

Questionário da Entrevista:

Nome: E5

Idade: 30 anos

Especialização: (x)sim ()não. Qual?:

Administração e Planejamento de Projetos Sociais

Tempo de Atuação no SESC: Set/2000 aos dias atuais

1. Como é (era) o seu trabalho junto aos idosos?

O processo de trabalho que realizo consiste em definir, planejar e operacionalizar ações e também supervisão de estagiários. Essas ações estão contempladas dentro do Programa Terceira Idade. Este programa tem como principal objetivo a valorização social do idoso e o incentivo a inserção/integração na sociedade.

2. Como é (era) definido o trabalho a ser desenvolvido?

O trabalho é definido a partir da proposta de ação do SESC na área da Assistência, em âmbito Nacional pelo Departamento Nacional e que é adequado a realidade de cada Estado e conseqüentemente cada Unidade Operacional dispõe de autonomia para inserir na Programação, ações que se fazem necessárias, conforme demandas apresentadas pelos seus usuários. A programação específica desta Unidade é realizada com base nas propostas Nacional e Estadual aliado-se a demanda local que ora se apresenta.

Quem define o trabalho é uma coordenadora da área de Grupos e Trabalho com Terceira Idade juntamente com o profissional de Serviço Social e o gerente da Unidade.

3. Quais as atividades que foram implantadas? Quem as define (ia)? Como?

Nestes último quatro anos tivemos implantadas algumas novas ações:

✓ Encontros de Socialização Grupal (Encontros realizados com os participantes dos diferentes grupos com o objetivo de integrar os mesmos através de diferentes ações em cinco grandes momentos anualmente, encontro de integração dos grupos, encontro das mães, encontro em homenagem aos avós, encontro dos pais e encontro de encerramento de grupos;

✓ Grupo Expressão Vital, o qual tem por objetivo possibilitar através das várias expressões da arte um novo olhar para a vida e despertar novas habilidades.

✓ Grupo Girassol, tem por objetivo integrar e socializar através da dança sênior;

✓ Projeto REDE (Resignificado, Experiência, Diálogo e Expressão), tem por objetivo construir uma nova imagem sobre o envelhecimento trabalhando com o idosos e sua família;

As ações foram definidas a partir de demandas apresentadas pelos usuários e também através de uma proposta de revitalização dos grupos já existentes por parte do profissional de Serviço Social e da Instituição.

Para implantação das referidas atividades tivemos encontros de capacitação na área de artes e em seguida elaboramos planejamento para formação dos grupos, divulgação, sensibilizando para a proposta, alocação de recursos junto a Instituição, compreendendo orçamentos, estrutura física, recursos humanos etc.

4. As atividades desenvolvidas eram(são) bem aceitas por parte dos grupos?

Essas atividades foram bem aceitas por grande parte dos participantes dos grupos. Não temos mais disponibilidade de vagas nos dois grupos. Exceto quanto ao Projeto REDE, temos pouca participação principalmente dos familiares. Assim, já estamos monitorando no sentido da eficácia do mesmo. Constatamos que os familiares não estão se envolvendo com seus idosos e estes por sua vez, não querem "incomodar" seus familiares.

5. Quais foram as razões para as mudanças? (Idosos e/ou a instituição?)

As mudanças aconteceram no sentido de dar conta das novas demandas que vinham sendo apresentadas pelos usuários e compreensão/visão de realidade do profissional do Serviço Social e olhar dos estagiários de Serviço Social que integram as atividades para os usuários da terceira idade. Concomitante a instituição também vem se modernizando acompanhando as novas tendências e necessidades.

6. A Lei 8662/93 que regulamenta a profissão, coloca o profissional de Serviço Social atuante nas áreas de planejamento, execução e avaliação. No trabalho que você desenvolve(u) tinha participação no nível do planejamento, como? No nível da execução, como? No nível de avaliação, como?

Tenho participação no processo de planejamento de praticamente todos o trabalho desenvolvido, igualmente na execução e avaliação. Através de reuniões, encontros, com idosos, estagiários e equipe da Unidade.

7. Qual é (era) o foco do trabalho na sua atuação no SESC? Foi influenciado pela realidade brasileira do período, pelo debate existente na profissão sobre a atuação do Serviço Social?

O foco de atenção principal é o idoso. A influencia principal é que esta Instituição foi pioneira no trabalho com este segmento da população. Considera-se a realidade brasileira

sim, a medida que vimos este contingente populacional crescer vultuosamente. Quanto ao debate existente na profissão sobre a atuação do Serviço Social junto a este segmento penso que ainda é insuficiente. Cabendo aos profissionais buscar o aperfeiçoamento pessoal na referida área, através de cursos de capacitação ou especialização e mestrado. Além, de acesso a literaturas sobre a área de intervenção e afins. Diante disto afirmamos que uma atuação diferenciada, depende além da formação acadêmica, de empenho de cada profissional em estar se aprimorando e desenvolvendo habilidades e competências no sentido de atuar de forma mais competente, propositiva e transformadora.

Outro aspecto, que ressalto neste momento é a importância de participação em estâncias de representação de lutas pelos direitos dos cidadãos, os conselhos de direitos. Estamos participando desde 2002 no Conselho Municipal de Direitos do Idosos do município de Florianópolis, alternando nesses anos, as cadeiras de titular e suplente. Representamos no referido conselho o SESC - Serviço Social do Comércio, enquanto organização Não Governamental e prestadora de serviço.

Dessa participação neste órgão deliberativo e consultivo, destaco meu envolvimento em algumas comissões de trabalho, como a de Políticas Públicas. Onde articulamos e realizamos alguns seminários de capacitação para idosos e profissionais do trabalho com idosos de Florianópolis, além de conferências municipais e regionais do idoso. Também tenho participação efetiva na publicização do Estatuto do Idoso enquanto conselheira e também através do trabalho que realizamos com os idosos participantes das atividades do SESC Florianópolis.

Destaco ainda, de minha atuação profissional e de acordo com as novas tendências profissionais e demandas postas pelos idosos, trabalho realizado sobre a Temática Saúde com representantes de Grupos do SESC Florianópolis em 2004. Este trabalho foi apresentado por uma idosa representando o Estado de Santa Catarina, no Encontro Nacional do Idoso promovido em outubro de 2004 pelo SESC São Paulo, com objetivo de avaliar a implementação do Estatuto do Idoso nos diferentes estados da Federação.

ANEXO A - Listas dos Trabalhos de Conclusão de Curso

LISTA DOS TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO

BORGES, Arlei Souza. **O convívio intergeracional: como meio de transformação social.** Trabalho de Conclusão de Curso.UFSC. Departamento de Serviço Social. Florianópolis 2000. (00.1264)

ENGHERT, Triciana. **A participação social na 3ª Idade.** Trabalho de Conclusão de Curso.UFSC. Departamento de Serviço Social. Florianópolis 2001. (01.1465)

FAVERO, Fernanda Cristina. **Mulheres idosas redescobrando as suas vidas através da participação em grupo.** Trabalho de Conclusão de Curso.UFSC. Departamento de Serviço Social. Florianópolis 2002. (02.1520)

FREITAS, Lisete Simone de. **A busca de autonomia na Terceira Idade: uma contribuição do grupo de convivência no sesc.** Trabalho de Conclusão de Curso.UFSC. Departamento de Serviço Social. Florianópolis 2000. (00.1273)

HERMES, Elizabeth P. **Grupo: um caminho para a autodeterminação.** Trabalho de Conclusão de Curso.UFSC. Departamento de Serviço Social. Florianópolis 1997.(97.1104)

LEMOS, Daisy P. **O Serviço Social e o projeto Era Uma Vez...Atividades Intergeracionais: uma experiência de estágio no serviço social do comércio – SESC.** Trabalho de Conclusão de Curso.UFSC. Departamento de Serviço Social. Florianópolis 2004. (04.1687)

MARTINS, Thaiz Borges. **A busca do saber na 3ª Idade: estudo realizado junto ao projeto Grupati/SESC.** Trabalho de Conclusão de Curso.UFSC. Departamento de Serviço Social. Florianópolis 2001. (01.1346)

OLIVEIRA, Diany Cariny de. **A importância da dinâmica de grupo como instrumento primordial no trabalho com grupos: uma contribuição do grupo de adolescentes do**

SESC. Trabalho de Conclusão de Curso.UFSC. Departamento de Serviço Social. Florianópolis 2001. (01.1324)

PEREIRA, Maurília. **O papel do líder na construção grupal do processo grupal.** Trabalho de Conclusão de Curso.UFSC. Departamento de Serviço Social. Florianópolis 1998. (98.1195)

SILVA, Silvana da. **O grupo contadores de história: um projeto político-pedagógico.** Trabalho de Conclusão de Curso.UFSC. Departamento de Serviço Social. Florianópolis 1999. (99.1250)

SILVEIRA, Cristie B. C. **Aposentadoria – uma conquista no SESC.** Trabalho de Conclusão de Curso.UFSC. Departamento de Serviço Social. Florianópolis 1997.(97.1100)

ANEXO B - Cópia Programação das Colônias de Férias dos Idosos

I COLÔNIA DE FÉRIAS DA 3ª IDADE

LOCAL: CENTRO DE VERANEIO DE CACUPÉ

DATA: 05 e 06 de maio de 1984

P R O G R A M A

05 de maio - sábado

08:00 horas - Saída do CAF (primeira viagem)

09:30 horas - Abertura oficial:

Apresentação dos Grupos
Saudação por um membro
Coral do SESC

10:30 horas - CAÇA AO TESOURO

12:00 horas - Almoço

Tempo livre

14:00 horas - GINCANA ESPORTIVA

16:00 horas - Lanche

16:30 às 19:00 horas - SARAU DANÇANTE

20:00 às 22:00 horas - SHOW-SURPRESA

06 de maio - domingo

08:00 horas - Café

09:00 horas - Passeio a pé

10:45 horas - Escolha da MÃE DO ANO:

Apresentação das candidatas
Sorteio
Entrega da Faixa pela MÃE 83,
senhora Julieta Brito.
Palavras das MÃES 83 e 84.
Valsa das Mães

12:00 horas - Almoço (Risoto)

Tempo livre

14:00 às 16:00 horas - MUSICAL "VIVA A VALSA"

16:15 horas - Encerramento da Colônia de Férias com ce-
lebração da SANTA MISSA.

17:00 horas - Retorno

SESC - CENTRO DE ATIVIDADES DE FLORIANÓPOLIS
ORIENTAÇÃO EM GRUPO

II COLÔNIA DE FÉRIAS DA 3ª IDADE

LOCAL: COLÔNIA DE FÉRIAS DE CACUPÉ

DATA: 03 a 05 de maio de 1985

P R O G R A M A

03 de maio - 6ª feira

13:00 horas - Saída do CAF (primeira viagem)

17:00 horas - Abertura oficial:

Apresentação dos Grupos

Saudação por um Coloniano

Apresentação do Coral

18:00 horas - Jantar (livre)

19:30 horas - Bingo-dançante

04 de maio - sábado

07:00 horas - Despertar

07:30 horas - Café

08:30 horas - Manhã recreativa

12:00 horas - Almoço

TEMPO LIVRE

14:00 horas - Técnicas artísticas

18:00 horas - Jantar (livre)

19:30 horas - TALENTOS EM AÇÃO - Show surpresa

05 de maio - domingo

07:00 horas - Despertar

07:30 horas - Café

08:30 horas - Caminhada (dentro da CFC)

09:30 horas - SANTA MISSA

12:00 horas - Almoço

TEMPO LIVRE

14:00 horas - Sarau-dançante

16:00 horas - Escolha da MÃE DO ANO - Programa especial

18:00 horas - Retorno

Muita alegria, pessoal! A II COLÔNIA será sucesso total!

02 de maio - 6^a feira

08:00 horas - Transporte dos participantes para a Colônia de Férias de Cacupé.

O período da manhã será reservado para acomodar os Colonianos nos alojamentos e para outras providências necessárias ao bom andamento da promoção.

12:00 horas - Almoço no restaurante da CFC.
Tempo livre

14:00 horas - Abertura oficial da III COLÔNIA DE FÉRIAS
Apresentação dos Grupos
Saudação por um Coloniano
Apresentação do CORAL

15:30 horas - BINGO

18:00 horas - Jantar (livre)

19:30 horas - SHOW MARAVILHA (números artísticos apresentados pelos Idosos).

03 de maio - sábado

07:00 horas - Despertar

07:30 horas - Café no restaurante da CFC.

08:30 horas - ESPORTE, RECREAÇÃO E LAZER PROGRAMADOS, sob a responsabilidade do Setor de Esportes do CAF.

12:00 horas - Almoço no restaurante da CFC.
Tempo livre

15:00 horas - TARDE DO VANERÃO

18:00 horas - Jantar (livre)

19:30 horas - RECORDAR É VIVER... (Show dos Idosos).

22:30 horas - SERENATA AO LUAR

04 de maio - domingo

07:00 horas - Despertar

07:30 horas - Café no restaurante da CFC.

08:30 horas - Caminhada e bate-papo em pequenos grupos.

10:00 horas - SANTA MISSA

12:00 horas - Almoço no restaurante da CFC.
Tempo livre

14:00 horas - Programa dedicado às MÃES
Escolha da MÃE DO ANO

16:30 horas - BAILE de encerramento

18:00 horas - Retorno

PROGRAMA

03 de junho - 4ª feira

- 08:00 horas - Transporte dos participantes para a Colônia de Férias de Cacupé.
O período da manhã será reservado para acomodar os Colonianos nos alojamentos e para outras providências necessárias ao bom andamento da promoção.
- 12:00 horas - Almoço no restaurante da CFC
Tempo livre
- 14:00 horas - ABERTURA OFICIAL da IV COLÔNIA DE FÉRIAS
Apresentação dos Grupos
CORAL DO SESC
- 16:00 horas - BINGO
- 18:00 horas - Jantar (livre)
- 19:30 horas - Show "O CORAÇÃO NÃO TEM IDADE"
- 22:00 horas - ORAÇÃO PELA PAZ (Terço ao ar livre).

04 de junho - 5ª feira

- 07:00 horas - Despertar
- 07:30 horas - Café na lanchonete da CFC
- 08:30 horas - PRECE MATINAL (no 1º andar da Administração)
- 09:30 horas - RECREARTE - Atividades orientadas pelo Setor de Esportes do CAF.
- 12:00 horas - Almoço no restaurante da CFC.
Tempo livre
- 14:30 horas - Projeções de Vídeo-cassette:
- O PROBLEMA DA TERCEIRA IDADE
- SESC - TRABALHO SOCIAL COM IDOSOS (São Paulo)
- 16:30 horas - Debate em Grupo e Orientações Médicas para preservação da Saúde do Idoso, sob a responsabilidade do Dr. Carlos Alberto Silva, médico do Departamento Regional do SESC.
- 19:00 horas - Jantar (livre)
- 20:00 horas - BAILE DAS FLORES
- 22:00 horas - AÇÃO DE GRAÇAS (ao ar livre).

05 de junho - 6ª feira

- 07:00 horas - Despertar
- 07:30 horas - Café na lanchonete da CFC
- 08:30 horas - PRECE MATINAL (no 1º andar da Administração)
- 09:00 horas - REVIVENDO OS BRINQUEDOS DE OUTRORA...
(na 1ª quadra polivalente)
- 12:00 horas - Almoço no restaurante da CFC
Tempo livre
- 14:00 horas - MOMENTO CULTURAL
- 16:30 horas - ENCERRAMENTO da IV COLÔNIA DE FÉRIAS
- 17:00 horas - Retorno

PROGRAMA

13 de maio - 6ª feira

- 08:00 horas - Transporte dos participantes para a Colônia de Férias de Cacupé.
O período da manhã será utilizado para acomodar os Colônianos nos alojamentos e para outras providências necessárias ao bom desempenho da promoção.
- 12:00 horas - Almoço no Restaurante da CFC
Tempo livre
- 14:00 horas - Abertura oficial da V COLÔNIA DE FÉRIAS
Palavras da sra. Iolanda Regis, membro do Grupo FRATERNIDADE.
Apresentação do CORAL
- 16:00 horas - Palestra sobre NUTRIÇÃO, com debates em grupo, sob a responsabilidade da nutricionista do SESC, Luciana Azevedo do Nascimento.
- 18:00 horas - Jantar (livre)
- 19:30 horas - NOITE DA ALEGRIA (Programa surpresa dos Grupos)
- 22:30 horas - Recitação do TERÇO (ao ar livre)

14 de maio - sábado

- 07:00 horas - Despertar
- 07:30 horas - Café na lanchonete da CFC
- 08:30 horas - Prece Matinal (salão do 1º andar)
- 09:30 horas - MANHÃ RECREATIVA (atividades orientadas pelo Setor de Esportes do CAF)
- 12:00 horas - Almoço no Restaurante da CFC
Tempo livre
- 14:00 horas - SARAU CULTURAL (salão do 1º andar)
- 16:00 horas - BINGO
- 18:00 horas - Jantar (livre)
- 19:30 horas - BAILE DO JEANS
- 21:30 horas - Escolha da MÃE 88 (Programa especial dedicado às MÃES)
- 22:30 horas - AÇÃO DE GRAÇAS (ao ar livre)

15 de maio - domingo

- 07:00 horas - Despertar
- 07:30 horas - Café na lanchonete da CFC
- 08:30 horas - Prece Matinal (salão do 1º andar)
- 09:00 horas - Ó QUE SAUDADES QUE EU TENHO... DA MINHA INFÂNCIA QUER DA ... (brinquedos de outrora - na 1ª quadra polivalente).
- 12:00 horas - Almoço no Restaurante da CFC
Tempo livre
- 14:00 horas - Encerramento da V COLÔNIA DE FÉRIAS
Palavras do Sr. Brum José Alves, do Gr. A VIDA CONTINUA
- 15:00 horas - Retorno

A V COLÔNIA DE FÉRIAS proporcionará aos Idosos do CENTRO DE ATIVIDADES DE FLORIANÓPOLIS o extravasamento das suas energias e potencialidades, através de atividades físicas, recreativas e sociais, ao mesmo tempo valorizando-os como pessoas aptas a uma vida normal, ativa e feliz na sociedade.

APÊNDICE C - Quadro Demonstrativo dos Conselhos do Idoso em Santa Catarina

0

CONSELHO ESTADUAL DO IDOSO DO ESTADO DE SANTA CATARINA**QUADRO DEMONSTRATIVO
DOS CONSELHOS MUNICIPAIS DO IDOSO DE SANTA CATARINA
MARÇO DE 2006**

MUNICIPIO	CONSELHO	PRESIDENTE	ENDEREÇO	FONE E E-MAIL
POMERODE	Lei 92/2004	GLADYS DINHA KVESEL	Rua Frederico Veiger, s/n – Centro, 89.107.000	(47) 387-0939
TIMBÓ	Lei 2200/2003	OLÍVIA PEYER	Rua Curitiba, 357 – Capitais, 88.120-000	(47) 382-7604
BOTUVERÁ	Lei 883/2002	NEIDE APARECIDA FLORIANO	Rua João Nureli, 66 – Centro, 88.370-000	(47) 359 -1311
ASCURRA	Lei 0950/2003	PAULO BERTOLDI	Rua Ribeirão, s/n – São Paulo, 89.138-000	(47) 385 -0487
APIÚNA	Lei 412/2001	ALTAIR REGINA BRANDES	Av. Florianópolis, 107 – Centro, 89.135-000	(47) 353-1431 (47) 353-0221
NOVA TRENTO	Lei 1691/2000	CLEONICE IOMAZE DAROS	Rua Nicolau Bado, 321, 88.270-000	(48) 267-0188
JOINVILLE	Lei 4.733/2003	MARIA JOSÉ BACK	Av Procópio Gomes, 749 – Centro, 89.202.300	(47) 433-3774
BRUSQUE	Lei 2.612/2002	MARIO PESSOA	Rua Padre Gatosse, 86, ap 202, 88.350-350	(47) 351-5278 (47) 9963-0161

CONSELHO ESTADUAL DO IDOSO DO ESTADO DE SANTA CATARINA

MUNICIPIO	CONSELHO	PRESIDENTE	ENDEREÇO	FONE E E-MAIL
PAIAL	Lei 152/2001	ISIDORO ESPÓSITO	Linha São José - Interior	(49) 451-0045
SÃO BENTO DO SUL	Lei 207/2001	CLEISA P. VIEIRA		(47) 631-6187
IRANI	Lei 158/2002	CONSTANTINA SUZIM	Rua Saldanha Marinho, s/n	(49) 432-0133
SEARA	Lei 1.307/2004	JOÃO AGNOLI	Vila Nova	(49) 452-1078
CONCÓRDIA	Lei 3.322/2001	JOSÉ MARTINS	Rua Leonel Mosele, 285 – Centro, 89.700-000	(49) 442-0119
IPIRA	Lei 143/1998	LAUDI BARETTA	Rua VX de Agosto, s/n	(49) 553-0795
Dr. PEDRINHO	Lei 561/2004	EDNA I. CARDOSO	Rua Brasília, 02 – Centro, 89.126-000	(47) 388-0633 (47) 388-0560
PAULO LOPES	Lei 873/2000	CLEUSA ANTONIO VIEIRA	Rua Florianópolis, s/n – Centro, 88.490-000	(48) 253-0144 (48) 253-0326
SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA				(48) 277-0122

CONSELHO ESTADUAL DO IDOSO DO ESTADO DE SANTA CATARINA

MUNICÍPIO	CONSELHO	PRESIDENTE	ENDEREÇO	FONE E E-MAIL
FLORIANÓPOLIS	Lei 6.134/2002	WALACE LUIZ TOMASI	Rua Filipe Schimidt, 249 Edf ARS, 7º andar sala 707.	(48) 3025-6715
BLUMENAU	Lei 484/2004	ROBERTO PIRES	Rua Santa Rita, 68 – It Norte, 89.053-390	(47) 3037-2398
ITAJAI	Lei 3.365/1998	REINÃO FRANÇA	Rua Uruguai TV Moritz, 56 – Centro, 88.200-206	(47) 344-0248
ITAIOPOLIS	Lei 005/2002	MELANIA LANDOS KI	Rua Alfredo Scneider, 1469 – Paraguaçu, 88.340-000	(47) 652-2138
GAROPABA	Lei 317/1998	MARIVONE ABREU	Praça Gov. Ivo Silveira, 296 – Centro 89.495-000	(48) 254-3124
CAMPO ERÊ	Lei 080/2002	IVONE	Rua 1º de Maio, 736 – Centro, 89.980-000	(49) 655-1793
TAIÓ	Lei 2.948/2003	MARIA ZSTRINGARI	Av. Luiz Bertuli, 44 – Centro, 89.190-000	(47) 562-0526
ITUPORANGA	Lei 1.934/2002	ASTA MARTINS	Rua Joaquim Boing, 40, 88.400.000	(47) 533-1211
GASPAR		ROSELENE DA COSTA	Av Das Comunidades, 133 – Centro, 89.110-000	(47) 332-2020 R 221

CONSELHO ESTADUAL DO IDOSO DO ESTADO DE SANTA CATARINA

MUNICIPIO	CONSELHO	PRESIDENTE	ENDEREÇO	FONE E E-MAIL
LAGES	Lei 160/2001	DAILVA M. BARBOSA	Rua Monte Castelo, 209 – Centro, 88.501-060	(49) 224-3014
JOAÇABA	Lei 2.457/1997	IVETE A. FANCIM	Av. XX de Novembro, 3800 – Centro, 89.600-000	(49) 522-2692
VIDEIRA	Lei 024/2002	IVANDIR VOIDALEKI	Rua Fioravante Macori, 40 – Santos Dumont, 89.560-000	(49) 522-2692
TANGARÁ	Lei 1.535/2001	HENERI PANCERI	Av Irmãos Picoli, 267, 89.642-000	(49) 532-1217
CRICIÚMA	Lei 3.814/1999	EMILIA NAZARÉ GOMES	Rua Domenico Sonega, 542 – Santa Bárbara	(48) 431-0065 (48) 431-0321
FRAIBURGO	Lei 1.684/2003	AREALBA ANTUNES CESCA		(49) 246-2222 (49) 246-3346
CAÇADOR	Lei 1.953/2003	LÉLIA PAES BENDER	Rua Laguna, 276 – 89.500-000	(49) 563-2759
PINHEIRO PRETO	Lei 1.026/2001	TRANQÜILO DE COSTA	Av Mal. Castelo Branco, 858, 89.570-000	(49) 562-1043
TIJUCAS	Lei 1.532/1999	MARIA AMÉLIA CAMARGO	Rua José Joaquim Santana, 36 – Bairro Universitário	(48) 263-0150
TIMBÓ		OLIVIA PAYERL	Rua Curitiba, 357 – Campinas, 89.120-000	(47) 382-7604
MUNICIPIO	CONSELHO	PRESIDENTE	ENDEREÇO	FONE E E-

CONSELHO ESTADUAL DO IDOSO DO ESTADO DE SANTA CATARINA

				MAIL
PALHOÇA	Lei 1.224/2001	JOSÉ STEFANOB. DA SILVA	Rua Antonio Monis de Aragão, 62 – Ponte do Imaruim, 88.130-360	(48) 242-5410
RIO DAS ANTAS	Lei 16/1998	LÚCIA MARIA BRANCHER	Rua do Comércio, 1045, 89.550-000	(49) 564-0114
FRAIBURGO	Lei 1.684/2003		Av Rio das antas, 185 – Centro, 89.580-000	(49) 246-3346
INDAIAL	Lei 3.296/2004	MARCIA DA ROCHA	Rua Leoberto Leal N° 191-Tapajós CEP 89.130.000 INDAIAL	
CAMPO BELO DO SUL	Lei 1.367/2003	IARA ARRUDA BRANCO	Rua Major Teodoro Furtado, 79 – 88.580-000	(49) 249-1270
BENEDITO NOVO	Lei 1.188/2001	WALLY HILLES	Rua Cruz e Souza, s/n – Rio Tigre, 89.124-000	(47) 385-0487
CANELINHA	Lei 1.779/2000	OLGA LEAL STEL	Rua João Vicent, s/n – Centro, 88.230-000 CANELINHA	(48) 264-0155
SÃO JOÃO BATISTA	Lei 2.572/2003	ADEMIR JOSÉ	Av João Vicente Gomes, 47 – Centro, 88.240-000	(48) 265-0104
ALFREDO WAGNER	Lei 476/2001	TANIA MARIA SILVESTRI	Rua Florêncio de Abreu, s/n – Centro, 88.450-000	(48) 276-1211
MUNICIPIO	CONSELHO	PRESIDENTE	ENDEREÇO	FONE E E-

CONSELHO ESTADUAL DO IDOSO DO ESTADO DE SANTA CATARINA

				MAIL
CUNHA PORÃ	Lei 3.028/2004	TEREZINHA INES RAMPI	Rua Mauro Brasil, 1639 - 89.890-000	(49) 646-3333
CUNHATAÍ		SILVANI BILHA THEISEN	Rua Principal, s/n - 89.860- 000	(49) 338-0010
JARAGUA DO SUL	Lei 3.486/2003	MARIA TEREZA DE AMORIM NORA	Rua Walter Marquardt, 1111 - Rio Molha, 89.259-700	(47) 370-7562
LEOBERTO LEAL	Lei 0100/1998	ÉDIO ESTEVÃO BRAMBILA	Estrada Geral Rio Areias - Rio Areias, 88.445-000	(48) 268-1327
MARAVILHA	Lei 2.853/2003	MARCLEI GRANDO	Av Euclides da Cunha, 60 - 89.874-000	(49) 664-0044
OTACILIO COSTA	Lei 1.464/2004	CAMILA D. FROEHNER	Av James Roberto Amos, 295 apt, 02 - Poço Rico, 88.870-000	(49) 275-0451
PONTE SERRADA	Decreto Lei 005-2004	FRANCISCA M. FERREIRA	Rua Madre Maria Theodora 264 CEP 89.683.000	(49) 4350122 99847171
BIGUAÇU	Lei 1.582/2001	MARINES	Rua Hermógenes Prazeres, 59 - Centro, 88.160-000	(48) 243-1391 (48) 285-1076